

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA – UNIARA
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL E
MEIO AMBIENTE

DILEMAS E PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO
PROFISSIONALIZANTE: UM ESTUDO DE CASO DA ESCOLA
Etec “SYLVIO DE MATTOS CARVALHO”
DA CIDADE DE MATÃO – SP

MARCELO APARECIDO JOLLI
ORIENTADORA: Profa. Dra. Vera L. S. Botta Ferrante

ARARAQUARA – SP

2012

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA – UNIARA
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL E
MEIO AMBIENTE**

**DILEMAS E PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO
PROFISSIONALIZANTE: UM ESTUDO DE CASO DA ESCOLA
ETEC “SYLVIO DE MATTOS CARVALHO”
DA CIDADE DE MATÃO – SP**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio
Ambiente da Uniara, como requisito para
obtenção do Título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Vera L. S. Botta
Ferrante

ARARAQUARA – SP

2012

FICHA CATALOGRÁFICA

J66d Jolli, Marcelo Aparecido

Dilemas e perspectivas da educação profissionalizante:
um estudo de caso da Escola ETEC “Sylvio de Mattos Carvalho”
da cidade de Matão-SP/Marcelo Aparecido Jolli – Araraquara:
Centro Universitário de Araraquara, 2012.
138f.

Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário de Araraquara.
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e
Meio Ambiente.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Vera L. S. Botta Ferrante

1.Educação Profissional. 2. Desenvolvimento local. 3. Ensino
Técnico. I. Título

CDU 504.03

FOLHA DE APROVAÇÃO

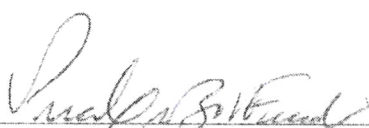
NOME DO ALUNO: Marcelo Aparecido Jolli

TÍTULO DO TRABALHO: Dilemas e perspectivas da Educação profissionalizante:
um estudo de caso da Escola ETEC "Sylvio de Mattos Carvalho" da cidade de Matão
- SP

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, curso de Mestrado, do Centro Universitário de Araraquara – UNIARA – como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente.

Área de Concentração: Dinâmica Regional e Alternativas de Sustentabilidade.

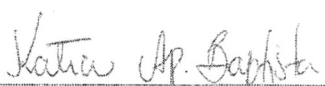
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Vera Lúcia S. Botta Ferrante
UNIARA - Araraquara



Profa. Dra. Maria Lúcia Ribeiro
UNIARA - Araraquara



Profa. Dra. Kátia Aparecida Baptista
UNESP - Araraquara

AGRADECIMENTOS

A Deus pela proteção constante em minha vida, razão de minha existência.

À professora Vera L. S. Botta Ferrante, de modo muito especial, meus agradecimentos pela paciência, competência, determinação, incentivo, confiança e respeito. Mesmo diante dos percalços enfrentados estive sempre disponível, exigente em sua orientação, vibrando comigo a cada degrau construído. Meu muito obrigado.

A todos os professores que compuseram as bancas desde o primeiro seminário de defesa deste projeto, os meus sinceros agradecimentos. Meu carinho especial às professoras Dra. Maria Lucia Ribeiro – UNIARA e Dra. Kátia Aparecida Baptista – UNESP/Araraquara que compuseram a banca de defesa, muito obrigado por aceitarem e acreditarem em minha pesquisa.

Aos professores e funcionários do Mestrado, que com carinho e atenção ajudaram-me nesta caminhada, chegando comigo ao final. Obrigado pela atenção e pelo convívio fraterno.

Aos professores, diretor, secretaria, de modo especial à coordenadora do núcleo pedagógico Rosana Karin Gonçalves e ao coordenador do eixo tecnológico, Carlos Alberto Diniz, que não mediram esforços para me ajudar, abrindo as portas da ETEC – “Sylvio de Mattos Carvalho”, contribuindo com todos os materiais necessários e orientações precisas. A vocês, o meu muitíssimo obrigado mesmo.

À professora e amiga Railda Dias que sempre me deu apoio, compreensão, orientação e dedicou-se na transcrição das entrevistas e da correção literária. Obrigado por ter estado comigo neste caminho. As minhas amigas Vera Bovo e Fernanda Dalarmi que estiveram sempre presentes nos momentos em que eu precisava, meu muito obrigado.

Ao Dom Paulo Sérgio Machado, Bispo Diocesano de São Carlos, pelo incentivo ao nosso estudo. Ao meu amigo Jorge João Aparecido Nahra, parceiro de jornada e do mestrado, que esteve sempre ao meu lado e atento na escolha desta pesquisa. Não me faltou atenção em todos os momentos. A você, minha gratidão.

A minha família, aos meus pais, Mauricio e Neuza Jolli e ao meu irmão Magno por serem referencial de minha conduta, dignidade e caráter. Obrigado! Amo vocês!

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, meus sinceros agradecimentos e atenção.

Para:

Meu querido e amado irmão Marcos Rogério Jolli (in memorian), com muita saudade de você entre nós, mas a grande certeza da ressurreição.

Você é um grande exemplo de educação, organização, caráter e projeto. Com você aprendi a lutar pelos meus sonhos, sem destruir os dos outros. Te amo muito!

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 01 – Oficina de sapataria da década de 1920..... | 32 |
| Figura 02 – ETEC Matão (1.943)..... | 67 |
| Figura 03 – ETEC Matão (1950 – 1960)..... | 68 |
| Figura 04 – Vista aérea da ETEC Matão (1.980)..... | 70 |
| Figura 05 – ETEC Matão (1.990) | 72 |
| Figura 06 – Foto aérea da ETEC Matão (2011)..... | 72 |
| Figura 07 – ETEC Matão (2.010)..... | 72 |
| Figura 08 – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza..... | 75 |
| Figura 09 – Região Administrativa do Centro Paula Souza | 76 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|-----|
| Tabela 01 – Educação Profissional de nível técnico: áreas profissionais e cargas horárias mínimas..... | 40 |
| Tabela 02 – Lista dos municípios da Região Administrativa Central..... | 59 |
| Tabela 03 – Território e População de Matão | 60 |
| Tabela 04 – Comparação de Demografia: Matão e Região de Governo de Araraquara | 61 |
| Tabela 05 – Crescimento Populacional de Matão | 62 |
| Tabela 06 – População Masculina e Feminina de Matão | 62 |
| Tabela 07 – Número de Empresas e trabalhadores da cidade de Matão | 65 |
| Tabela 08 – Emprego e Rendimento: Matão, RG e o Estado..... | 66 |
| Tabela 09 – Dados da Economia de Matão | 67 |
| Tabela 10 – Processo Seletivo: Vestibulinho 2010/2011..... | 91 |
| Tabela 11 – Processo Seletivo: Vestibulinho 2010/2011..... | 91 |
| Tabela 12 – Processo Seletivo: Vestibulinho 2012..... | 91 |
| Tabela 13 – Alunos concluintes do primeiro e segundo semestre de 2010..... | 92 |
| Tabela 14 – Número de alunos para o ano de 2012..... | 94 |
| Tabela 15 – Formandos de 2006/2007..... | 102 |
| Tabela 16 – Empregabilidade dos Egressos 2008 | 103 |
| Tabela 17 – Vínculo Empregatício: comparação entre as turmas 2006 e 2007..... | 104 |
| Tabela 18 – Índice de Empregabilidade..... | 105 |

Lista de Abreviaturas, siglas e elementos

BID – Banco Internacional de Desenvolvimento

CEET – Centro Estadual de Educação de São Paulo

CEETEPS – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

CEFETs – Centros Federais de Educação Tecnológica

CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe

ETEC – Escola Técnica Estadual Centro Paula Souza

ETESP – Escola Técnica São Paulo

FATECS – Faculdades de Tecnologia Centro Paula Souza

FHC – Fernando Henrique Cardoso

FMI – Fundo Monetário Internacional

LDB – Leis de Diretrizes e Bases

MBA – Master in Business Administration

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MTb – Ministério do Trabalho

PEA – População Economicamente Ativa

PEQ's – Planos Estaduais de Qualificação

PLANFOR – Plano Nacional de Educação Profissional

PPG – Plano Plurianual de Gestão

PROEJA – Educação Profissional com a Educação de Jovens e Adultos

RG – Região Administrativa de Araraquara

RH – Recurso Humano

SAI – Sistema de Avaliação Institucional

SAIE – Sistema de Acompanhamento Institucional de Egressos

SEADE – Sistema Estadual de Análise de Dados

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SEFOR – Secretaria de Formação e Desenvolvimento Profissional do Ministério do Trabalho

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

SENAT – Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte

SESC – Serviço Social do Comércio

SESI – Serviço Social da Indústria

SEST – Serviço Social do Transporte

SETEC – Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos – SP

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

RESUMO

JOLLI, Marcelo Aparecido. **Dilemas e perspectivas da Educação profissionalizante: um estudo de caso da Escola ETEC “Sylvio de Mattos Carvalho” da cidade de Matão** 2012. Dissertação – Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – Uniara.

Esta pesquisa teve por objetivo investigar alunos egressos dos cursos técnicos: mecânica, eletrônica e mecatrônica da Escola ETEC – “Sylvio Mattos Carvalho”, a fim de sabermos se a educação profissional contribui ou não para a inserção dos jovens no mercado de trabalho na cidade de Matão – SP. Por Educação Profissional assumimos o princípio expresso na Lei n. 9394/96 que a define como uma educação integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, ao desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva, considerando as abordagens críticas a esta visão. A proposta metodológica incluiu uma revisão bibliográfica sobre ensino profissionalizante, a formação dos professores, a qualificação dos alunos e sobre a relação possível entre desenvolvimento local e ensino técnico. A pesquisa de campo foi desenvolvida com alunos egressos a partir dos questionamentos que emergiram sobre suas trajetórias: escolares, profissionais e relação familiar, o valor da formação e certificado técnico, o papel da ETEC em suas vidas; quanto ao professor e aos empresários, as entrevistas foram abertas a respeito da vida pessoal, empresarial e da parceria com a Escola. Frente às entrevistas, ficou claro que os empresários conhecem a Escola ETEC “Sylvio de Mattos Carvalho” e acompanham o seu desempenho, apostam na formação dada pela instituição, falam da necessidade de receber a mão-de-obra qualificada por ela e o quanto eles valorizam o empregado formado pela instituição. Em relação aos professores, existe o esforço da escola em preparar o aluno para o mercado, querer torná-lo polivalente, mas a dificuldade está em saber concretamente que tipo de sujeito, quais competências e habilidades são importantes para o mercado e mais, nem todos os alunos têm o devido interesse sobre o que estudam. Por fim, ficou evidente, diante dos depoimentos apresentados, que esses egressos têm uma grande gratidão pela ETEC, o sucesso de estarem trabalhando é todo dos cursos que eles fizeram. Mesmo apontando alguns aspectos negativos, esses egressos valorizam muito o papel da escola em suas vidas e o desenvolvimento industrial da cidade. A pesquisa de campo mostrou onde estão esses técnicos formados e como a formação se restringiu a competências determinadas, conseqüentemente, não avançando no sentido integral das relações interpessoais.

Palavras chave: educação profissional, desenvolvimento local, ensino técnico.

ABSTRACT

JOLLI, Marcelo Ali. **Dilemmas and prospects of vocational education: a case study of the ETEC School "Sylvio Carvalho de Mattos" City Matão** 2012. Thesis - Masters Program in Regional Development and Environment - Uniara.

This research aimed to investigate former students of technical courses: mechanical, electronics and mechatronics School ETEC - "Sylvio Carvalho Mattos" in order to know whether or not vocational education contributes to the integration of young people in the labor market in the city of Matão - SP. The methodology includes a literature review on vocational education, teacher training, qualifications of students and on the possible relationship between local development and technical education. The field includes the following strategies: monitoring of teacher training, content, material used in class, its suitability or not the curriculum guidelines set by the educational policies, and other development aspects of the course. Will be interviewed teachers, coordinators and selected from among the alumni of the areas electronics, mechatronics and mechanical engineering, a group considered to be his personal and professional after completion of ETEC. For Professional Education assume the principle expressed in the Law. 9394 which defines it as an integrated education for various forms of education, work, science and technology, the development of skills for a productive life, considering the critical approaches to this vision. Teaching technical skills as mid-level professionals. The field research will show where these technicians are trained and the training was restricted to certain skills or advanced in the full sense of interpersonal relations.

Keywords: professional education, local development, technical education.

Sumário

Introdução

| | |
|----------------------------|----|
| Trajetória do autor..... | 14 |
| A escolha do projeto | 17 |
| Caminhos da Pesquisa..... | 20 |

Capítulo I

| | |
|--|-----------|
| O resgate histórico da Educação no Brasil | 25 |
| Introdução..... | 25 |
| I – Contextualização Geral da Educação..... | 27 |
| II – A Educação Profissional no Brasil..... | 31 |
| III – Neoliberalismo: Ideologia dominante | 44 |
| IV – O desafio de inserir-se no mercado de trabalho..... | 49 |
| V – Plano de Formação Profissional (PLNAFOR)! Retórica ou solução?..... | 52 |

Capítulo II

| | |
|---|-----------|
| A Escola Sylvio de Mattos Carvalho: educação profissionalizante inserida na cidade de Matão | 55 |
| Introdução..... | 55 |
| I – A cidade de Matão: do Arraial à festa de Corpus Christi..... | 56 |
| II – Escola Técnica Estadual Centro Paula Souza (ETEC) “Sylvio de Mattos Carvalho”: a democratização da qualificação. | 67 |
| III – Centro Paula Souza: a irradiação da educação profissionalizante | 73 |
| IV – A Rede Institucional da Escola “Sylvio de Mattos Carvalho”: gestão e administração..... | 78 |

| | |
|--|----|
| V – Os cursos..... | 84 |
| VI – A presença da educação profissionalizante no município: uma resposta às necessidades do mercado?..... | 94 |

Capítulo III

| | |
|---|------------|
| Sistema de avaliação institucional e lugares dos egressos no mercado de trabalho de Matão..... | 98 |
| Introdução..... | 98 |
| I – A metodologia geral de avaliação do Centro Paula Souza..... | 98 |
| II – Análise das entrevistas com empresários, docentes e alunos egressos..... | 107 |
| Considerações..... | 124 |
| Referências..... | 129 |
| Webliografia | 133 |
| Anexos..... | 136 |

Introdução

Trajatória do Autor

A educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva (Lei 9.394, art. 39).

A citação do artigo 39, inserida na lei 9.394 (Diretrizes e Bases da Educação Nacional), com a ideia de que a educação profissional é um caminho vocacional, conduz a muitos dilemas presenciados por mim, como pesquisador, já que tenho desenvolvido minha vida pessoal frente à educação religiosa, principalmente, ao lado dos jovens.

Sou o segundo filho de Maurício Jolli e Neuza Maria Nascimento Jolli. Estou entre meus irmãos Marcos (em memória) e Magno. Nasci aos 04 de fevereiro de 1977, na cidade de Umuarama, Paraná.

Aos 02 de novembro de 1984 minha família e eu, migramos para o Estado de São Paulo, para cidade de Matão, no bairro Jardim Morumbi em busca de uma vida melhor assim como fizeram muitos paranaenses, cujo objetivo era conquistar uma vida profissional e uma dignidade social melhores.

No ano de 1985 comecei meus estudos na Escola “Aderval da Silva”, no Jardim Santa Rosa, um bairro próximo a minha casa. Nesta escola cursei até a 7ª série do ensino fundamental. No ano de 1992, minha família adquiriu uma mercearia e nela tive meu segundo emprego. Antes eu e meus irmãos vendíamos sorvete pelas ruas da cidade. Devido às dificuldades no trabalho da mercearia quanto ao horário, decidimos que eu estudaria na Escola “Henrique Morato”, no centro, concluindo assim a 8ª série. Nessa mesma escola dei continuidade aos estudos e iniciei e terminei o curso de Magistério no ano de 1996.

No ano de 1997 iniciei um processo intenso de discernimento vocacional ingressando no Seminário Propedêutico, na cidade de Jaú no ano de 1997.

Em 1998 comecei a cursar a Faculdade de Filosofia no Seminário Diocesano da Diocese de São Carlos – SP.

No Ano de 2001 comecei meus estudos teológicos na Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC. Nas férias de 2002-2003 fiz o curso de

Assessoria para Juventude (CAJU), em Porto Alegre – RS, realizado pelo Instituto da Juventude – IPJ, coordenado pela Universidade de Porto Alegre (UNISINOS).

Este curso capacita assessores que lidam com a juventude e está estruturado com disciplinas específicas, tendo uma abordagem interdisciplinar. Tem como conteúdo programático a discussão de temas de Sociologia e de Psicologia entre eles: religião, inserção social, pastoral, família, mídia, internet, drogas, aborto, trabalho, sexualidade, educação e projeto de vida, cujos temas são importantes para sociedade contemporânea exigindo, portanto, uma abordagem interdisciplinar. Com esta formação, comecei em 2001, na Diocese de São Carlos, ainda seminarista, a função de assessor nos trabalhos com o jovem, trazendo da Diocese e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) documentos para estudo e projetos de trabalho na formação da juventude.

O primeiro passo foi percorrer o espaço geográfico da Diocese indo às paróquias e região pastoral (paróquias próximas que visam à unidade de trabalho) ¹ na formação de novos grupos de jovens e acompanhamento dos já existentes.

O trabalho foi desafiador, porém, fascinante. Iniciamos em 2003 com uma equipe formada por cinco jovens, a escola bíblica para juventude. A estrutura pedagógica do curso visava à formação teológica buscando refletir questões pertinentes e atuais a partir da história e doutrina da Igreja Católica. Algum tempo depois esta escola estendeu-se a todas as regiões pastorais da Diocese e teve duração de três anos.

Para os trabalhos diocesanos contava com uma equipe que de 2000 a 2004, no mês de outubro, no dia Nacional da Juventude (DJN) realizávamos show de teatro, festival de música, formação de lideranças. No ano de 2011 realizamos o DNJ em nível diocesano, que tem um caráter formativo voltado às políticas públicas para os jovens, buscando despertar neles o senso crítico e a cidadania.

Aos 27 de dezembro de 2004 fui ordenado Diácono transitório e depois de oito meses, aos 05 de agosto de 2005, fui ordenado sacerdote. Com o segundo grau do sacramento da ordem (sacerdote) o trabalho de assessoria aumentou e,

¹ **Região 1:** São Carlos, Ibaté, Itirapina, Ribeirão Bonito e Dourado.

Região 2: Araraquara, Motuca, Rincão, Santa Lucia, Américo Brasiliense e Gavião Peixoto.

Região 3: Matão, Itápolis, Tabatinga, Nova Eupora, Ibitinga e Borborema.

Região 4: Jaú, Itajú, Bariri, Itapuí, Bocaina, Trabiú e Boa Esperança do Sul.

Região 5: Brotas, Torrinha, Dois Córregos, Mineiros do Tietê e Barra Bonita.

consequentemente, a função de pároco passou a exigir uma atuação mais incisiva no trabalho pastoral, mas não me impossibilitou a atuação no trabalho junto à juventude.

Os primeiros anos de sacerdote foram na cidade de São Carlos, na paróquia São João Batista, localizada no Bairro Santa Felícia. Por ela ter um perfil juvenil, um dos grandes desafios era encorajar a juventude, fazê-la acreditar em sua dignidade e em seu potencial. Por ser uma realidade periférica, a auto-estima da maioria desses jovens em conquistar seus sonhos era quase ilusória.

Era preciso formar lideranças. Começamos com um grupo de estudos e de encontros semanais. Engajando-os na comunidade e despertando o protagonismo juvenil. Fortalecemos as reuniões semanais com teatros, músicas, romarias, eventos, retiros, funções como catequese, leitura nas celebrações eucarísticas (missa).

Em conjunto com alunos da UFSCAR (Universidade Federal de São Carlos) desenvolvemos o projeto “Santa Fé” que funciona até hoje, com o objetivo de preparar o jovem para universidade através de cursinho que contava com professores voluntários de cada área.

No ano de 2009 fui transferido para cidade de Matão, paróquia Santa Cruz, localizada à Rua Sinharinha Frota, nº. 1772, Vila Buscardi. Por ser uma comunidade fundada há 25 anos, o desafio com a juventude foi maior devido a uma realidade de pessoas mais adultas, tornando-se necessário o resgate destes jovens e sua inserção na vida religiosa, social, política, cultural e econômica.

Em relação à paróquia São João Batista, a realidade juvenil da paróquia Santa Cruz é diferente. Como vários jovens estão nas universidades e muitos ainda não, consequentemente a busca pela profissão traz angústia e desespero para muitos deles. Embora, eu esteja em uma realidade diferente das anteriores, os anseios dos jovens matonenses e o trabalho que venho desenvolvendo com eles são os mesmos que venho exercendo desde o ano de 2001 com a juventude em geral.

O fantástico de tudo isso é buscar compreender os anseios, as lutas e as derrotas desses jovens e poder estar com eles e isso para mim é simplesmente magnífico. Um trabalho que não vem resolver todos os problemas de cada jovem, mas vem ser um referencial para ele seguir em frente com suas escolhas.

Preocupa-me ver os jovens da minha comunidade lidando com o anseio de realizar-se profissionalmente e com dificuldade de encontrar caminhos para esta realização.

Com a cobrança vinda até mesmo dos pais em dar um rumo à vida, esses jovens saem em busca por uma vida profissional e, muitas vezes, o ensino profissionalizante passa a ser uma escolha por não terem ingressado em uma universidade. Não que o ensino profissionalizante seja “*falta de opção*” até porque não são todos os jovens que vão à procura do ensino técnico, mas um referencial de capacitação de mão-de-obra frente ao mercado de trabalho do município.

Há um ano venho desenvolvendo junto aos grupos de jovens da paróquia Santa Cruz, encontros, palestras e diálogos sobre a vocação profissional. Busco trazer a eles apontamentos para escolha, até porque Matão oferece muitos caminhos que não conduzem a uma vida promissora, caminhos estes como a violência, as drogas e o próprio “*ócio*” que formam um prato cheio para não se ter um bom ideal de vida.

Diante desta realidade, onde o jovem busca sua “suposta independência”, mas que ainda precisa muito dos pais, principalmente na parte financeira, despertou-me o interesse dessa pesquisa sobre educação profissionalizante já que lido com essa juventude, não só no plano paroquial como diocesano. Pretendo, com esta pesquisa, ajudá-los em suas expectativas de trabalho e conquistas.

Portanto, esta pesquisa será uma grande ferramenta ao meu trabalho como pároco/assessor da juventude na Diocese de São Carlos, e principalmente, na paróquia em que estou atualmente.

A escolha do projeto

A decisão de estudar sobre a juventude acompanhou, como explicitado, meu projeto de vida. Desde meu ingresso no mestrado, passei por vários recortes de pesquisa junto à juventude, buscando um tema que viesse ao encontro da minha preocupação com a formação do jovem: seus anseios, suas escolhas, vivência na sociedade, família, sexualidade, trabalho e muitas outras.

Primeiro, queria estudá-la a partir dos referenciais da violência. Constatei ser o tema muito amplo, difícil de ser recortado em uma dissertação de mestrado, o que não descarta a importância da irradiação da violência em todos os espaços da vida social.

Depois pensei em fazer uma comparação entre grupos de jovens católicos e não católicos em termos de valores, de comportamento na relação com a família e com a sociedade. Este novo interesse surgiu em função de um seminário realizado na Universidade de Campinas (UNICAMP) em janeiro de 2009, intitulado:

“*Problematizando as Juventudes na Contemporaneidade*”. Comecei a pensar em definir o projeto como uma avaliação analítica da relação juventude e religião, não dissociada da vivência no trabalho, na escola, na cultura, na violência, na sexualidade e na família.

Depois, observando os jovens religiosos praticantes e não praticantes em alguns aspectos da vida, decidi focar a religião católica dentro do quadro de significações que os jovens atribuíam às coisas e às suas ações, sem perder de vista a relação dinâmica entre subjetividades e fatos concretos, entre existência individual e social.

Este novo interesse tornou-se um anteprojeto de pesquisa intitulado: *Juventude católica na cidade de Matão – Jovens católicos praticantes e não praticantes: a diferença no que pensam e fazem.*

Desejava avaliar a importância da religião entre os jovens contemporâneos, nos seus processos de elaboração e construção do mundo. Mais especificamente, propunha analisar as dimensões do projeto de vida de jovens que têm uma prática religiosa católica, verificando se há diferenças deste segmento em relação aos jovens que não têm religião e quais são as formas encontradas por este segmento de dialogar com o mundo.

O cerne da questão estava em pesquisar se as experiências grupais oferecidas pela religião – no caso a católica – possibilitavam aos jovens ter diferenças em seu projeto de vida; como estas possíveis diferenças se manifestavam na família, no trabalho e na sociedade. O jovem religioso realmente faz a diferença?

O projeto, elaborado em conjunto com minha orientadora foi apresentado à banca, dentro da disciplina Seminário de Pesquisas. Estava tudo direcionado a começarmos o trabalho, mas resolvi mudar mais uma vez, pois sentia que ainda não era exatamente o que queria pesquisar, o que reduziu ainda mais o tempo disponível para a pesquisa de mestrado.

Num mundo marcado pelo crescimento do desemprego e da violência, ao lado do desenvolvimento da tecnologia, a disparidade de renda, o acesso restrito à educação de qualidade e frágeis condições para a permanência nos sistemas escolares, a falta de qualificação para o mundo do trabalho, levam os jovens, principalmente os mais pobres, a se marginalizarem. Tais preocupações me levaram a desenvolver um novo eixo de pesquisa: trabalho e educação profissionalizante na vida dos jovens. Como padre e educador de uma geração que é o presente no mundo, a indagação é: Como é a

formação profissionalizante desses jovens? Depois de formados conseguem um lugar no mercado de trabalho?

Será que a preocupação maior da escola está em formar apenas um profissional, ou formar seres humanos plenos, livres, corajosos e criativos?

Este novo projeto de pesquisa não deixava de contemplar os meus anseios primeiros, mas tinha um viés diferente que vinha ao encontro das minhas perspectivas e dilemas frente a juventude do momento. Todo este processo despertou em mim a preocupação de como os jovens estão sendo educados para vida, para o mundo.

Comecei, então, um novo projeto: *Dilemas e perspectivas da Educação profissionalizante: um estudo de caso da Escola ETEC Sylvio de Mattos Carvalho da cidade de Matão*, projeto que passou a ser o tema desta dissertação de mestrado.

Tomei como base o que afirmou a diretora Superintendente do Centro Paula Souza, Laura Laganá, “*a educação profissional transforma a realidade econômica social e cultural de um país, revertendo estatísticas desfavoráveis aos nossos jovens, pois estes são atraídos pela busca de uma profissão que lhes garante uma qualificação no mercado, cada vez mais exigente*” (CEETEPS, p. 10).

Isso passou ser então, uma grande preocupação: Nossos jovens depois de passarem pela educação profissional conseguem um emprego? É sabido que a educação oferece grandes subsídios, mas de fato insere o formando no mercado de trabalho? A formação dada pela Escola Técnica Estadual Centro Paula Souza (ETEC) Sylvio de Mattos Carvalho supre as necessidades, frente ao desenvolvimento industrial da cidade de Matão?

Embora existam muitos estudos sobre educação profissionalizante², não encontrei, em minhas pesquisas, nenhum estudo da referida escola, a partir da história da ETEC de Matão. Então, despertou-me o interesse e a oportunidade de escrever a história de uma instituição escolar, da cidade e do seu desenvolvimento industrial e, além disso, procurar descobrir como a educação profissional pode facilitar ou não a inserção no mercado de trabalho aos alunos egressos e quais as controvérsias explicitadas nas análises sobre esta possível ou hipotética relação.

Espero que esta dissertação seja uma pequena contribuição a discussão das perspectivas profissionais dos jovens. Com certeza, este trabalho será de grande valia para meu ministério sacerdotal.

Caminhos da Pesquisa

Redefinido o recorte, passei a trilhar vários caminhos para melhor conduzir a pesquisa. Já conhecia a escola objeto deste estudo pelo prestígio e pela irradiação da sua atuação no processo de capacitação dos jovens.

O primeiro passo foi conhecer o município de Matão, local em que a Escola ETEC “Sylvio de Mattos Carvalho” está localizada; isto aconteceu no final do ano de 2010 e meados de 2011. Os primeiros contatos foram com as secretarias da prefeitura municipal: Desenvolvimento Econômico, Educação e Cultura, Fazenda, Assistência e Bem-estar Social e Saúde e fontes escritas sobre a cidade.

² BRYAN, Newton Antonio Paciulli. **Educação e Processo de trabalho: contribuição ao estudo da formação de trabalho no Brasil**. (Dissertação de Mestrado em Educação: Filosofia e História da Educação). Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP, 1983;
 MACHADO, Maria Teresa Garbin. **Uma análise histórica do ensino profissional: do ensino artesanal à implantação do currículo por competências numa unidade de rede de ensino técnico Estadual Paulista**. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto – SP, 2007;
 MENDES. Laudemir Otávio. **Políticas Públicas e a Pedagogia das Competências na Educação Profissional: a trajetória do ensino profissionalizante de nível técnico no Brasil e no Estado de São Paulo**. (Tese de Doutorado). Políticas Públicas e Educação da Universidade Estadual de Campinas – SP, 2005;
 SERAPHIM, Carla Regina Ulian Manzato. **Abordagem dos Resíduos de Serviços de Saúde (RSS) na Formação Profissional dos Auxiliares em Enfermagem de Araraquara – SP** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente Centro Universitário de Araraquara – UNIARA – SP, 2010;
 STFANINI, Deborah Maria. **As relações entre educação e trabalho nas trajetórias de alunos de uma escola técnica: uma análise a partir de Bourdieu**. (Dissertação de Mestrado em Educação) Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: UFSCar, 2008, 184f, dentre outros.

Das secretarias obtive alguns relatórios sobre o desenvolvimento da cidade como aspectos econômicos, políticos, educacionais e empresariais, além disso, algumas conversas informais sobre por onde começar. Sites como o do IBGE, SEADE e da prefeitura e outros, foram fontes de pesquisa para conhecer o desenvolvimento do município.

Sendo o desenvolvimento da cidade mais industrial, trabalhei os cursos mais exigidos para o mercado de trabalho: mecânica, mecatrônica e eletrônica. Assim, foquei na história da cidade em aspectos voltados a este desenvolvimento.

O segundo passo foi em março de 2011 quando me apresentei na escola e expliquei o projeto de pesquisa aos coordenadores e professores. Em seguida fui atendido pela coordenadora do núcleo pedagógico e o coordenador do eixo tecnológico: controle e processos industriais e obtive autorização em todos os sentidos para consultar professores, secretaria, funcionários, planos de ensino, parte do arquivo documental, a relação dos alunos que concluíram os cursos entre 2005-2010 nas áreas de conhecimento escolhidas (mecatrônica, mecânica e eletrônica), por terem perspectivas de maior relação com o desenvolvimento da cidade de Matão. Houve o convite do corpo docente para eu apresentar no final da pesquisa os resultados sobre a Escola, pois até então, nunca houve um estudo sobre a mesma. Os professores mostraram-se contentes, interessados e honrados com a pesquisa. Com isso, recebi da coordenação pedagógica todo tipo de informação, se não pessoalmente por via e-mail, quando solicitado.

Os primeiros contatos informais com o núcleo pedagógico foram de suma importância, pois conheci toda infraestrutura da escola, os regimentos, os planos de cursos (mecânica, eletrônica e mecatrônica), as empresas que recebiam os estagiários, as salas de aulas, os laboratórios, os alunos e também convites dos eventos realizados pela Escola, passando a ter assim mais familiaridade com a instituição.

O reconhecimento e a familiaridade com a escola em estudo e a receptividade dada a mim por todos foi de suma importância, pois comecei, passo a passo, ir compreendendo todo o andamento funcional da Escola Técnica, participando assim, de sua vida acadêmica.

Em seguida, comecei a revisão bibliográfica, constatei que havia controvérsias na interpretação dos limites e perspectivas da educação profissionalizante, expostas neste texto. Pude igualmente verificar a escassez de estudos que relacionassem educação profissionalizante e desenvolvimento local. Mergulhei no arquivo documental da escola, pesquisei a fundação da escola, os primeiros cursos, a motivação dos

matonenses em ganhar uma escola técnica, toda parte administrativa e as fichas de cada aluno egresso para encontrá-los, ao mesmo tempo em que dediquei-me à estruturação de um questionário para ser aplicado aos egressos, tendo como base o questionário encontrado na dissertação de Deborah Maria STFANINI ³; um roteiro de entrevista para os professores também foi produzido.

A consulta do material documental foi minuciosa, o que me permitiu conhecer os planos de ensino, os currículos, o sistema de avaliação institucional, dentre outros. O estudo desses documentos exigiu muito esforço para compreender a pedagogia de ensino da ETEC, coordenada pelo Centro Paula Souza. Um esforço pedagógico exemplar na formação de cada técnico, mas com pouca preocupação com a formação integral do aluno, ou seja, encontrei poucas disciplinas que trabalhassem a formação humana, que contemplassem o sujeito como um todo, o que na minha opinião, provoca uma falha no processo.

Foi preciso entrar no universo Centro Paula Souza para compreender cada semestre dos cursos, as mudanças que aconteceram para contemplar à exigência do mercado de trabalho local, o que dificulta a aprendizagem do aluno e exige do professor uma adaptação semestral, pois, normalmente, as disciplinas são mudadas. Foi um trabalho exaustivo, porém, necessário. A busca por trabalhos científicos que ajudassem na compreensão do sistema Centro Paula Souza foi intensa também.

Por outro lado, os primeiros questionários aplicados aos egressos deram-se da seguinte forma: cada egresso foi contatado pelo telefone encontrado na matrícula ou pela lista telefônica a partir do sobrenome, pois o número de alguns egressos havia mudado e não estava atualizado na secretaria da escola. Em seguida, foi marcada a entrevista de acordo com o tempo disponível desses ex-alunos que vinham até meu escritório. Cada entrevista tinha a duração mínima de 40 minutos a 70 minutos. Eles respondiam as perguntas feitas sobre o assunto e adentravam em outros temas. Porém, as entrevistas apresentaram poucos resultados em relação a outros objetivos da presente pesquisa.

A pesquisa levou-me a encontrar um relatório do sistema de acompanhamento institucional com dados bastante significativos sobre os egressos. Simultaneamente, as visitas feitas às indústrias da cidade e as respectivas entrevistas

³ STFANINI, Deborah Maria. **As relações entre educação e trabalho nas trajetórias de alunos de uma escola técnica: uma análise a partir de Bourdieu.** (Dissertação de Mestrado em Educação) Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: UFSCar, 2008, 184f.

com seus proprietários ou responsáveis mostraram perspectivas animadoras face à relação proposta entre a educação profissionalizante pelo Centro Paula Souza e as perspectivas de inserção no mercado mais significativa em termos do desenvolvimento industrial de Matão.

Destaco em um desses contatos informais, o relato de um profissional da escola envolvido com sua dinâmica:

“Isto aqui é uma loucura, a gente não para e fica muito difícil de acompanhar o ritmo, pois quando estamos caminhando, muda os conteúdos e tudo gira em torno de competências e habilidades que não são sanadas, pois é sempre uma caixinha de surpresa. O que se aprende num semestre, o mesmo semestre apresenta coisas diferentes e os alunos discutem com a gente, e com razão, nós não aprendemos isso, porque eles depois de nós estão aprendendo, nós queremos esta disciplina. Temos também o suposto problema de alunos que ficam fazendo cursos e mais cursos, parecem fugir de casa. Com isso, fica difícil acompanhar a dinâmica que se exige, pois o conteúdo tem que ser trabalhado independente de qualquer coisa, como o curso é modular, o aluno perde no próximo semestre e não podemos voltar com a disciplina que ficou para trás. E mais, para recebermos uma verba é uma “novelinha mexicana” demora, mas vem. Contudo, fazemos com muito carinho tudo isso, mesmo com as burocracias buscamos ser uma família”.
(abril/2011).

Com este depoimento, ficou explícita a importância deste estudo em compreender o papel da educação profissionalizante desempenhado pela ETEC de Matão frente ao desenvolvimento local e a estrutura do Centro Paula Souza.

No primeiro capítulo deste trabalho fez-se um resgate histórico da educação no Brasil e contextualiza neste processo, a constituição da educação profissionalizante culminando com a problemática do neoliberalismo a partir dos anos 80. Neste período muda-se o perfil de trabalhador, pois o sistema exige um trabalhador que seja capaz de gerenciar, trabalhar em equipe e resolver problemas. A formação deste trabalhador fica nas mãos do ensino profissionalizante, que por sua vez, fica limitado contemplar todas às exigências de um mercado de trabalho, uma vez que este mais exclui do que inclui. Parti, então, da Educação Geral para compreender a educação específica, a profissionalizante no Brasil, depois seu desenvolvimento no Estado de São Paulo, para chegar-se à cidade local – Matão – que será trabalhada no segundo capítulo desta pesquisa.

O segundo capítulo apresenta os espaços da investigação, descreve o desenvolvimento da cidade de Matão a partir de indicadores de qualidade de vida, a

trajetória da escola objeto da investigação e fatores indicativos de seu desempenho e os respectivos planos de ensino dos cursos selecionados na pesquisa, além de apontar consequências da presença da educação profissionalizante no município.

O terceiro capítulo apresenta na primeira parte resultados da avaliação institucional e o sistema de acompanhamento dos egressos sintetizados no relatório dos Egressos em números.

A segunda parte discute os resultados da pesquisa de campo feita com diferentes segmentos envolvidos na investigação entre professores, egressos e empresários.

Nessa pesquisa observa-se que os resultados trouxeram pontos positivos sobre o papel da escola na formação da mão-de-obra e as parcerias e investimentos feitos pelos empresários que apostam e assumem os egressos em suas empresas.

Desse modo, a história do ensino profissionalizante no Brasil, no Estado de São Paulo e mais particularmente na cidade de Matão abre novas perspectivas de ação, embora esta abertura não seja linear e envolva controvérsias esperadas quando o tema da análise diz respeito à relação educação e desenvolvimento.

Capítulo I

O resgate histórico da Educação no Brasil

“Os socialistas estão aqui para lembrar ao mundo em que em primeiro lugar devem vir às pessoas e não a produção. As pessoas não podem ser sacrificadas.”

(Hobsbawm, 1992, p.268).

Introdução

A educação nos acompanha durante toda a vida. Sempre estamos aprendendo coisas novas e, portanto, nos educando. Sabe-se que é na infância que o processo educativo torna-se mais intenso, proporcionando ao indivíduo o instrumento físico, intelectual, emocional e social de que precisa para tornar-se um ser de relação social. É notável que a educação ocorra em todos os ambientes em que a criança se encontra desde que haja adultas ou pessoas mais velhas, cujos padrões comportamentais são transmitidos e a criança levada a assimilá-los.

A educação, então, é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as novas, que ainda não se encontram preparadas para vida social. Ela torna-se múltipla porque varia segundo o grupo social, no tempo e no espaço e única porque procura incluir os valores dominantes na sociedade e preservar a identidade nacional e os avanços da humanidade (DURKHEIM, 1955).

Mas é no convívio social que a educação vai construindo em cada ser, a cidadania, o caráter, a dignidade, o ser pessoa, a socialização. Embora, cada indivíduo eduque a si mesmo, é a sociedade que estabelece o clima, os meios e os objetivos do processo educativo.

A educação visa atingir o homem em sua individualidade, não como fim, mas como meio, pois na relação indivíduo-sociedade o educando vai determinando suas opções na história que constrói, ou seja, a escola e os outros aparelhos pedagógicos visam a criança, o indivíduo, mas sua consciência se orientará para o coletivo, para o homem como totalidade social e histórica, ou seja, para a humanidade (JESUS, 1.989).

A função da educação não é apenas a de informar o aluno sobre o passado histórico de sua pátria ou a de transmitir um conhecimento morto, separado da vida, retórico e sem sentido. A verdadeira educação deve colocar o indivíduo em sua história, possibilitando desenvolver as habilidades que permitem o desempenho de agilidade

capaz de garantir sua sobrevivência na sociedade, não como indivíduo, mas como grupo (GRAMSCI, 1.989).

A educação encontra-se em constantes mudanças de acordo com o seu tempo, sua história, seus personagens. Uma dessas mudanças na idade contemporânea é o ensino profissionalizante, que veio ao encontro das necessidades econômicas, sociais, políticas e culturais do século XX e cujas consequências serão problematizadas ao longo desta dissertação.

Este capítulo mostra como se deu o processo da educação no Brasil em alguns momentos da história desde 1.549, com a chegada dos jesuítas, até os dias atuais. O surgimento do ensino profissionalizante e seus desafios. Não será contemplado aqui todo processo da educação geral, mas momentos que deverão ser elencados para nos ajudar a compreender o percurso feito sobre o ensino da educação no Brasil até o século XXI.

O intuito é mostrar o processo histórico da educação, visando compreender a necessidade do ensino profissionalizante no Brasil ao longo da história.

“Como parte integrante desta análise histórica, busca-se apreender o transcurso da constituição histórica desta modalidade de ensino bem como sua legislação específica, instituída nos textos oficiais elaborados por especialistas em educação e formação profissional. Isso dará alguns fundamentos adequados para compreender o ensino profissional de nível técnico oferecido pelo sistema educacional brasileiro” (MENDES, 2005, p. 10).

O primeiro capítulo deste trabalho está dividido em cinco seções: A primeira seção trata-se da contextualização histórica da educação geral em vários períodos. A segunda, busca tratar do surgimento da educação profissionalizante, modalidade principal desta pesquisa e também do ensino profissionalizante no Estado de São Paulo. A terceira seção analisa a ideologia e os desafios trazidos pelo neoliberalismo frente o mercado de trabalho. A quarta, mostra as tentativas feitas pelo ensino profissionalizante para inserir o novo técnico no mercado de trabalho e, por fim, a quinta seção, traz o debate do Plano Nacional de Formação Profissional (PLANFOR) na tentativa de diminuir o desemprego a partir da qualificação da mão-de-obra formada.

O referencial teórico para este capítulo foi feito através de uma pesquisa histórica realizada por referenciais bibliográficos nomeados ao longo desse trabalho que serão elencados no final como fonte de pesquisa.

I – Contextualização Geral da Educação no Brasil

Período colonial (1500-1822): Escola jesuítica

Ao chegarem ao Brasil, os jesuítas fundaram várias escolas elementares e colégios tendo assim grande participação na história da educação do nosso país. A educação imposta pelos jesuítas visava primeiramente atender pequena parte da sociedade colonial: os indígenas. Nesse período da história brasileira a sociedade começava a se mesclar: índios, negros e europeus, dando início à nova estrutura social. Mas mesmo distante da colônia, os portugueses se faziam presentes estabelecendo sua forma de vida, de maneira impositiva por meio das letras e da religião. O sistema educacional era rígido e tinha a função de preservar a cultura da metrópole (PAIVA, 1995). Portanto, a educação era arcaica, uma pedagogia autoritária, monopolista no ensino, forjada pela Companhia de Jesus.

No período colonial, o colégio e a universidade eram destinados a pouca gente. Nesse período não havia ainda propagação de colégios para pretendentes ao curso superior, a não ser para o clero. Apenas alguns colégios ofereciam essa opção, principalmente para filhos de senhores de engenho, funcionários públicos e artesãos. Os interessados deveriam estudar na Universidade de Coimbra que era considerada inferior em relação às universidades européias, mas de grande importância na formação das elites coloniais brasileiras (PAIVA, 1995).

Período pombalino (1750-1777)

Em meados do séc. XVIII foi nomeado como Primeiro-ministro de Portugal, Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, que com grande experiência política engajou-se em promover mudanças estruturais no ensino de Portugal e conseqüentemente, na colônia brasileira também, como se esperava, porém, isso não ocorreu. Houve um retrocesso na educação neste período.

O ensino era de péssima qualidade, os professores mal remunerados e pouco preparados. Para tentar minimizar o problema da educação, Pombal criou o subsídio literário, isto é, um imposto, que incidia sobre a carne verde⁴, o vinho, o vinagre e a aguardente. Porém, o resultado foi desastroso. Em 1759, Pombal expulsou os jesuítas desorganizando o sistema de educação escolar existente. O pouco que restava em termos de instrução desapareceu e o Brasil foi levado ao mais profundo abismo intelectual.

Período joanino (1808-1821)

Foi o período que marcou profundamente a vida política brasileira. A família real veio para o Brasil.

Nesse período, o governo imperial fez mudanças profundas na administração e no sistema educacional vigentes criando as seguintes instituições: Academias Militares, Escolas de Direito e Medicina, a Biblioteca Real, o Jardim Botânico e, sua iniciativa mais marcante em termos de mudança, a Imprensa Régia. O surgimento da imprensa permitiu que os fatos e as ideias fossem divulgados e discutidos no meio da população letrada, preparando terreno propício para as questões políticas que permearam o período seguinte da História do Brasil.

O ensino consistia em três níveis distintos: primário, secundário e superior, sendo este último, o que mais teve atenção da Corte. Durante o governo de D. João, a educação tinha um conteúdo ideológico europeu e discriminativo no sentido de formar apenas quadros de profissionais importantes para as elites aristocráticas e da Corte, em detrimento das classes inferiores.

Em 1821, D. João retorna a Portugal a pedido dos portugueses que queriam restaurar o trono, a dignidade e exclusividade com o comércio com o Brasil já que a economia de Portugal estava sendo prejudicada, uma vez que o país ficou nas mãos dos

⁴ “Haviam sido previstas pelo Regulamento de 18 de fevereiro de 1832, baixado pela Decisão n. 77. Criadas pela Decisão n. 553, de 23 de setembro de 1833, eram encarregadas de arrecadar e fiscalizar os impostos incidentes sobre a carne verde do gado vacum. Esses impostos eram: -a) Subsídio Literário da Carne Verde, reduzido a 320 réis por cabeça de gado em pé; esse tributo fora instituído pelo Marquês de Pombal no século XVIII, para atender às despesas com a instrução pública, que ele fora forçado a criar em virtude da expulsão dos jesuítas, que até então cuidavam dela. b) Imposto de 5 Réis em Libra de Carne Verde; este fora estabelecido pelo Alvará de 30 de junho de 1809, e ainda era renda geral do Império no Orçamento de 1831/1832. Em 1835 passou a ser receita provincial.

ingleses. Deixou em seu lugar seu filho D. Pedro que deu continuidade ao processo de emancipação política do Brasil.

Período Imperial (1822-1889)

Nesse período o Brasil passava por crise econômica que inviabilizava a implementação de melhorias no ensino. No dia 7 de setembro de 1822 D. Pedro I declara a Independência do Brasil. Em 1824 é outorgada a Constituição que estabelecia um governo monárquico, hereditário, constitucional e representativo. No que se refere à educação, a Constituição de 1824, em seu artigo 179, instituía a “instrução primária e gratuita para todos os cidadãos” e a criação de “Colégios e Universidades”.

A população aumentava e a quantidade de escolas era insuficiente para atendê-la. Com isso o Brasil ficava mais distante de promover ensino de qualidade. Em 1826, por meio de decreto, o governo imperial, D. Pedro I, instituiu quatro graus de instrução: Pedagogias (escolas primárias), Liceus, Ginásios e Academias.

Em 1831, D. Pedro II, com apenas 5 anos de idade, foi aclamado rei do Brasil. Como não tinha idade para assumir o cargo de imperador, estabeleceram-se as Regências (1831-1840).

O reinado de D. Pedro II não foi muito diferente do reinado de D. Pedro I, pois da mesma forma, não era dada muita atenção aos problemas educacionais. Considerando que D. Pedro II era mais culto do que seu pai, criou e reformulou escolas e faculdades. Durante o seu reinado foram criadas as primeiras escolas normais que tinham como objetivo preparar melhor o docente.

A educação passou por momentos difíceis quando a Constituição de 1824 descentralizou o ensino, passando para as províncias o direito de regular e promover educação primária e secundária. Inserem-se, então, os Liceus sendo pertencentes ao Estado e não mais à Igreja. Com a falta de recursos, as províncias se achavam impossibilitadas de criar redes organizadas de escolas. Com a incompetência do governo, a iniciativa privada começou a atuar no ensino secundário, deixando para o Estado o ensino primário.

O ensino primário não apresentou bons resultados, o que levou ainda mais ao abandono das escolas. Por outro lado, o acesso às escolas secundárias só era possível às pessoas de nível socioeconômico mais elevado e a função dessas escolas era prepará-los para o exame de admissão aos cursos superiores.

A partir de 1840, a economia nacional cresce graças ao sucesso da lavoura de café. Essa nova situação econômica requeria atenção especial quanto ao aspecto competitivo. O avanço econômico refletiu-se na educação. O Estado criou a Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária que tinha por finalidade fiscalizar e orientar o ensino público e particular; estabeleceu normas para o exercício de liberdade de ensino e programou um sistema de preparação de professores para o ensino primário. Reformulou os estatutos do Colégio de Preparatórios e universalizou os programas e livros, com base nos utilizados nas escolas oficiais.

Com relação ao ensino superior predominava a importação intelectual. Os cursos superiores não tinham a preocupação em vincular a prática com a teoria e também não havia instituições dedicadas à pesquisa científica. Somente em 1841 a pesquisa científica passou a ter maior importância sendo realizada por institutos de pesquisa e sem nexos com o ensino superior.

Em 1850, com a proibição do tráfico negreiro e em 1888 com a abolição da escravidão, o Brasil passou a ser um país competitivo perante as demais nações independentes, passando a receber investimentos e maquinários para melhorar o seu processo industrial. Com isso, começa também a influência estrangeira na educação como, por exemplo, o modelo universitário da Alemanha, um modelo voltado para formar elite intelectual de alto nível onde o Estado cria, não intervém na administração, ou seja, inteiramente autônoma, cuja característica é a liberdade de ensinar e de aprender.

Os Estados Unidos também se apresentaram como modelo a ser adotado na educação brasileira. Criaram-se colégios com princípios religiosos e ideais positivistas. Assim era menos doutrinário e centrava seus objetivos nos aspectos didáticos. Mesmo com todos esses modelos importados os resultados não eram satisfatórios, pois não refletiam a realidade do Brasil.

Terminando esse período imperialista percebe-se que pouco foi feito em relação à educação no Brasil, principalmente no nível superior. Desta forma, entende-se que a educação não foi prioridade no reinado dos monarcas D. Pedro I e II.

Foi a partir de 1889, com a Proclamação da República, que a educação passou a ser prioridade para o Estado. Isso se deu porque a sociedade exigia mudanças na estrutura do ensino.

Período Republicano

Mediante golpe de Estado, em 15 de novembro de 1889 o Brasil saiu do regime monárquico e passou a ser republicano. Foi assinado o decreto nº 1 declarando “que as antigas províncias constituíssem os Estados Unidos do Brasil”. (MALUF, 1993, p. 361). Cada Estado passou a ter sua própria Constituição com governos eleitos e forças políticas autônomas. A educação teve papel fundamental nessa consolidação dos Estados.

As classes sociais dominantes (latifundiários e colonos estrangeiros) naquele período precisavam de escolas para seus filhos. A educação passou a assumir sua verdadeira função: preparar indivíduos para os setores públicos e privados. Devido à demanda para os cursos secundários e superiores foi preciso à abertura de novas escolas e faculdades. O ensino superior era mais democrático e de caráter nacional.

A qualidade do ensino superior foi comprometida. Admitia-se candidatos sem conhecimento. Para frear o acesso foi assinado o Decreto 8.659, de 5 de abril de 1911, que estabeleceu normas. Foi a Reforma Rivadávia Correia que com o decreto 16.782-A, de 13 de janeiro de 1925, estabeleceu pelo critério de seleção e classificação, o acesso ao ensino superior onde havia vagas para todos aqueles aprovados na avaliação.

Entre 1932 a 1950 o Brasil enfrentou crises políticas que marcaram sua história. A Revolução Constitucionalista de São Paulo de 1932, a criação do Estado Novo por Vargas em 1937 e a Constituição que perdurou até 1945. Com todas essas crises, Getúlio Vargas criou o Ministério de Educação e Saúde que aprovou o Estatuto das Universidades Brasileiras dando a elas mais autonomia, sendo elas públicas ou privadas.

II– A Educação Profissional no Brasil

Até o século XIX não há registros de uma educação profissionalizante sistematizada, explícita, mas sim uma dualidade marcada historicamente pela educação geral e a específica. A partir deste século começam a ser dados passos significativos à formação de técnicos para suprir a mão-de-obra no mercado de trabalho emergente.

A diferença entre o trabalho manual e o trabalho intelectual marcou a história da educação brasileira. Um destinado à classe trabalhadora, o outro à classe elitista que detinha o poder vigente. Desta forma, a educação mantinha um modelo antagônico de classe social por muito tempo.

Solidificando esta diferença social, o trabalho manual parece ser destinado somente para pobres, entendido como aqueles que não precisavam de escolarização, impossibilitando-os de ingressar na formação intelectual, pois este tipo de formação era reservado para a elite responsável pelo trabalho intelectual.

Os primeiros núcleos de formação profissional de artesãos e demais ofícios foram sediados nos colégios ou residências dos jesuítas durante o período colonial. O ensino profissional era manual (MANFREDI 2002).

A história da educação profissional no Brasil tem várias experiências registradas nos anos de 1800 como a adoção do modelo de aprendizagem dos ofícios manufatureiros que se destinava ao “amparo” da camada menos privilegiada da sociedade brasileira. As crianças e os jovens eram encaminhados para casas onde, além da instrução primária, aprendiam ofícios de tipografia, encadernação, alfaiataria, tornearia, carpintaria, sapataria, mecânica e eletricidade, além das oficinas de carpintaria e artes decorativas entre outros.

A Figura 01 traz uma oficina de sapataria na década 1920. Nota-se a forma de como os meninos recebiam a formação.



Figura 01 - Oficina de Sapataria da década de 1920

Fonte: http://portal.fucapi.br/.../imagens/.../001_ed016_educacao%20profis

Durante a primeira república (1889-1929) a educação profissional ganhou novo estilo, sem contudo, perder seu caráter assistencialista. Foram criadas as escolas de aprendizes e artífices para o ensino profissional gratuito.

A educação profissional surge no Brasil com o objetivo de amparar os pobres, os que viviam em mendicância, para manter a ordem dos bons costumes civis.

Somente em 1909 a Educação Profissional no Brasil toma novo rumo com o decreto-lei, de nº 7.566, de 23 de setembro sancionado pelo Presidente da República Nilo Peçanha que criou escolas de aprendizes artífices sob a responsabilidade do então Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, que deveria administrar o ensino profissional em nível secundário. Essas escolas tinham um objetivo peculiar: atender aos filhos dos trabalhadores, que mais tarde seguiram a profissão dos próprios pais. Os educandos que recebiam a formação podiam atuar no campo da agricultura e indústria (MORAES e ALVES, 2002).

Em 1910, Nilo Peçanha instalou 19 escolas criadas nos moldes dos Liceus de artes e ofícios. Essas escolas eram custeadas pelo Estado e destinadas ao ensino industrial, no ano seguinte, são chamadas de Escolas Técnicas Industriais com uma finalidade de educar, pelo trabalho, os órfãos, pobres e desmedidos, fazendo do ensino profissionalizante, pela primeira vez, política pública (KUENZER, 1999).

Para KUENZER (1997) tais escolas não pretendiam atender à demanda industrial mais tinham uma finalidade moral de repressão que era educar pelo trabalho os órfãos, pobres e desvalidos da sorte, retirando-os da rua.

Devido ao rápido desenvolvimento industrial, o Congresso pela lei nº 3454 de 06 de janeiro de 1918, autorizou o governo a rever a questão do ensino profissional no país. Outro ponto a ser destacado é a criação de cursos noturnos de aperfeiçoamento para os trabalhadores profissionais (FONSECA, 1961).

A década de 30 é considerada um referencial histórico para Educação Profissional do Brasil, pois iniciou-se a industrialização no país. Nesta década ocorreu a instalação de escolas superiores para formação de recursos humanos necessários ao processo produtivo que se expandiu por todo o Brasil.

A constituição de 1937 mencionou o ensino pré-vocacional e profissional destinado às classes menos favorecidas. Foi considerado como dever do Estado, a quem competia, com a colaboração das indústrias e dos sindicatos econômicos, criar Escolas de Aprendizes, destinadas aos filhos dos operários e associados. As Escolas de Aprendizes e Artífices passam a ser chamadas de Liceus Industriais. Foi a primeira Constituição a tratar especificamente de ensino técnico, profissional e industrial, estabelecido no artigo 129:

*“O ensino pré-vocacional e profissional destinado às classes menos favorecidas é, em matéria de educação, o primeiro dever do Estado. Cumpre-lhe dar execução a esse dever, fundando institutos de ensino profissional e subsidiando os de iniciativa dos Estados, dos Municípios e dos indivíduos ou associações particulares e profissionais. É dever das indústrias e dos sindicatos econômicos criar, na esfera de sua especialidade, escolas de aprendizes, destinadas aos filhos de seus operários ou de seus associados. A lei regulará o cumprimento desse dever e os poderes que caberão ao Estado sobre essas escolas, bem como os auxílios, facilidades e subsídios a lhes serem concedidos pelo poder público.”*⁵

Nas décadas de 30 e 40 a economia, a política e a educação são marcadas por grandes transformações, fortalecendo assim a burguesia industrial, afetada pela crise cafeeira em 1920 e pela crise mundial.

A indústria começa ser organizada a partir da tecnologia, equipamentos e conhecimentos de outros países, o que gera uma situação de dependência, pois a educação aplicada pelas universidades às elites se pautava apenas nos conhecimentos necessários ao funcionamento de equipamentos recebidos. Para as classes populares cabia a formação profissional técnica desses equipamentos, reforçando assim, a produção subalterna (ROMANELLI, 2005). Diante dessas transformações faz-se mister repensar a educação dentro dos moldes modernos vigentes, promulgando assim diversos Decretos-Lei⁶.

Em 1940, amplia-se a criação das instituições responsáveis pela formação de mão-de-obra para indústria e comércio. Constatou-se o surgimento do chamado sistema “S” que engloba escolas financiadas pelos empresários pelo recolhimento de 1% sobre a folha de salários e fiscalizados pelo poder público.

No ano de 1941, a educação passa ter forte importância no país, principalmente a educação profissional que recebeu leis específicas para cada ramo da economia. Veja-se, por exemplo, a Reforma Francisco Campos (Capanema), que remodelou todo o ensino no país. Frente a esta reforma, é notória a “discriminação” ao ensino profissionalizante, não permitindo o acesso às universidades os alunos egressos dos cursos técnicos (KUENZER, 1997).

⁵ Em <www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm>. Acesso em 05 janeiro 2012.

⁶ Decreto n. 4.244/42 – Lei Orgânica do Ensino Secundário; Decreto n. 6.141/43 – Lei Orgânica do Ensino Comercial; Decreto n. 8.529/46 – Lei Orgânica do Ensino Primário; Decreto n. 8.530/46 – Lei Orgânica do Ensino Normal; Decreto n. 9.613/46 – Lei Orgânica do Ensino Agrícola e; Decreto n. 4.048/1942 – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Esses decretos ficaram conhecidos como as Leis Orgânicas da Educação Nacional – A Reforma Capanema (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA, 2007).

A Reforma Capanema tinha como principais pontos: o ensino profissional passou a ser considerado de nível médio; o ingresso nas escolas industriais passou a depender de exames de admissão; os cursos foram divididos em dois níveis, correspondentes aos dois ciclos do novo ensino médio: o primeiro compreendia os cursos básico industrial, artesanal, de aprendizagem e de mestria; o segundo correspondia ao curso técnico industrial com três anos de duração e mais um de estágio supervisionado na indústria, compreendendo várias especialidades.

Foi criada a Lei Orgânica da EDUCAÇÃO Nacional do Ensino Secundário e também o decreto-lei 4.048, de 22 de janeiro de 1942 onde o presidente Getúlio Vargas decretava a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), uma instituição monopolizada pela iniciativa privada e gerada pela Confederação Nacional das Indústrias, responsável pelo treinamento e qualificação profissional dos trabalhadores industriais. As escolas passaram a ser chamadas de escolas técnicas.

No ano de 1943 foi criada a Lei Orgânica da Educação Nacional do Ensino Comercial e somente em 1946 houve a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), do Serviço Social do Comércio (SESC) e do Serviço Social da Indústria (SESI) e da Lei Orgânica da Educação Nacional do Ensino Primário, Normal e Agrícola.

Durante o período do Estado Novo (1937-1945), o governo adotou o ensino profissional como prioridade, visando formar trabalhadores capazes de se adequarem à organização científica do trabalho, principalmente, que se ajustava à inspiração taylorista-fordista de organização do trabalho na produção industrial.

O governo Juscelino Kubitschek (1956-1961) tinha como meta mudar a visão do Brasil fazendo com que ele deixasse de ser agrário e passasse a ser industrial com a formação técnico-profissional.

Juscelino Kubitschek (JK) valorizava a educação para o trabalho, num tempo em que ocorriam várias mudanças no mundo, valorizava uma educação básica ou profissional integrada ao segundo grau e todo aluno do colegial receberia formação politécnica a ser utilizada no processo de produção, no mercado de trabalho (RAMOS, 2005).

A ideia era formar politécnicos e não técnicos especializados nas áreas de produção; firmar a relação entre conhecimento e prática do trabalho.

Assim, o ensino médio proporcionaria ao estudante princípios gerais técnicos referentes a cada tempo histórico de produção. A preocupação em capacitar

esses alunos ao mercado de trabalho emergente da época, poderia dificultar o conhecimento científico e a formação que o aluno deveria receber no ensino médio, pois o foco estaria na formação deste novo trabalhador.

No ano de 1959, as Escolas Industriais e Técnicas são transformadas em autarquias com o nome de Escolas Técnicas Federais. As instituições ganham autonomia didática e de gestão. Com isso, intensifica a formação de técnicos, mão-de-obra indispensável diante da aceleração do processo de industrialização.

Com o campo industrial crescendo e a de mão-de-obra escassa, criou-se no período mais cruel da Ditadura Militar brasileira, a Lei n. 5.692/71 que estruturou a educação de ensino médio como sendo profissionalizante para todos, na possibilidade de inserir, principalmente a classe pobre no mercado de trabalho. Assim o povo recebia educação e tornava-se apto ao trabalho industrial, seguindo as normas do regime fabril e do trabalho assalariado.

Esta forma de ensino acabou atingindo somente os filhos de trabalhadores que iam seguir a profissão do pai, filhos que não viam perspectivas de entrar no curso superior. Ter um curso técnico dava-lhe a garantia de sobrevivência, mas tirava-lhe aos poucos a possibilidade de uma formação que não fosse a técnica. Assim o Estado supria a falta de mão-de-obra emergente no mercado de trabalho (MORAES, 2001).

Com isso, o conteúdo programático foi reduzido, o tempo de formação continuou o mesmo, enfraquecendo os conhecimentos gerais, impossibilitando a inserção no curso superior, pois a formação ficava restrita ao ensino técnico de cada área.

Houve, então, um grande êxodo dos filhos da classe média das escolas públicas às privadas na busca de uma formação mais apurada e que capacitasse a entrada nas universidades.

Os resultados desta lei não foram satisfatórios, pois vários desses cursos criados atenderam aos apelos do mercado de trabalho do que as necessidades da própria sociedade; pode-se acreditar que grande parte das dificuldades do ensino profissionalizante que temos hoje, deve-se aos efeitos desta lei (CORDÃO, 2005).

Devido à necessidade de formar técnicos e especialistas em diversos níveis, o governo deu início à política de transformar algumas escolas técnicas em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs). Com a Lei nº 6.545 em 1978, três Escolas Técnicas Federais (Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro) são transformadas em CEFETs.

Em 1982, com a clara intenção de minimizar o problema causado com a implantação da lei federal 5.692/71, uma nova lei foi aprovada, a Lei Federal de nº. 7044/82 que tornava facultativa a profissionalização do ensino no 2º. Grau. Para KUENZER (1997), esta lei embora correta em seu princípio básico, estava equivocada em muitos aspectos. As consequências foram ambíguas, grades curriculares foram rapidamente modificadas pelas escolas, o ensino de segundo grau passou a ser exclusivamente acadêmico, o ensino profissional ficou restrito às instituições especializadas.

Surge em 1988 uma nova Constituição conhecida como a “*Constituição Cidadã*” como era chamada pelo deputado Ulysses Guimarães. Um Projeto de Lei para uma nova LDB foi encaminhado à Câmara Federal pelo Deputado Octávio Elísio. No ano seguinte o Deputado Jorge Hage enviou à Câmara um substitutivo ao Projeto ⁷.

A Lei nº 8.948, de 08 de dezembro de 1.994, dispõe sobre a instituição do Sistema Nacional de Educação Tecnológica, transformando, gradativamente, as Escolas Técnicas Federais e as Escolas Agrotécnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica – CEFETs, mediante decreto específico para cada instituição e em função de critérios estabelecidos pelo Ministério da Educação, levando em conta as instalações físicas, os laboratórios e equipamentos adequados, as condições técnico-pedagógicas e administrativas e os recursos humanos e financeiros necessários ao funcionamento de cada centro.

Em 1996 foi aprovada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei nº 9394 que separou o ensino médio do ensino técnico profissional. Essa lei foi elaborada sob a orientação e apoio financeiro do Banco Mundial que deu prioridade ao ensino fundamental. O investimento poderia ser feito com cursos de qualificação profissional de curta duração e baixo custo. Quanto à Educação Profissional por ser um processo longo e dispendioso recomendou que fosse transferido à empresa privada, tendo como objetivo desenvolver aptidões para a vida produtiva.

Sendo assim, a educação profissional tem como objetivo formar os técnicos, qualificá-los, requalificá-los e reprofissionalizá-los com qualquer escolarização,

⁷ 1990 – Criação do SENAR, do SENAT, do SESCOOP e do SEBRAE; SENAR-Serviço Nacional de Aprendizagem Agrícola; SENAT- Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte; SESCOOP-Serviço Social das Cooperativas de Prestações de Serviços; SEBRAE-Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas.

despertando aptidões para o mercado de trabalho e uma vida produtiva. Com essa nova Lei a educação profissionalizante recebe um novo enfoque:

“integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia” (art. 39), tendo por “finalidade, o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (LDB: 1996 art. 2.p.16).

Este novo enfoque vem ao encontro do setor produtivo que exige um perfil profissional vinculado à formação geral do trabalhador, que tenha uma base humano-afetiva, capaz de tomar decisões, trabalhar em equipe e conseguir adequar-se às mudanças do mercado de trabalho a cada momento. Cada curso é definido nas escolas em função da demanda do mercado. Daí a importância da educação profissionalizante ser sempre complementar à educação básica e não integrada, no sentido obrigatório. De acordo com a Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, o ensino profissionalizante passa ser estruturado da seguinte forma:

- 1 – O atendimento às demandas dos cidadãos, do mercado e da sociedade em sintonia com a vocação e a capacidade institucional da escola ou rede de ensino e suas reais condições de viabilização das propostas apresentadas;
- 2 – A conciliação das demandas identificadas com a vocação e a capacidade institucional da escola ou rede de ensino e suas reais condições de viabilização das propostas apresentadas;
- 3 – A identificação de perfis profissionais próprios para cada curso, em função das demandas identificadas e em sintonia com as políticas de desenvolvimento sustentável do país. (CORDÃO, 2006).

A 2ª. LDB 9.394/96, em seu segundo artigo, aponta que a educação básica tem por finalidade assegurar a formação para a cidadania, o pensamento crítico, a autonomia intelectual bem como oferecer uma preparação básica para o aluno ingressar no mercado de trabalho; defende também uma educação profissionalizante de qualidade focada na competitividade, inovação, qualidade, produtividade e conhecimento, capaz de habilitar profissionalmente os alunos ou os egressos para o mercado de trabalho que está em plena mutação.

Contudo, o MEC já tinha um projeto de lei que tratava do ensino profissional e técnico, o famoso Projeto de Lei nº 1603/96 que já tinha tentado ser aprovado antes da LDB no congresso. O projeto de lei, que nunca se tornou lei e foi substituído pela Lei 9394/96 – LDB, foi retirado do congresso pelo governo e foi

imposto de forma autoritária outro texto similar ao PL 1603/96 na forma de decreto nº 2.208/96 de 17 de abril de 1997, que vai tratar de forma atrasada e fragmentada o que não deixou que se definisse na LDB.

A reforma da educação processada no Brasil a partir da Lei nº 9.394/96 por meio dos dispositivos regulamentadores (Decreto nº 2.208/97, Parecer nº 16/99 e Resolução nº 04/99, da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação) determina que sejam dois os níveis da educação nacional: a Educação Básica, que corresponde oito séries do Ensino Fundamental mais as três séries do Ensino Médio e a Educação Superior.

Com esse Decreto nº. 2.208/1997 o ensino médio fica separado do ensino profissionalizante. Este Decreto fica conhecido como a Reforma do Ensino Profissional. Fica estabelecido que o aluno pode fazer o curso técnico e o ensino médio, com matrículas e currículos diferentes, chamado assim concomitante, pois os conteúdos são paralelos e também, realizá-lo depois de ter concluído o segundo grau.

Além disso, o Decreto frisa que é necessária a criação de mecanismos institucionais permanentes para fomentar a articulação entre escolas, trabalhadores e empresários, ou seja, para que os setores educacionais e produtivos atuem organicamente no sentido de definir, estabelecer e rever as competências necessárias das diferentes áreas profissionais.

O artigo 3º do Decreto também é fundamental para compreender a educação profissional hoje. Ele define que a educação profissional compreende os seguintes níveis:

1 – **Básico**: destinado à qualificação e reprofissionalização de trabalhadores, independente de escolaridade prévia. São cursos que permitem ao aluno atualizar-se para o exercício de funções demandadas pelo mundo do trabalho e que não estão sujeitos à regulamentação. A escolaridade prévia necessária à preparação e ao desenvolvimento de competências referentes a algumas ocupações de nível básico será determinada pelas agências educacionais, nos planos de curso das respectivas áreas, observadas as exigências requeridas pelo mercado de trabalho.

2 – **Técnico**: destinado a proporcionar habilitação profissional a alunos matriculados ou egressos do ensino médio. Prevê que a educação profissional de nível técnico terá organização curricular própria e independente do ensino médio podendo ser oferecida de forma concomitante ou sequencial a este. Trata-se de organização curricular independente, que pode ser definida na forma modular, com módulos

compostos em diferentes instituições públicas ou privadas. Abrange também as respectivas especializações e qualificações técnicas.

3 – **Tecnológico**: correspondente a cursos de nível superior na área tecnológica, destinados aos egressos do ensino médio e técnico para a formação de tecnólogos em nível superior em diferentes especialidades. Os cursos devem ser estruturados para atender aos diversos setores da economia, abrangendo áreas especializadas e conferem diploma de Tecnólogo e não de bacharelado, pois este possui nível mais acadêmico.

Além desses três níveis, a Educação Profissional compreende ainda os chamados cursos complementares: de especialização, aperfeiçoamento e atualização.

Em 1998, o MEC apresentou sua proposta do Plano Nacional de Educação referindo-se à Educação Profissional como educação tecnológica e formação profissional. A formação profissional é de responsabilidade do governo, pelos Ministérios da Educação e do Trabalho e dos empresários, por meio dos Serviços do Comércio, Agricultura, Indústria, dos Sistemas Nacionais de Aprendizagem.

No ano de 1999, o Conselho Nacional de Educação por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico, determinou a organização desta em vinte áreas profissionais: Agropecuária, Artes, Comércio, Comunicação, Construção Civil, Design, Geomática, Gestão, Imagem Pessoal, Indústria, Informática, Lazer e Desenvolvimento Social, Meio Ambiente, Mineração, Químicas, Recursos Pesqueiros, Saúde, Telecomunicações, Transportes e Turismo e Hospitalidade. A Tabela 01 mostra estas áreas e a carga mínima para a formação de cada curso.

Tabela 01: Educação Profissional de nível técnico

Áreas profissionais e cargas horárias mínimas ⁸

| Área Profissional | Carga Horária | Área Profissional | Carga Horária |
|-------------------|---------------|--------------------------------|---------------|
| Agropecuária | 1.200 | Informática | 1.000 |
| Artes | 800 | Lazer e Desenvolvimento Social | 800 |
| Comércio | 800 | Meio Ambiente | 800 |
| Comunicação | 800 | Mineração | 1.200 |
| Construção Civil | 1.200 | Química | 1.200 |
| Design | 800 | Recursos Pesqueiros | 1.000 |
| Geomática | 1.000 | Saúde | 1.200 |
| Gestão | 800 | Telecomunicações | 1.200 |
| Imagem Pessoal | 800 | Transportes | 800 |
| Indústria | 1.200 | Turismo e Hospitalidade | 800 |

⁸ Em < www.pedagogiaemfoco.pro.br/lres4_99.htm>. Acesso em 18 janeiro 2012.

Em meio a essas complexas e polêmicas transformações da educação profissional de nosso país, retoma-se em 1999 o processo de transformação das Escolas Técnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), iniciado em 1978.

Em 2005 instituiu-se pela Lei 11.195 que a expansão da oferta da educação profissional, preferencialmente, ocorrerá em parceria com Estados, Municípios e Distrito Federal, setor produtivo ou organizações não governamentais. Foi lançada a primeira fase do Plano de Expansão da Rede Federal com a construção de 60 novas unidades de ensino pelo Governo Federal. O CEFET Paraná passa a ser Universidade Tecnológica Federal do Paraná, a primeira universidade especializada nessa modalidade de ensino no Brasil.

O Decreto 5.840 em 2.006, no âmbito federal, institui o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) no ensino fundamental, médio e educação indígena.

Ainda no ano de 2006 é lançado o Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia para disciplinar as denominações dos cursos oferecidos por instituições de ensino público e privados. Durante esse ano a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) do Ministério da Educação, em parceria com o Fórum Nacional de Gestores Estaduais de Educação Profissional realizaram conferências em 26 Estados e no Distrito Federal, as quais culminaram, no período de 05 a 08 de novembro de 2006, com a 1ª Conferência Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, marco importante na educação brasileira, com a participação de 2.761 participantes. Foi a primeira conferência que o Ministério da Educação realizou em toda a sua história.

Em 2007 há o lançamento da segunda fase do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, tendo como meta entregar à população mais 150 novas unidades, perfazendo um total de 354 unidades, até o final de 2010, cobrindo todas as regiões do país, oferecendo cursos de qualificação, de ensino técnico, superior e de pós-graduação, sintonizados com as necessidades de desenvolvimento local e regional.

Atualmente, a formação profissional no Brasil ocorre em escolas de educação profissionais públicas e privadas sendo que alcança mais sucesso a que oferece ao mercado de trabalho, trabalhadores que ao mesmo tempo, conheçam tecnologias utilizadas pelas empresas quanto apreendam as novas tecnologias que surgem. Faz se necessário neste novo século gerar saberes coletivos e flexíveis

sintonizados com as novas bases e novas formas de educação produtiva fundadas na produção e difusão de inovações de cunho tecnológico.

Educação Profissional no Estado de São Paulo

Em 1910 as Leis de nº 1.214 e 1.245, autorizadas pelo Congresso Legislativo, permitiram aos estados criar escolas próprias. Assim, do início da década de 10 até a década de 40 do século XX, consolida-se o molde da educação profissional no Estado de São Paulo, com matrizes que foram referenciais até a reforma advinda do Decreto 2.208/97 que modificou a estrutura e o funcionamento da educação profissional e do ensino técnico.

MORAES (2002) informa que as primeiras escolas de ensino profissional no Estado de São Paulo foram criadas em 1910 na administração de Oscar Thompson, com o objetivo de qualificar a mão-de-obra para o mercado interno. Tais escolas visavam atingir os filhos dos trabalhadores para que os mesmos seguissem a profissão dos pais.

Em 1911 começaram a funcionar na cidade de São Paulo duas escolas: uma destinada aos homens com o ofício das artes industriais e a outra às mulheres na formação das artes domésticas e prendas manuais. (MORAES, 2002)

Por volta dos anos 20 havia mais de seis escolas no interior de São Paulo. Duas importantes escolas destacaram-se nesse período: a Escola Profissional Masculina, na cidade de São Paulo e a Escola Profissional de São Carlos, interior de São Paulo.

Após o curso técnico muitos dos formados conseguiram seu emprego em pequenas oficinas e fortes empresas, outros foram contratados como mestres nas próprias escolas. Poucos conseguiram manter-se de forma autônoma, por falta do capital inicial (MORAES, 2001).

Em 1930, Lourenço Filho⁹ assume a Diretoria de Instrução Pública em São Paulo iniciando várias mudanças. O aluno passa a ser selecionado através do julgamento psicológico, social, econômico e profissional para as profissões mais adequadas às suas aptidões. O aluno era acompanhado no decorrer de toda a sua aprendizagem escolar, mediante provas e testes psicotécnicos e serviços de “reabilitação profissional de operários já em trabalho nas indústrias” (MORAES, 2002).

Ao modificar seus currículos, a educação profissionalizante veio qualificar os trabalhadores de acordo com a demanda do mercado industrial nesta década.

O desenvolvimento industrial se expandia cada vez mais e a educação profissional era de fato indispensável a este crescimento. Surge, então, pelo decreto-lei 4.048, aos 22 de janeiro de 1942, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), uma instituição monopolizada pela iniciativa privada responsável pela qualificação e treinamento dos trabalhadores industriais. Neste período, pela primeira vez, o ensino profissionalizante ganha força frente aos políticos e empresários (FREITAG, 1980).

Aos 06 de outubro de 1969, o governador, Roberto Costa de Abreu Sodré, por um decreto-lei criou o Centro de Educação Tecnológica de São Paulo “Paula Souza” (CEETEPS) que será assunto abordado no segundo capítulo.

Portanto, assim estavam consolidadas as matrizes que orientam e organizam até os dias de hoje, o ensino técnico e profissional no Estado e no País.

⁹ Manoel Bergstrom Lourenço Filho (1897 – 1970): Natural da Vila de Porto Ferreira - São Paulo, formou-se na Escola Normal de Pirassununga, realizou estudos complementares na Escola Normal de São Paulo e formou-se em 1929 na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Lecionou na Escola Complementar de Piracicaba e na Escola Americana; nessa época, iniciou suas pesquisas sobre leitura e escrita, o que resultou na publicação dos Testes ABC. Em 1922/1923, empreendeu a Reforma do Ensino do Ceará, criando um laboratório de Psicologia na Escola Normal de Fortaleza, cuja finalidade era empreender pesquisas que subsidiassem a formação de professores. Em 1925, sucedeu a Sampaio Dória na cátedra de Psicologia da Escola Normal de São Paulo e na direção de seu laboratório, no qual revigorou as atividades de pesquisa (dentre as quais testes mentais, jogos, aprendizagem, maturidade para leitura e escrita) e constituiu um grupo de pesquisadores. Mais do que pioneiro foi um dos mais importantes artífices da consolidação da Psicologia no Brasil, atuando em ensino, pesquisa, aplicação, publicando artigos e livros, criando e atuando em instituições que basearam suas atividades na Psicologia e liderando o processo que culminou com a regulamentação da profissão e a implementação dos cursos específicos para a formação de psicólogos.

<<http://newpsi.bvs-psi.org.br/ebooks2010/pt/LourencoFilho.html>>. Acesso em: 29/02/2012.

III – Neoliberalismo: Ideologia dominante

Falar no neoliberalismo nesse trabalho faz-se necessário devido as reformas educacionais ocorridas pela LDB 9394/96 e do Decreto 2208/97, que são consequências da reestruturação do Estado e da introdução do ideário neoliberal no país, surgindo um novo discurso nos modos de produção, tais como qualidade e competitividade, o que exige um trabalhador versátil, flexível, líder, capaz de discernir, trabalhar em equipe, possuidor de princípios morais e de equilíbrio físico-emocional. Não mais uma mão-de-obra parcial, individual, mas de conjunto, ou seja, o trabalhador deverá ter uma visão de conjunto no que faz, ser capaz de trabalhar em equipe, resolvendo situações.

O Neoliberalismo é considerado uma filosofia que se apresenta como teoria econômica e quer contemplar o ser humano em sua totalidade, principalmente em questões éticas, embora esta pretensão se frustrasse em sua concreticidade. Surge em Chicago, inspirado por Friedrich Hayek, expandindo pelo mundo todo na década de 80 como base, de um pensamento único. Traz como ideologia a resolução dos problemas sociais, a partir de um mercado livre. Sendo assim, a teoria neoliberal salvaguardava que era o trabalhador quem oferecia seu trabalho a quem melhor retribuía, diferente do mundo real, em que o trabalhador não tem opção de escolha, ele aceita o que lhe oferece, pois ele precisa comer, ou seja, não existe escolha livre na hora de empregar-se, como preza o neoliberalismo (COMBLIN, 1999).

Com a chegada do neoliberalismo são inventados e reinventados novos conceitos à economia, à política, às questões sociais e culturais, uma lógica própria que influencia a forma de como pessoas vivem o mundo, exigindo um novo jeito de organizar a sociedade num plano maior e suas próprias vidas num plano singular.

A década de 90 foi marcada pela globalização, uma forma conceitual de atuação do neoliberalismo, que visava universalizar a economia, oriunda de grandes potências, tais como os Estados Unidos. Como isso, o Brasil teve que ajustar-se a este modelo neoliberal e consonante ao processo de reestruturação produtiva e do avanço tecnológico em nome do livre mercado de trabalho e da livre concorrência, contemplando os interesses político-econômicos dominantes dos Estados Unidos e das organizações internacionais (Banco Mundial, Organização Mundial do Comércio, Fundo Monetário Internacional).

A concorrência internacional e o crescimento do sistema capitalista influenciaram as empresas brasileiras, que por sua vez, começaram a qualificar a mão-de-obra e a competir no mercado. Assim sendo, a economia brasileira começou a dar passos significativos ao longo do século XX redefinindo a estrutura social do trabalho. Neste contexto, surge no mercado de trabalho um novo modelo de produção flexível, e uma nova especialização de trabalho que exige um novo trabalhador para todos os setores do mercado, perdendo-se o caráter do conhecimento acumulado em uma função específica.

O novo modelo de trabalho exige uma reprofissionalização da mão-de-obra, ou seja, o trabalhador deverá ser capacitado a ter visão de conjunto do processo de trabalho, de ter iniciativa, consertar, administrar, de fabricar e de decidir etc. Esta visão é necessária para intervir, corrigir e resolver problemas frente às mudanças do mercado de trabalho emergente (HIRATA, 1994).

Neste âmbito surge em todo o mundo a necessidade de uma formação profissional que fosse capaz de incluir o trabalhador qualificado no mercado de trabalho. Neste contexto, a qualificação torna-se uma estratégia de competição empresarial no processo da globalização econômico-financeiro, ou seja, especializar a mão-de-obra é uma questão de suprir as demandas do mercado de trabalho (PEIXOTO 2008).

No Brasil, a demanda por modificações na área de formação profissional concentrou-se nos setores mais modernos e mais dinâmicos da economia. A qualificação foi difundida como uma forma do país se manter no mercado internacional, até mesmo no mercado interno, diante dos novos padrões de competitividade, fundados na capacidade de adaptação e inovação de produtos e de processos (PEIXOTO, 2008, p. 11)

Adaptar-se ao novo sistema capitalista e globalizado faz-se necessário e urgente, porém este novo paradigma desqualifica o antigo trabalhador mediante as novas demandas de trabalho que visam ter um trabalhador mais comprometido com a profissão exercida e com sociedade em que vive. Surge a necessidade de reformular as propostas do ensino básico, principalmente, a educação profissionalizante conforme a LDB 9.394/96 (FERRETI, 1997).

O ensino profissionalizante passar ser o agente responsável pela formação e pela capacitação deste novo trabalhador conforme às exigências do mercado de trabalho vigente habilitando os indivíduos a lutar pelos poucos empregos disponíveis (GENTILLI, 2002).

A preocupação estava focada em capacitar o trabalhador de acordo com a economia globalizada e o capital internacional e não um ensino profissionalizante voltado aos interesses da classe trabalhadora, diminuindo assim a necessidade quantitativa do trabalho (FRIGOTTO, 2003).

De fato, a busca qualitativa pelo trabalho enfraquece as vagas de empregos no mercado. De um lado, a exigência de um novo perfil do técnico capaz de trabalhar em conjunto, refletir, saber fazer e como fazer, de acordo com as demandas de um mercado cuja dinâmica é dada pelos valores de troca, nos quais necessidades e humanidades pouco contam; de outro lado, toda essa exigência acaba atingindo o papel da escola no tocante à formação geral, o que não garante a inserção do trabalhador numa cidadania plena.

Por estarmos numa sociedade dividida em classes sociais, a escola não pode ser espaço de neutralidade na formação, o fato é que, ao exigir um novo perfil de trabalhador, a própria escola pode estar fazendo uma seleção dos mais “capacitados” ao mercado de trabalho, o que não é em princípio, papel dela (KUENZER, 1999).

Diante das exigências do mercado de trabalho fundamentada nas políticas neoliberais, Castel (1998), considera o sistema perverso, pois mesmo para os trabalhadores qualificados, a inserção no emprego não é garantida. A competitividade é acirrada, a exploração e a exclusão vindas do capitalismo tornam cada vez mais difícil a conquista pelo emprego.

Em busca de soluções para o crescimento industrial, o presidente Juscelino Kubitschek em seu governo de 1956-61, procurou ajustar a educação responsável pela formação de recursos humanos atendendo assim ao crescimento industrial, ou seja, formar técnico profissional, tendo como pano de fundo a ideologia desenvolvimentista, gerando assim o capital humano frente ao crescimento econômico vigente.

Colocar a educação frente ao desenvolvimento econômico é pensar no formando como produção, trazendo retornos futuros ao mundo capitalista, aumentando a produtividade nas indústrias e dando oportunidades de trabalho, principalmente, aos mais pobres.

De fato, educar e treinar potencializa o mercado de trabalho, obtendo investimento igual ou superior ao físico (FRIGOTTO, 1984). A exigência do mercado de trabalho requer trabalhadores qualificados para ações repetitivas e fragmentadas, o que, de certa forma, frustra um conhecimento mais voltado à formação integral. Pensar numa educação focada neste universo é responsabilizá-la pelo conhecimento necessário

ao mundo capitalista industrial, o qual se faz, muitas vezes, na contramão da formação humanizada.

Com a chegada da globalização e do neoliberalismo que coloca o mercado de trabalho no centro das relações sociais, o ensino profissionalizante vê-se obrigado a adaptar-se às transformações de produção, pois o modelo taylorismo/fordista que garantia um trabalho repetitivo, rígido e fragmentado começava entrar em crise.

Este novo sistema de produção coloca o cidadão no centro das relações sociais, exigindo dele uma postura diferente da qual vinha seguindo no mercado de trabalho. A preocupação com o novo trabalhador exige do governo uma reestruturação na educação brasileira, principalmente na educação profissionalizante. Sendo assim, a educação profissionalizante é assumida pelo sistema privado que começa desenvolver uma pedagogia das competências tendo como objetivo formar o novo profissional para o mercado de trabalho emergente.

As transformações deste novo sistema econômico determinam o tipo de educação técnica para o mercado, ou seja, para alcançar as necessidades de mercado de trabalho, o ensino profissionalizante adapta os conteúdos programáticos de seus cursos a cada semestre, de acordo com a demanda. Por estar relacionada ao fator emprego e economia, por ter sido colocada no centro da discussão dominante e nas políticas públicas, com a legislação da década de 90, a educação profissional vem buscando estratégias de ensino frente à competição do mercado de trabalho, principalmente pelo mercado internacional, porque as mudanças exigem um trabalhador capaz de ir além da técnica, que tenha a visão de toda produção e não a visão fragmentada do produto, que seja capaz de trabalhar em equipe, organizar, planejar, criar e decidir, ou seja, ser capaz de resolver os mais variados problemas que surgem no ambiente de trabalho. A economia vigente exige conhecimento e habilidades para resolver problemas, transformar as situações deficitárias em soluções.

Há uma grande preocupação dos envolvidos com a educação e interessados no mercado de trabalho com os formados para exercer uma profissão oriunda da educação profissionalizante.

O mercado globalizado exige não um trabalhador qualificado que desenvolve tarefas e informações, mas sim a qualificação deste trabalhador, compreendida como um conjunto de habilidades e competências, da natureza científica, técnica (DELUIZ, 2004). Diante disso, há riscos de um pragmatismo ditado pela lógica de mercado que pode estar na contramão dos princípios de educação para a cidadania.

A formação dada pela educação profissional deve estar atenta às exigências do mercado de trabalho. Empresários, comerciantes e toda condição trabalhista exige do profissional além da qualificação técnica, as habilidades a que foi formado.

A falta de competência pode acarretar sérios riscos, por exemplo, não estar adequado às necessidades econômicas e empresariais, estar atento ao bem estar coletivo, orientar o ensino técnico-profissionalizante. A educação geral é indispensável à formação profissional, pois esta pode apresentar uma formação imediata e sem aprofundamentos necessários (DELUIZ, 2004).

A competência profissional deve estar voltada não somente às necessidades do mercado de trabalho, mas às relações sociais, ao convívio social de fato, senão os novos trabalhadores serão descartáveis como mercadorias cujo uso é ditado pelas regras do mercado.

A busca pela competência no que se qualifica na formação profissionalizante passa a ser fundamental na edificação dos novos trabalhadores formados para o campo de trabalho, o que era apenas qualificação, passa a ser uma grande preocupação igualmente dos economistas e sociólogos, a saber:

Criou-se um mito sobre a qualificação profissional na atualidade, em que o discurso da “empregabilidade” foi utilizado para difundir a falsa idéia de que o motivo para o trabalhador não estar empregado é a falta de qualificação, por isso a instrução se constitui na melhor maneira de conquistar um posto de trabalho. Neste contexto, o trabalhador desempregado qualifica-se, mas não consegue se inserir no mercado de trabalho, pois o posto de trabalho não existe mais. O que ocorre é que o problema principal não está no trabalhador, mas no sistema produtivo que não tem nenhum compromisso de incluir (PEIXOTO, 2008).

A ETEC “Sylvio de Mattos Carvalho” foi constituída na década de 80 e com a responsabilidade de formar trabalhador com este novo perfil trazido pelo neoliberalismo. Como veremos no segundo capítulo, o município de Matão toma novo rumo na economia nesta década, gerando mais de dois mil empregos no setor industrial. Graças a isso, a preocupação pela empregabilidade e a formação da mão-de-obra, faz da ETEC Matão co-responsável nesta mudança de época.

IV – O desafio de inserir-se no mercado de trabalho

As mudanças no mundo produtivo levam as escolas a estruturarem-se de forma variada. Uma voltada aos estudos e outras para vida ativa profissional. O grande dilema forma-se: educação e trabalho, como conciliá-los?

De forma lenta e gradual, a educação profissional vem buscando formas de adaptação ao mercado de trabalho que dita as regras orientadas pela globalização e pelo neoliberalismo frente às rápidas transformações irreversíveis no sistema que gera, a partir do trabalho e do capital, desigualdade social em qualquer setor da economia, seja ele primário, secundário ou terciário (MENDES, 2005).

Neste contexto, a busca pela educação ideal, pela formação do ser humano, pode estar pautada pelo sistema produtivo e competitivo. Desde criança, somos treinados, censurados, vigiados e cobrados por uma infinidade de adultos que delimitam nossas vidas, muitas vezes invadem nossa individualidade, moldando-nos ao possível mundo que começaremos habitar.

A educação vive numa luta constante em saber formar, quais métodos utilizar, como lançar o educando no mercado de trabalho e como será seu convívio social. É uma luta, pois o ser humano é sujeito a todo tipo de emoção, necessidades, problemas, atitudes e projetos. O que torna a busca pelo método ideal, quase que irreal, pois o ser humano é pleno, livre, corajoso e criativo. O erro da educação pode estar aí: quer a todo custo formar o bom cidadão, o profissional, o intelectual, nem sempre pelos melhores caminhos.

Será que a educação profissional terá um decisivo desempenho nesse novo modelo se oferecer capacitação e qualificação a todos, num processo integrador de sujeitos oriundos de classe sociais menos favorecidas e ainda dos excluídos do sistema educacional, para que a educação profissionalizante cumpra seu dever fundamental e o ser humano possa exercer seus direitos? (MENDES, 2005, p. 101).

Na ânsia de formar e inserir o trabalhador no mercado, a educação profissionalizante torna-se a principal responsável desta missão. Ela sempre foi vista como lugar para pobre, para aqueles que não precisam cursar o ensino superior, um lugar que oferece oportunidades de trabalho fácil, mudança de vida ou de profissão e todo tipo de conhecimentos técnicos que variam de acordo com a necessidade de mercado local. Agora, o foco da responsabilidade é outro, não só qualificar, mas tornar o novo técnico competente às exigências de mercado.

O que se percebe é que hoje o mercado além de exigir trabalhador qualificado o ensino técnico é uma opção de trabalho para qualquer classe social. Ele oferece mais oportunidades de emprego em relação aos cursos superiores hoje com muitas profissões com excessos de formandos sem qualificação. O ensino técnico dá oportunidade do aluno aprender na pratica toda parte teórica.

A competência é um conjunto de conhecimentos e aptidões enquanto que habilidades referem-se à capacidade de usar esses conhecimentos aprendidos (KUENZER 1997). O que exige um compromisso maior da educação na formação de seus alunos:

Assim temos o *saber-ser*, que é potencializar os conhecimentos pessoais, fator determinante do perfil do trabalhador, enquanto líder: saber comunicar-se, ser flexível às transformações apresentadas, eficiente, prezar o trabalho coletivo, entre outras características pertinentes ao indivíduo competente. Com relação ao *saber-fazer*, temos como característica principal a aptidão ou potencial para lidar com a teoria e a prática, no interior e transversalmente aos conhecimentos obtidos por meio dos sentidos (experiências), e nas situações cotidianas.

Saber-querer é o conhecimento da necessidade de adequação às novas exigências do mundo do trabalho, buscando qualificação e capacitação constantes para enfrentamento de um mercado cada vez mais competitivo, atualizando-se para se contrapor às novas tecnologias em fase de implementação.

Na esfera do *saber-conhecer*, é importante destacar que a formação via educação formal, em todas as modalidades, é a característica principal e inclui também cursos de capacitação, especialização, aprimoramentos, treinamentos. Conhecimentos, informação, saberes abstratos e técnicos são destacados pelos autores no que se refere ao saber-conhecer.

Por fim, o *saber-agir* prioriza o trabalho coletivo no sentido de desenvolver a relação teoria e prática de maneira que haja a participação de todos, e ainda determina uma mudança de perfil e do comportamento da força produtiva.

Das muitas competências e habilidades apresentadas em estudos recentes enumeram-se a seguir algumas, baseadas no *Livro das Competências Profissionais do Centro Paula Souza – nº 1 – 2003*: respeito às diferenças e identidades; uso das linguagens para se expressar, comunicar-se e informar-se; saber relacionar pensamentos, conceitos e ideias; transmitir, avaliar e adquirir informações; desenvolver autonomia das tecnologias e suas relações integradas; compreender e ampliar fundamentos científicos e tecnológicos; desenvolver a criatividade; convivência coletiva; aprender a aprender (MENDES, 2005).

O sistema capitalista exige competência, senão o sujeito está fora, desempregado. A questão de competência, qualificação e formação profissional tem sido motivo de discussão. O que se entende e se aplica na construção formativa do indivíduo? (MANFREDI, 1998).

Qual o caminho tomado pela educação profissionalizante a cada ano na formação desses novos técnicos? Não podemos deixar de lado estas questões pertinentes à vida do profissional, o fato de concluir o curso não significa que esteja qualificado ou competente para profissão que o espera.

O grande desafio da educação profissionalizante está em formar o profissional competente e o cidadão responsável, comprometido com o bem estar do grupo a que pertence.

Já no Brasil desde os anos 70 a noção de competência começou fazer parte dos discursos técnicos, empresariais, órgãos que lidam com o trabalho. A necessidade da mão-de-obra técnica/profissional faz-se urgente a cada momento, mas os resultados exigem competência na hora do profissional atuar (HIRATA, 1994).

Ai a grande refutação sobre qualificação, competência e formação profissional, oferecidos pela formação técnica que lança em todos os semestres novos formandos numa sociedade que exige no momento final cidadania, gerenciamento e administração. Há compatibilidade entre competência e cidadania?

O formado consegue resolver problemas, ter atitudes, trabalhar em equipe, ir além do básico? Se existem essas indagações, significa que existe algum problema no resultado final do recém formado.

O desempenho e agilidade do profissional denotam a capacidade de resolver problemas, trabalhar em equipe e enxergar longe (LEITE, 1997). São coisas no dia-a-dia que dependem da formação profissional/humana. Não se espera que alguém saiba tudo, mas que compreenda e consiga sair das dificuldades, acertando o maior possível.

As empresas esperam que o trabalhador tenha o “perfil ideal”, ou seja, saiba saber fazer com praticidade e experiência profissional; saber ser competente e vislumbrar caráter; saber agir, ter diversidade aos novos desafios e produzir sempre.

O mercado de trabalho não brinca em serviço, exige o melhor trabalhador, o que traga competência; que saiba lidar com a competitividade, seja inovador e disponível à mudança. Até porque o tempo não para e novas descobertas aparecem a todo momento.

Na busca pelo perfil ideal, as empresas exigem tais competências. Requerem habilidades básicas, específicas e até mesmo de gestão ao rendimento do trabalho.

O fato não está em lançá-lo apenas no mercado de trabalho, mas dar-lhe condições humano-afetivas para alcançar a competência no que vai começar a desenvolver.

Com a competência o novo técnico precisa obter o domínio das técnicas e dos conteúdos do seu campo de trabalho (MELLO, 1982).

Sendo assim, podemos dizer que competência profissional apontada pela educação deve proporcionar o desempenho individual racional e eficiente; agregar capacidade cognitiva nas pessoas socioafetivas e emocionais. Essas dimensões vêm ao encontro da necessidade do mercado de trabalho, dentro dos princípios da racionalidade técnica capitalista (MANFREDI, 1998), nem sempre ajustados aos parâmetros de construção da cidadania.

V – Plano Nacional de Formação Profissional (PLANFOR)! Retórica ou solução?

Concebido no governo Fernando Henrique Cardoso (FHC) no ano de 1995, iniciado em 1996 se estende até o segundo mandato em 2002, o Plano Nacional de Formação Profissional (PANFLOR), coordenado pelo Ministério do Trabalho e pela Secretaria de Formação e Desenvolvimento Profissional do Ministério do Trabalho (SEFOR) foi direcionado àqueles que apresentavam dificuldades para entrar ou permanecer no mercado de trabalho. Um projeto destinado às habilidades básicas, específicas e de gestão que os indivíduos dispunham de mecanismos para aquisição de um salário de forma autônoma e atenderiam às requisições do setor produtivo.

Em meio ao contexto da globalização do capital, vinculado ao neoliberalismo, o PANFLOR, assim como a economia internacional, visa à educação profissionalizante como um instrumento de combate ao desemprego.

Esse cenário trouxe desafios e problemas para serem enfrentados no campo da educação em geral, em particular para a formação profissional, uma vez que foi considerado um elemento estratégico para o Brasil se ajustar às exigências da “economia competitiva”, em que a reforma educacional dos anos 90 pretendeu resolver. Dessa forma, baseou-se em estudos e recomendações de organismos internacionais (Banco Mundial, FMI, BID, CEPAL, UNESCO), os quais difundiram a ideia de que a educação possui um papel decisivo para o crescimento econômico e para a redução da pobreza, o que possibilita aos países de capitalismo periféricos a inserção no processo de globalização e de reestruturação produtiva.

Essas orientações nortearam uma série de políticas implantadas no Brasil que, na realidade, buscam estabelecer relações favoráveis as mudanças necessárias ao padrão de acumulação dos países periféricos, tornando os trabalhadores “adaptáveis” e “receptivos”.

É sob essa perspectiva que se fundamenta o PANFLOR enquanto um dos instrumentos de materialização da reforma educacional dos anos 90. Ademais, até aquele momento, segundo LIMA FILHO (2002), a proposta do Banco Mundial era de priorizar o investimento no ensino fundamental

e sugeria a contenção de oferta de vaga para a educação profissional no sistema formal, uma vez que essa modalidade possui um elevado custo, o que dificultaria a racionalização financeira do Brasil para atingir as metas de ajuste fiscal (PEIXOTO, 2008, p.58-59).

Com a estratégia de ação, o PLANFOR cria ações de qualificação e requalificação profissional à população economicamente ativa (PEA), sendo uma formação complementar, ou seja, o Plano não é uma substituição à educação, mas uma tentativa de estabilizar o trabalhador no mercado, através de várias parcerias governamentais tais como: Rede de ensino livre; Universidades públicas e privadas; sindicatos patronais de trabalhadores, escolas e fundações de empresas; SENAI/SESI, SENAR, SENAT/SEST, SEBRAE; Sistema de Ensino Técnico, em nível federal, estadual e municipal; organizações não governamentais (MENDES, 2005).

Por fazer esta parceria, o Plano é considerado inovador no campo das políticas públicas de trabalho, o que resulta também em mudança no modo de atuação do MTb, pois até o momento adotava uma forma muito restrita na questão da formação profissionalizante (MANFREDI, 2002).

O objetivo do PLANFOR era reduzir o desemprego e o subemprego do PEA, a pobreza e, principalmente, a desigualdade social, aumentando a produtividade, a qualidade e a competitividade no mercado de trabalho, buscando assim a qualificação profissional como políticas de emprego, garantindo um desenvolvimento sustentável. Contudo, o conceito de empregabilidade para o PLANFOR não era apenas garantir o emprego, mas permanecer-se no mercado de trabalho ao longo do tempo (PEIXOTO, 2008).

Com o novo conceito de trabalhador que surge na década de 90 e a responsabilidade concedida ao ensino profissionalizante de garantir a inserção do trabalhador no mercado, como já referido, o PLANFOR surge como uma estratégia de governo para garantir as oportunidades de trabalho da PEA, desenvolver o perfil de trabalhador para inseri-lo no mercado, garantindo o ensino profissionalizante a todos (SEFOR/MTb, 1996).

A proposta do PLANFOR era qualificar e requalificar anualmente 20% da PEA, cerca de 15 milhões de pessoas a partir dos 16 anos. Para isso, criam-se duas linhas de ação: Primeira, os Planos Estaduais de Qualificação (PEQ's) que correspondem a ações de formação profissional circunscritas a uma unidade federativa;

segunda, as parcerias nacionais e regionais que correspondem a convênios firmados pela SEFOR/MTb.

Todos os esforços são traçados no combate ao desemprego e à formação de mão-de-obra. O fato que leva à discussão do Plano é não só a inserção no mercado de trabalho, mas o grande desafio é a permanência deste novo profissional no sistema, como nos fala MENDES:

... Devem observar-se nos dados do Ministério do Trabalho que, no ano de 1996, somente 7% da PEA foram atingidas pelo programa. Em 1997, 11% da PEA e em 1998, 15% da PEA, portanto, não há uma uniformidade de alcance, ou podemos dizer que o programa (PLANFOR) não atingiu números relevantes. Há que se considerar, entretanto, a existência de uma concepção dicotômica entre educação geral e educação profissionalizante, persistências e tradições que não se apagam com os efeitos de um programa social verticalizado, trazendo conseqüentemente artificialidade e formalidade que impedem os desejados efeitos de tais políticas públicas na vida profissional dos beneficiários (MENDES, 2005.p. 70-71).

Há muito o que se fazer, pois as tentativas de diminuir o desemprego e aumentar a qualificação dos técnicos é mais um paliativo que vem a ser mais uma forma compensatória para justificar a exclusão social do que incluir o cidadão no mercado de trabalho. O PLANFOR e tantos outros Planos que surgiram tiveram a preocupação de colocar e capacitar o trabalhador para as mais variadas vocações dentro do mercado de trabalho, mas o próprio sistema capitalista é excludente, pois depende muito do trabalhador manter-se no emprego. As técnicas oferecidas auxiliam sim, mas não é uma descoberta capaz de acabar com o desemprego, muito pelo contrário, ao receber a qualificação está nas mãos do formado conseguir o seu emprego. Neste contexto, as falhas seriam do indivíduo, nunca de um sistema que também exclui e marginaliza. Parte de uma retórica para não se apontar que, na prática, o PLANFOR pouco fez de concreto, reproduzindo estratégias do modelo neoliberal.

O PLANFOR instituído no governo FHC foi marcado por estratégias de qualificação profissional que não são capazes de enfrentar os problemas ocasionados pelas transformações ocorridas no mundo do trabalho, tampouco podem ser considerados como elementos capazes de amenizar os efeitos do desemprego e do aumento da precarização das condições de trabalho, à medida que no Plano encontra-se intrínseco a perspectiva neoliberal que restringe as políticas públicas a serem desenvolvidas.

... a própria lógica do capitalismo está baseada no limite de acesso quanto ao número de pessoas, bem como quanto à qualidade do conteúdo educacional propagada, uma vez que é inerente ao sistema a não realização plena de todos os indivíduos, mas a sua reprodução (PEIXOTO, 2008, p. 123).

Capítulo II

A Escola Sylvio de Mattos Carvalho: educação profissionalizante inserida na cidade de Matão

“Aprender é a única coisa que a mente nunca se cansa, nunca tem medo e nunca se arrepende.”
Leonardo da Vinci

Introdução

No primeiro capítulo foi apresentado o desenvolvimento histórico da Educação Geral no Brasil e do Ensino profissionalizante, desde o Brasil colônia até os dias atuais e toda a problemática do neoliberalismo. Com isso foi possível perceber as transformações da educação nos períodos que marcaram a história brasileira.

Pode-se perceber em cada período o interesse voltado à Educação, frente às classes sociais, principalmente quando o ensino profissionalizante era destinado aos pobres, aos desamparados, aos desvalidos da sorte, aos órfãos até chegarmos às grandes transformações pedagógicas das últimas décadas, como a Lei 9.394/96 e o Decreto 2.208/97 que deram novo rumo ao ensino profissionalizante.

Sabe-se que as reformulações educacionais passam por acertos, erros e obstáculos, principalmente a educação profissional que tende a atender à demanda no mercado de trabalho, com o compromisso de não perder de vista a formação humano-afetiva do aluno, capacitando-o para a vida e para os problemas da nova profissão que vai assumir.

Muitos educadores vêm discutindo a formação que o ensino profissionalizante vem oferecendo na vida do formando. Para esta discussão tomei os autores Cunha e Kuenzer, e por fim, a importância deste ensino na cidade de Matão.

O resgate histórico da Educação no Brasil e suas consequências nos dias atuais feito no capítulo anterior abrem as portas para contextualizar neste segundo capítulo o ensino profissionalizante na cidade de Matão, interior de São Paulo, partindo assim do universal para o particular.

O presente capítulo está construído em seis seções: a primeira faz uma contextualização histórica da cidade de Matão e seu desenvolvimento industrial até os dias atuais. A segunda, o nascimento da Escola Técnica Sylvio de Mattos Carvalho como uma necessidade para o município na década de 80. A terceira, discorre sobre o

Centro Paula Souza, como sendo uma autarquia gerenciadora de todas as ETECs no Estado de São Paulo. A quarta seção nos introduz na vida organizacional da Escola em *loco*, a quinta seção discorre sobre os cursos em geral da escola e o eixo tecnológico que são os cursos desta pesquisa e, por último, é feito apontamentos e questões sobre a presença da educação profissionalizante no município como formadora de mão-de-obra local.

Será utilizado como referencial histórico/teórico na construção deste capítulo os seguintes autores: Azor, os documentos da prefeitura, os documentos próprios da escola, visitas, sites tanto da cidade quanto da escola e do Centro Paula Souza.

I – A Cidade de Matão: do Arraial à festa de Corpus Christi.

Segundo dados da Prefeitura Municipal de Matão e do documento: Plano Setorial de Abastecimento de Água e de Esgotamento Sanitário do Município, o fundador Theófilo Dias de Toledo e os primeiros moradores chegaram ao município em 1892, adquirindo terras na região e mais tarde formando o Arraial do Senhor Bom Jesus das Palmeiras.

Em busca de mais conforto e produtividade local, nasce entre os moradores a ideia de fundar uma vila. Foi convocada uma reunião sobre este assunto aos 13/02/1892 lavrada em ata:

"Aos treze dias do mês de fevereiro de mil oitocentos e noventa e dois, em casa do Coronel João de Almeida Leite Moraes, às cinco horas da tarde, achando-se reunidos os abaixo-assinados, foi convidado o Senhor Dr. Américo Franklin de Menezes Dória (Então Juiz de Direito da Comarca de Araraquara), para presidir e expor os fins da reunião, o qual convidou para seus secretários os cidadãos Theófilo Dias de Toledo e Leão Pio de Freitas. Aberta a sessão, o presidente mostrando as grandes vantagens que havia na criação de uma Capela e Cemitério, início de uma futura povoação, no florescente bairro do Matão, lembrou a eleição de uma Diretoria e diversas Comissões, a fim de angariarem donativos, para o fim acima indicado. Para a Comissão Diretora foram aclamados o Coronel João de Almeida Leite Moraes e Theófilo Dias de Toledo. Para as outras Comissões foram eleitos os Senhores Leão Pio de Freitas, Antonio Dutra da Costa e João Bellintani como representantes do bairro denominado Matão, Joaquim Corrêa de Freitas, Francisco Leandro de Abreu e José Martins de Lara dos Cocais da Dobrada, José Arruda Campos, Ismael da Silveira Leite e Joaquim Pio da primeira sessão da Fazendinha, Gilberto Pedro Franco, Antonio Felizardo e Augusto dos Santos da segunda sessão da mesma sesmaria, Joaquim Martins de Lara, Carlos Baptista de Magalhães, Francisco Lopes Augusto Malheiros e Antonio da Silva e Antonio Emiliano da Posse, Dr. Ernesto Prado da Estiva, Avelino

Pinto Ferraz, Dr. Júlio Cezar de Moraes Baguassu e João Schewench do Cambuhy. Foi autorizada a Comissão Diretora a convidar a todas as pessoas interessadas pela prosperidade e desenvolvimento do lugar, que estiverem em condições, a edificarem prédios, nos terrenos concedidos no patrimônio da futura Capela. Eu secretário que a escrevi e a subscrevo: (seguem as assinaturas):- Theófilo Dias de Toledo, Dr. Américo Franklin de Menezes Dória, Leão Pio de Freitas, João de Almeida de Moraes, Antonio Machado de Campos Barros, Antonio da Silva Coelho, José Bento Filho, Padre Luciano F. Pacheco, Gilberto Pedro Franco, João Bellintani, Jorge Corrêa por Herculano Corrêa de Assunção e Joaquim Martins de Lara, João de Almeida Leite Moraes e José de Arruda Campos." (PLANO DE ÁGUAS E ESGOTOS DO MUNICÍPIO DE MATÃO, p. 51).

Com esta finalidade, a comissão nomeada, adquiriu 10 alqueires de terra do senhor José Innocência da Costa, marcando o local da Capela Senhor Bom Jesus, nome dado à vila recém fundada e mais tarde, Matão, nome dado devido à existência de matas densas na região. Aos 19 de setembro de 1895, Matão foi criado distrito policial e elevado a Distrito de Paz aos 7 de maio 1897, pela lei n.499. Desmembrado do município de Araraquara, pela Lei Estadual n. 567 aos 27 de agosto de 1898, Matão foi elevado à categoria de Município. (LEITE, 1992).

Em 28 de março de 1899, toma posse a primeira Câmara Municipal, constituída pelos Senhores Vereadores Dr. Leopoldino Martins Meira de Andrade, Capitão Theófilo Dias de Toledo, Capitão Ottoni Corrêa, Farmacêutico Cairbar de Souza Schutel, Tenente José Hipólito Fernandes e José Pio Corrêa da Silva, sendo suplentes os Senhores Emílio D'Agostino, Tenente Paulo do Amaral Sampaio, Antonio Kfourri, Amador Cândido Rodrigues, Capitão Christovam Corrêa de Arruda, Francisco Pires Fleury e Major Mathias Dias de Toledo. Cairbar de Souza Schutel ocupou o cargo de Intendente nessa primeira legislatura (PLANO DE ÁGUAS E ESGOTOS DO MUNICÍPIO, p. 52).

Matão destaca-se também por sua religiosidade, sua principal festa religiosa é o Corpus Christi, o que atrai muitas pessoas no setor turístico da cidade. A vida religiosa no município nasceu aos pés de um Cruzeiro e de uma imagem do Senhor Bom Jesus, que ficou sendo Senhor Bom Jesus das Palmeiras e, depois, Senhor Bom Jesus de Matão. Devido ao aumento da população em 1.898, foi criada a Paróquia do Senhor Bom Jesus de Matão, pertencendo à Diocese de São Paulo. Seu primeiro vigário foi o Pe. Miguel Ruffo (LEITE, 1992).

“No mês de fevereiro de 1.901, foi lançada a pedra fundamental da primeira igreja matriz. A construção foi iniciada, porém sofreu várias paralisações. Em 1.908, foi criada por Pio X a Diocese de São Carlos do Pinhal e Matão passou a ser paróquia da nova Diocese” (LEITE, 1992, p. 168).

A festa de “Corpus Christi” em Matão tornou-se tradição e caracterizou a sua história. Até hoje ao aproximar-se da época dessa festa, as comunidades, as escolas, a cidade, se movimentam, recolhendo material e passam a madrugada de “Corpus Christi” enfeitando as ruas. Movimenta-se a cidade partindo das crianças até os mais idosos.

Na festa de “Corpus Christi”, em 1.931, o vigário da Paróquia do Senhor Bom Jesus, Pe. João Batista de Carvalho deixava escrito no livro Tombo:

“Pela primeira vez realizou-se com esplendor a procissão de Corpus Christi. Houve duas bênçãos no trajeto e a última na porta da Igreja. Estreou-se ‘sic’ a irmandade do Santíssimo Sacramento. As ruas do trajeto e as casas estavam lindamente ornamentadas” (LEITE, 1992, p. 234).

O município de Matão está cercado por duas das mais importantes rodovias do Estado de São Paulo: Rodovia Brigadeiro Faria Lima (Matão - Brasília) e a Rodovia Washington Luiz, interligando com as rodovias Anhanguera e dos Bandeirantes. Portanto, as rodovias Washington Luís e Faria Lima fazem a ligação da cidade com São Paulo e as demais cidades do Estado.

As maiores universidades públicas da redondeza estão próximas a Matão tais como: UNESP em Araraquara, em Jaboticabal, em São José do Rio Preto e em Bauru; USP em Ribeirão Preto e em São Carlos; UFSCar, em São Carlos, o que facilita aos jovens matonenses cursarem uma dessas universidades.

Matão é elevada à categoria de Comarca pela Lei Estadual nº. 2.456, aos 30 de dezembro de 1953, mantendo os limites territoriais com: Taquaritinga, Dobrada, Motuca, Araraquara, Nova Europa, Gavião Peixoto, Tabatinga e Itápolis. A Comarca de Matão tem como primeiro juiz de direito titular, o Dr. Lauro de Almeida e o Dr. Walter de Campos, o promotor público.

Matão localiza-se a 300 km da capital São Paulo e possui uma população de 41.846.843 segundo o SEADE; está inserida na Região de Governo de Araraquara¹⁰; a 36 km de Araraquara, a 67 km de São Carlos, ambas compõem a Região Administrativa Central com 26 municípios e uma população de 11.094 km², 4,4% do Estado de São Paulo. Na Tabela 02 estão listados os municípios pertencentes à Região Administrativa Central.

Tabela 02 - Lista dos municípios da Região Administrativa Central

| Região Administrativa Central | |
|--|--|
| Região de Governo de Araraquara | Rincão |
| Américo Brasiliense | Santa Ernestina |
| Araraquara | Santa Lúcia |
| Boa Esperança do Sul | Tabatinga |
| Borborema | Taquaritinga |
| Cândido Rodrigues | Região de Governo de São Carlos |
| Dobrada | Trabiju |
| Fernando Prestes | Descalvado |
| Gavião Peixoto | Dourado |
| Ibitinga | Ibaté |
| Itápolis | Porto Ferreira |
| Matão | Ribeirão Bonito |
| Motuca | Santa Rita do Passa Quatro |
| Nova Europa | São Carlos |

Fonte: SEADE, 2011

Comparado com a Região de Governo e o Estado de São Paulo, atualmente, o município de Matão possui uma área territorial de 527,01 Km² de 7.234, 32 da Região e 248.209,43 Km² do Estado, com um total de 77.270 habitantes para 575.494 e 41.846.843; com a densidade demográfica de 146,60 habitantes/ Km²; uma taxa de crescimento anal (2000/2010) de 0,69%; com um grau de urbanização de 98,16%; e 59,18% de envelhecimento; contando com uma população de 19, 71% menor de 15 anos e 11,67% com mais de 60 anos, o que mostra um bom desenvolvimento do município.

¹⁰ “As microrregiões e ou Regiões de Governo foram estabelecidas com o objetivo de centralizar as atividades das secretarias estaduais. Uma microrregião é, de acordo com a Constituição brasileira de 1988, um agrupamento de municípios limítrofes, cuja finalidade é integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum. O termo é mais conhecido em função de seu uso prático pelo IBGE que, para fins estatísticos e com base em similaridade econômicas e sociais, divide os diversos estados da federação brasileira em microrregiões. São subdivisões das Regiões Administrativas. No Estado de São Paulo temos 63 Regiões de Governo e, de modo geral, levam o nome da cidade principal” - <<http://www.cidadespaulistas.com.br/prt/cnt/mp-reg-gov.htm>>. Acesso em: 13 março 2012.

A Tabela 03 apresenta dados principais sobre o território e a população: a área é o território em quilômetro quadrado; a população relata o número de habitantes do município; a densidade demográfica é a relação entre população e área ocupada por quilômetros quadrados; já a taxa geométrica de crescimento anual da população expressa o crescimento médio da população frente a um período; o grau de urbanização é o percentual da população em relação total de habitantes; o índice de envelhecimento expressa a proporção de números de pessoas a cada 100 indivíduos; a população com menos de 15 anos é comparado com a população total do município; a razão de sexos é demonstrada a cada 100 mulheres o número de homens residentes (SEADE, 2011).

Tabela 03 – Território e População de Matão

| Descrição | Ano | Município | RG | Estado |
|---|------|-----------|----------|------------|
| Área (Km ²) | 2010 | 527,01 | 7.234,32 | 248.209,43 |
| População | 2010 | 77.270 | 575.494 | 41.846.843 |
| Densidade Demográfica (Habitantes/km ²) | 2010 | 146,62 | 79,55 | 167,97 |
| Taxa Geométrica de Crescimento Anual da População – 2000/2010 (Em % a.a.) | 2010 | 0,69 | 1,06 | 1,09 |
| Grau de Urbanização (Em %) | 2010 | 98,17 | 95,00 | 95,94 |
| Índice de Envelhecimento (Em %) | 2010 | 59,18 | 64,25 | 53,79 |
| População com Menos de 15 Anos (Em%) | 2010 | 11,67 | 12,85 | 11,55 |
| Razão de Sexos | 2010 | 98,17 | 97,15 | 94,80 |

Fonte: SEADE, 2011

De acordo com dados da prefeitura, o município, na década de 70, contava com 21 mil habitantes, atingindo 37.822 nos anos 80. Em 1991 a população era de 63.613, em 1996 já contava com 68.334, em 2000 atinge os 71.753, em 2003 73.433, em 2007 salta para 74.407, hoje 77.270.

Os resultados da Tabela 04, demonstram o grau de crescimento do município ao longo dos anos: de 1980 a 1991, frente a população total, a taxa de crescimento foi de 4,8% uma taxa bastante alta comparada com a Região de Governo de Araraquara que foi de 2,8% ao ano.

Na década de 80, ano marco do desenvolvimento industrial, Matão alavancou no desenvolvimento agroindústria citrícola, na indústria de implementos agrícolas e nas políticas públicas, o que acarretou o crescimento urbano de 87,7% atingindo, em 1991, a taxa 95,1%, um número maior comparado a Região de Governo que atinge 92,5% somente nos 2003.

O crescimento populacional cai na década de 90 comparado com a Região de Governo que atinge o índice de 1,60% enquanto Matão alcança os 1,40% ao ano.

Portanto, com 97% da população vivendo na cidade faz de Matão um município de urbanização consolidada e sem tendência de alteração neste processo populacional.

Tabela 04 – Comparação de Demografia: Matão e Região de Governo de Araraquara

| Matão | 1980 | 1991 | 2000 | 2003 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| População Total | 37.822 | 63.154 | 71.669 | 74.330 |
| Taxa de Crescimento | 4,8% | | 1,4% | 1,2% |
| População Urbana | 33.159 | 60.154 | 69.087 | 71.890 |
| Taxa de Crescimento | 5,5% | | 1,6% | 1,3% |
| População Rural | 4.663 | 3.120 | 2.582 | 2.440 |
| Taxa de Crescimento | - 3,6% | | - 2,1% | - 1,9% |
| Taxa de Urbanização | 87,7% | 95,1% | 96,4% | 96,7% |
| Região de Governo de Araraquara | 1980 | 1981 | 2000 | 2003 |
| População Total | 326.700 | 443.409 | 512.664 | 534.098 |
| Taxa de Crescimento | 2,8% | | 1,6% | 1,4% |
| População Urbana | 262.380 | 389.088 | 470.265 | 494.041 |
| Taxa de Crescimento | 3,6% | | 2,1% | 1,6% |
| População Rural | 64.340 | 54.321 | 42.399 | 40.057 |
| Taxa de Crescimento | - 1,5% | | - 2,7% | - 1,9% |
| Taxa de Urbanização | 80,3% | 87,7% | 91,7% | 92,5% |

Fonte: DOCUMENTO: PLANO DE ÁGUAS E ESGOSTO DO MUNICÍPIO, 2011.

As Tabelas 05 e 06 demonstram ainda mais o crescimento populacional da cidade dentro de um período de onze anos (2000 a 2011), ano a ano. A Tabela 05 apresenta dados sobre o crescimento urbano, o crescimento rural, o total da população urbana e o percentual deste crescimento, o que comprova que a área populacional é mais urbana.

Tabela 05 – Crescimento Populacional de Matão

| Ano | População Urbana (Hab.) | População Rural (Hab.) | População do Município (Hab.) | Taxa de Urbanização (%) |
|------|-------------------------|------------------------|-------------------------------|-------------------------|
| 2000 | 69.168 | 2.585 | 71.753 | 96.40% |
| 2001 | 69.765 | 2.433 | 72.198 | 96.63% |
| 2002 | 70.367 | 2.290 | 72.657 | 96.85% |
| 2003 | 70.975 | 2.155 | 73.130 | 97.05% |
| 2004 | 71.588 | 2.028 | 73.616 | 97.25% |
| 2005 | 72.206 | 1.908 | 74.114 | 97.42% |
| 2006 | 72.829 | 1.796 | 74.625 | 97.59% |
| 2007 | 73.458 | 1.690 | 75.148 | 97.75% |
| 2008 | 74.092 | 1.591 | 75.683 | 97.90% |
| 2009 | 74.732 | 1.497 | 76.229 | 98.04% |
| 2010 | 75.377 | 1.409 | 76.786 | 98.17% |
| 2011 | 76.028 | 1.326 | 77.262 | 98.29% |

Fonte: SEADE, 2011

A Tabela 06 faz uma comparação do crescimento da população masculina com a feminina; na década de 80 o número de homens era superior ao das mulheres com uma diferença de 7252 homens, mas com o passar dos anos esta diferença vai ficando menor e superior no ano de 2011, ou seja, hoje a cidade de Matão possui mais mulheres do que homens.

Tabela 06 – População Masculina e Feminina de Matão

| Localidade | População | 1980 | 1985 | 1990 | 1995 | 2000 | 2005 | 2010 | 2011 |
|------------|-----------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| Matão | Masculina | 19.537 | 24.547 | 30.662 | 33.842 | 35.838 | 37.155 | 38.015 | 38.279 |
| | Feminina | 12.285 | 23.362 | 29.685 | 33.299 | 35.831 | 37.475 | 38.728 | 38.991 |

Fonte: SEADE, 2011

De acordo com dados da tabela acima nota-se que houve um crescimento gradativo da população matonense ao lado do desenvolvimento industrial. Isso demonstra a necessidade da criação da escola ETEC para cidade desde a década de 80 devido as suas características peculiares.

Características Socioeconômicas e desenvolvimento Industrial: o impulso dos imigrantes italianos

Matão começou sua atividade agrícola em 1.890 com a cultura do café e depois dedicou-se ao cultivo de cereais, mais como produção para subsistência do que para um comércio efetivo. Nos primeiros tempos, podiam ser encontradas no meio do café, plantações de abóbora, milho e nos cantos mais desguarnecidos, os mandiocais (LEITE, 1992).

O processo de industrialização começou com pequenas oficinas caseiras, destinadas a consertos de utensílios de cozinha, implementos agrícolas e prestação de serviços.

A necessidade de novos trabalhadores trouxe para o Município de Matão muitos imigrantes, sendo a maioria da Itália, com o propósito de trabalhar nas lavouras de cultura de laranja e café.

A história acerca da chegada, da vida e do trabalho das famílias italianas tem seus aspectos comuns e fundamentais em Matão. Os imigrantes italianos saíram de sua terra natal em busca de uma nova vida, quando o Brasil tinha acabado de decretar a abolição da escravatura em 1.888 (LEITE, 1992).

A partir da influência agrícola e a vinda de novos trabalhadores surge: “B. Bambozzi & Irmão LTDA (1920 – italianos), a primeira empresa criada para fabricação de motores, máquinas de solda e similares; em 1924, a Companhia Agrícola e Pastoril D’Oeste de São Paulo vendeu 22.452.83 alqueires para a empresa inglesa subsidiada com a razão social brasileira, Companhia Fazendas Paulistas (Fazenda do Cambuhy), iniciando uma produção de café, com dois milhões e duzentos mil pés, além do gado bovino leiteiro e de tração.

Em 1928 de família italiana, nasceu à empresa Baldan Implementos Agrícolas S/A, produzindo implementos agrícolas de tração animal e mecânico, os produtos que vinham sendo desenvolvidos destinavam-se ao preparo do solo e plantio de diversos tipos de culturas, uma linha de produtos voltada à cultura da cana e colheita de milho. Nos anos de 1946 surgiu a Marchesan Implementos e Máquinas Agrícolas “Tatu” também responsável pela produção de implementos e máquinas agrícolas atuante no mercado interno e externo. Seus produtos eram destinados a diversos tipos de terrenos e utilizados no preparo e conservação do solo, no plantio e no cultivo de várias culturas. (LEITE, 1992).

Mais tarde surgiram outras empresas que marcaram a economia da cidade, tais como: Auto Ônibus Matão e Viação Paraty; Bambozzi, Cadioli, Brasilux (tintas automotivas); Emmes e Elite (responsáveis pela confecção e artigos esportivos e outros); Irmãos Panegossi (prestação de serviços de metalúrgica); Grupo Leão & Leão (pavimentação); Triângulo do Sol (concessionária de estradas); Vent-Lar (esquadria metálica).

Matão teve uma cultura agrícola praticamente de 1.890 a 1.950, sendo a cultura cafeeira a precursora do desenvolvimento econômico. A chegada da Estação Ferroviária da Estação de Araraquara proporcionou o desenvolvimento de outras áreas também, tais como citricultura e o plantio da cana-de-açúcar.

Foi por volta de 1.950 que o plantio mudou na grande área do município e essa modificação atingiu seus limites máximos na década seguinte. Logo após a venda da Companhia Agrícola Fazendas Paulistas ou Fazendas dos Ingleses para um grupo que, imediatamente, se colocou diante de um novo tipo de trabalho, transformando mais de 23 mil alqueires de um bloco só de terra, em outros menores, teve início o “loteamento” das Fazendas do Cambuhy. Isto levou alguns fazendeiros ao cultivo da citricultura, a partir dos anos 60, e a cana de açúcar, a partir dos anos 70, substituindo o café, também como a criação de suínos, bovinos e ovinos, extração, refinados de óleos vegetais e o plantio de frutas cítricas. (LEITE, 1992).

Em 1.963, o Grupo Fischer fundou em Matão a Citrosuco Paulista S/A, a maior produtora de suco concentrado no mercado brasileiro e internacional. Além do suco, o Grupo Fischer também produz álcool, óleo essencial e ração “pellets”, todos extraídos da laranja.

Nos anos 60 e 70, a indústria, principalmente, de cana de açúcar e citrícola fortalece-se e, conseqüentemente, a população urbana também. Esses dois ramos no setor industrial dão novo impulso à agricultura matonense e região, o que motivou o surgimento de outras empresas como a Coimbra Frutesp S/A, Citrovita, Fisher, Global Sucos, Cambuhy MC Industrial, Central Citrus e Frutropic todas voltadas ao setor agrícola, ou seja, à fabricação de suco concentrado.

A laranja e a cana-de-açúcar deram novo rumo na economia, anos 80, em detrimento do crescimento das usinas da região. Há um processo de substituição de culturas que atendem ao mercado interno para as culturas destinadas à exportação, com isso, o café que era fonte geradora da economia, foi perdendo espaço na economia (ANTONIOSI, 2005).

Nos anos 80 a dinamicidade industrial (implementos agrícolas, processadoras de suco e confecção) gerou mais de dois mil empregos, com o total de 1,7 mil metalúrgicos. Com isso, nasceu em 1.987 o Sindicato dos Metalúrgicos e dos Trabalhadores Rurais. A atividade econômica de Matão é bastante diversa, baseada no comércio, na indústria, na prestação de serviços e na agropecuária. É um dos maiores centros de produção e exportação de suco de laranja concentrado do mundo, além de indústrias de pequeno, médio e grande porte no setor metalúrgico, metalomecânico, agroindustrial, no setor de indústrias alimentícias e de confecção esportiva (ANTONIOSI, 2005).

Num resgate histórico de duas décadas, de 1.991 a 2.010, fizemos um paralelo do desenvolvimento econômico da cidade Matão no setor produtivo e seus respectivos vínculos empregatícios, depois o crescimento empregatício entre a Região de Governo de Araraquara, a qual Matão pertence e o próprio Estado de São Paulo demonstrado nas Tabelas 07 e 08.

Os dados da Tabela 07 indicam que nos anos de 1.991, o município abrigava o total 649 estabelecimentos somados o setor industrial, o comercial, a prestação de serviços e a agropecuária, tendo 17.541 pessoas empregadas. No ano de 1995 cresce o número de estabelecimentos para 1.059, mas cai o número de trabalhadores para 17.187, uma diferença de 354 trabalhadores a menos em relação ao ano de 91, mas em 2000 esta situação é revertida gradualmente com 1.314 estabelecimentos, ou seja, 255 novos pontos de emprego comparado com ano de 1995 totalizando 20.559 empregos, cerca de 3.372 pessoas a mais empregadas. Podemos perceber que o município vem mantendo o vínculo empregatício de uma forma crescente, como acontece no período de 2005 a 2010, uma diferença de 119 novos estabelecimentos totalizados em 1.768 no último ano e 26.559 empregos na cidade.

Tabela 07 – Número de Empresas e trabalhadores da cidade de Matão

| Setor | 1991 | 1995 | 2000 | 2005 | 2010 |
|---------------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Total de Vínculos Empregatícios | 17.541 | 17.187 | 20.559 | 21.500 | 26.559 |
| V. Empregatícios na Indústria | 7.787 | 8.332 | 6.819 | 7.362 | 10.066 |
| V. Empregatícios no Comércio | 1.398 | 1.835 | 1.958 | 3.236 | 4.435 |
| V. Empregatícios nos Serviços | 5.884 | 4.117 | 4.076 | 4.875 | 5.592 |
| V. Emp. na Agropecuária | 1.658 | 2.629 | 7.286 | 5.457 | 5.883 |
| Número de Indústrias | 99 | 135 | 175 | 197 | 247 |
| Número de Comércio | 317 | 460 | 551 | 751 | 837 |
| Número de Serviços | 205 | 279 | 384 | 497 | 570 |
| Número de agropecuária | 28 | 185 | 204 | 204 | 114 |
| Total de estabelecimentos | 649 | 1059 | 1314 | 1649 | 1768 |

Fonte: SEADE, 2011

A Tabela 08 compara dados sobre empregos e rendimentos do município, da Região de Governo e do Estado, nos diversos setores que relatamos acima. Os dados referem-se a empregos formais, com carteira de trabalho assinada, funcionários públicos, trabalhadores avulsos, temporários e outros. O setor que mais oferece emprego é o da indústria com 37,90% em 2.010 e um pequeno acréscimo de 0,74% em 2.009 com um rendimento de 1.944,08 reais nos vínculos empregatícios mantendo a média em relação à região de governo e o Estado. Nos outros setores, o município tem uma pequena diferença inferior à média da Região e do Estado nos setores de agropecuária, comércio e serviços. Contudo, Matão vem destacando-se no setor industrial.

Tabela 08 – Emprego e Rendimento: Matão, RG e o Estado

| Descrição | Ano | Município | Região de Governo | Estado |
|--|------|-----------|-------------------|----------|
| Participação dos Vínculos Empregatícios na Agropecuária no total de Vínculos (%) | 2009 | 26,18 | 15,06 | 3,08 |
| | 2010 | 22,15 | 10,48 | 2,57 |
| Participação dos Vínculos Empregatícios na Indústria no total de Vínculos (%) | 2009 | 37,16 | 31,27 | 22,47 |
| | 2010 | 37,90 | 31,24 | 22,53 |
| Participação dos Vínculos Empregatícios no Comércio no total de Vínculos (%) | 2009 | 15,05 | 18,96 | 19,23 |
| | 2010 | 16,70 | 21,01 | 19,47 |
| Participação dos Vínculos Empregatícios nos Serviços no total de Vínculos (%) | 2009 | 19,44 | 31,73 | 50,53 |
| | 2010 | 21,06 | 33,15 | 50,50 |
| Rendimento Médio nos Vínculos Empregatícios na Agropecuária em reais | 2009 | 833,23 | 812,22 | 930,66 |
| | 2010 | 880,69 | 1.051,08 | 1.064,13 |
| Rendimento Médio nos Vínculos Empregatícios na Indústria em reais | 2009 | 1.785,27 | 1505,66 | 2.076,16 |
| | 2010 | 1.944,08 | 1.642,28 | 2.226,86 |
| Rendimento Médio nos Vínculos Empregatícios no Comércio em reais | 2009 | 1.080,41 | 1.009,07 | 1.296,69 |
| | 2010 | 1.138,68 | 1.071,51 | 1.415,16 |
| Rendimento Médio nos Vínculos Empregatícios nos Serviços em reais | 2009 | 1.326,32 | 1.465,36 | 1.885,02 |
| | 2010 | 1.391,60 | 1.526,54 | 2.028,66 |

Fonte: SEADE, 2011

Apresentamos na Tabela 09 dados da economia referentes à: PIB e PIB per capita; participação dos setores agropecuária, indústria e serviço no total do valor adicionado; valores de exportações em relação ao valor total das exportações do Estado. Estes dados, referentes aos anos 2008, 2009 e 2010 comprovam que Matão possui um PIB per capita superior à sua região e inferior à média do Estado em 2.008, o que muda significativamente no ano de 2.009 em relação à Região e ao Estado.

Tabela 09 – Dados da Economia de Matão

| Descrição | Ano | Município | Região de Governo | Estado |
|--|------|-----------|-------------------|--------------|
| PIB (em milhões de reais correntes) | 2008 | 443,97 | 1.399,17 | 1.003.015,76 |
| | 2009 | 5.187,32 | 13.251,74 | 1.084.353,49 |
| PIB per Capta (em reais correntes) | 2008 | 12.918,76 | 9.939,34 | 24.457,00 |
| | 2009 | 66.315,42 | 23.407,25 | 26.202,22 |
| Participação da Agropecuária no total do valor adicionado (em %) | 2008 | 3,48 | 7,53 | 1,54 |
| | 2009 | 1,02 | 5,48 | 1,62 |
| Participação da Indústria no total do valor adicionado (em %) | 2008 | 21,27 | 20,81 | 29,52 |
| | 2009 | 70,44 | 42,24 | 29,04 |
| Participação dos Serviços no total do valor adicionado (em %) | 2008 | 75,25 | 71,66 | 69,03 |
| | 2009 | 28,54 | 52,28 | 69,34 |
| Participação nas Exportações do Estado (%) | 2009 | 0,136144 | 0,386184 | 100,000000 |
| | 2010 | 1,253312 | 3,705852 | 100,000000 |

Fonte: SEADE, 2011

II – Escola Técnica Estadual Centro Paula Souza (ETEC) “Sylvio de Mattos Carvalho”: a democratização da qualificação?

Procurando atender à comunidade escolar da época, o poder público de Matão cria a escola Municipal Dr. Adhemar de Barros – atualmente denominada Escola Estadual Henrique Morato - no ano de 1.943 sob o Decreto-lei nº 42, de 31 de dezembro de 1.940. O ensino era pago e mantido pela prefeitura. Tempos depois, o governo local deixa de administrar e transfere toda responsabilidade ao Colégio Anglo-Latino de São Paulo cujo ensino também era pago. A Figura 02 ilustra o prédio da Escola nos anos de 1943.



Figura 02: ETEC Matão (1.943)

¹¹ Essa foto encontra-se no Plano Plurianual de Gestão da Escola, página 02.

Somente no ano de 1.947, esta escola passa ser mantida pelo Estado de São Paulo e recebe o nome de Ginásio Estadual Professor Henrique Morato (Decreto-lei n. 16.871, de 10 de fevereiro), atendendo aos moradores de Matão, Dobrada, São Lourenço do Turvo, Boa Vista e Santa Ernestina.

Em 1.950 foi incorporado o Curso Normal. Em 1.961, com o Decreto Lei n. 6.173, de 14 de julho, passou a oferecer as séries colegiais e, por fim, foi elevado a Instituto de Educação a ENGE Prof. Henrique Morato em 1.965 (Lei n. 9.179, de 13 de dezembro).

Em relação ao prédio nos anos de 1950 não muda muito, apenas o paisagismo realça a Escola que permanece arquitetonicamente a mesma forma como ilustra a Figura 03.



Figura 03: ETEC Matão (1.950 – 1.960)

Para atender à demanda dos alunos que cada vez aumentava mais, a Escola Henrique Morato é transferida em 1.970 para um prédio recém construído. No mesmo ano, o antigo prédio veio abrigar a Faculdade de Ciências Sociais e Letras que teve curta duração e também o Supletivo do Segundo Grau. Hoje no prédio funciona a Escola Técnica Estadual Sylvio de Mattos Carvalho.

O Governador Franco Montoro tornou-a realidade, ao assinar o Decreto Estadual n. 25.326 criando a Escola Técnica Sylvio de Mattos Carvalho aos 03 de junho de 1.986, no Palácio dos Bandeirantes. Tratava-se de uma escola diferente das demais, pois tinha um cunho profissionalizante, na qual seriam formados profissionais para o desenvolvimento industrial da cidade. Para a população, nada melhor do que formar a mão-de-obra na própria cidade, sem ter que ir a outro município (A COMARCA, 1986).

¹² Essa foto encontra-se no Plano Plurianual de Gestão da Escola, página 02.

A criação da nova escola visava beneficiar aqueles que não tinham como cursar uma universidade, principalmente os filhos dos metalúrgicos e bóias-frias. Também os jovens faziam cursos no SENAI de Araraquara custeados pelas indústrias e a gênese da escola facilitaria tanto aos interessados quanto às indústrias matonenses na formação de seus funcionários (A COMARCA, 1986).

Introduzir o jovem no mercado de trabalho é cada vez mais crucial para a sociedade. Um mercado cada vez mais competitivo e restrito dificultava a competição, pois faltava qualidade e oportunidade, pois quem desejava este tipo de formação educacional tinha que sair da cidade. Com a nova escola, os jovens poderiam ter uma qualificação melhor sem precisar sair da própria cidade, estagiar nas empresas locais e serem acompanhados por elas de uma forma melhor, ou seja, as empresas locais ditariam o tipo de profissional para o mercado vigente na época, investindo na formação, principalmente, na aquisição de maquinário para o estudo.

De fato, a notícia repercutiu positivamente por toda a cidade, pois segundo o Prefeito da época, Jayme Gimenez, em entrevista ao jornal – A Comarca – tratava-se de uma “reivindicação de mais de 30 anos”.

O Decreto, assinado pelo então Governador do Estado, o Sr. Franco Montoro, tinha a seguinte redação:

Franco Montoro, governador do Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais, com fundamento no artigo 89, da Lei n. 9.717, de 30 de janeiro de 1967, e considerando o que dispõem os Decretos n. 2.957, de 04 de dezembro de 1.973, e 23.544, de 10 de junho de 1985, DECRETA:

Artigo 1º - É criada, na estrutura da Divisão de Supervisão Apoio às Escolas Técnicas Estaduais, da Secretaria da Educação, a Escola Técnica Estadual de 2º Grau de Matão, no Município de Matão.

Artigo 2º - O Secretário de Educação autorizará a instalação da escola que trata o artigo e fixará o número de classes de 1ª a 3ª séries do 2º Grau.

Artigo 3º - O Secretário da Educação designará o pessoal técnico e administrativo mínimo necessário ao funcionamento da unidade ora criada, segundo os critérios estabelecidos pelos Decretos n. 7.709, de 18 de março de 1976, e 11.555, de 04 de julho de 1978.

Artigo 4º - Nos casos em que se fizer necessário provimento de cargos ou preenchimento de funções-atividades, deverão ser obedecidas as normas constantes dos Decretos n. 21.871 e 21.872, de 06 de janeiro de 1984.

Artigo 5º - As despesas decorrentes da execução deste Decreto correrão à conta das dotações consignadas no orçamento programa vigente.

Palácio dos Bandeirantes, aos 03 de junho de 1986.

FRANCO MONTORO – Governador

(DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO, 04 de junho de 1986, p. 2, in: A COMARCA, 1986).

Para sociedade estudantil, a gênese da escola significou uma oportunidade para além do ensino médio, pois abriria as portas ao mercado de trabalho e garantiria uma profissão, principalmente àqueles que não conseguiam ingressar numa universidade no momento. Com isso, a procura pela escola aumentava cada vez mais, por desempenhar um papel importante no desenvolvimento industrial emergente e pela formação qualificada de alunos na busca de uma profissão.

Devido a necessidade de emprego, os alunos buscavam mais a formação profissional do que os conhecimentos gerais ou até mesmo uma formação humana, principalmente, os filhos dos metalúrgicos e bóias-frias, de garantirem o futuro trabalhando nas empresas ou até mesmo abrindo seu próprio negócio o que impulsionou ainda mais o desejo de ter a escola técnica na cidade.

Em 1.987 com decreto da Lei n. 5.542, de 20 de janeiro, a Escola recebeu o nome de seu patrono: o Professor e advogado Dr. Sylvio de Mattos Carvalho, primeiro Diretor do Ginásio Municipal.

Artigo 1º - Passa a denominar-se “Prof. Dr. Sylvio de Mattos Carvalho” a Escola Técnica Estadual de 2º Grau de Matão, em Matão.

Artigo 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

(DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO, 21 de janeiro de 1987, p. 2, in: A COMARCA, 1987).



Figura 04: Vista aérea da ETEC Matão (1.980)

Oficializada a criação, o prédio do antigo Ginásio Estadual passou por reformas para receber os alunos e dar início às aulas. Todas as salas foram reformadas e o grande salão onde seriam instalados os equipamentos para habilitação de técnico em

¹³ Essa foto encontra-se no Plano Plurianual de Gestão da Escola, página 02.

mecânica e cursos pré-profissionalizantes de mecânica, corte e costura, eletricidade e marcenaria já se encontravam em fase de conclusão. O sonho tinha sido conquistado, restava formar profissionais nas mais variadas profissões emergentes da cidade (A COMARCA, 1987).

Após a visita de vistoria ao prédio da Antiga Faculdade de Ciências e Letras pela Comissão de Divisão de Assistência ao Ensino Técnico da Secretaria de Educação de Araraquara aos 17 de fevereiro de 1987 pelas supervisoras da Delegacia de Ensino Maria Darcy Mazza e Vilma Fontes Borghi, foi dado o aval para começar as atividades da nova Escola Técnica em Matão aos 09 de março do decorrente ano (A COMARCA, 1987).

A vinda da escola contava com o apoio dos empresários que demonstraram interesse na formação destes técnicos que futuramente iriam completar o quadro vocacional da cidade dentro do mercado emergente industrial. Cerca de onze diretores industriais ajudaram na compra de equipamentos que foram utilizados pelos alunos do segundo ano de mecânica no ano de 1988 (A COMARCA, 1.987).

Por ter um setor industrial marcado pelo metalomecânico e agroindustrial e por estar ligado ao agronegócio, formar mão-de-obra fazia-se mais do que necessário a este desenvolvimento industrial emergente.

Somente em 1.994, a ETEC – Matão é transferida para o Centro Paula Souza, pertencendo à região de governo de Araraquara e à região administrativa central, sendo a 103ª escola do Centro Paula Souza, localizada à Rua Cesário Mota 664 no centro de Matão.¹⁴

O prédio da nova Escola foi tomando forma e cor ao longo dos anos, como ilustram as Figuras 05, 06 e 07.

¹⁴ A Escola tem como seu primeiro diretor o Sr. Luiz Manoel Frattini, depois Antonio Lourenço Custódio, Maria da Glória Rocha Pirola, Antonio Pinto do Nascimento Neto, Miguel de Luna e Ivone Ferioli Nunes, Antonio Pinto do Nascimento Neto, atual diretor (A COMARCA, Edição de 27 de março de 2011).



Figura 05: ETEC Matão (1.990)

Com a metodologia do Centro Paula Souza, a escola continua o processo de formação dos profissionais técnicos contribuindo assim para o desenvolvimento da cidade na área industrial. De acordo com a lei n. 9394 (Diretrizes e Bases da Educação Nacional), o Centro Paula Souza procura integrar-se às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduzindo ao permanente desenvolvimento de aptidões para vida profissional.

Com a implantação de cursos técnicos isso fez um grande diferencial para cidade e até hoje ainda faz porque com a necessidade de contratação de novos profissionais nas empresas dá-se a prioridade aos alunos da ETEC que já se encontram na empresa fazendo estágio e moram na cidade. Com isso, não há necessidade de contratar pessoas de fora para trabalhar nas empresas locais. Os alunos da ETEC suprem essa necessidade das empresas.



Figura 06: Foto aérea da ETEC Matão (2011)



Figura 07: ETEC Matão (2010)

¹⁵ Essa foto encontra-se no Plano Plurianual de Gestão da Escola, página 02.

¹⁶ Essas fotos encontram-se no Plano Plurianual de Gestão da Escola, página 02.

Frente o Plano Plurianual de Gestão (PPG) de 2011 a 2015 ¹⁷ destacamos algumas metas a serem atingidas pelos educadores e pela escola:

“A ETEC Sylvio de Mattos Carvalho tem por finalidade atender ao que dispõe a constituição Federal e Estadual e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, procurando direcionar a ação pedagógica com o objetivo de fazer dela um local privilegiado para aprender a viver e conviver socialmente, de forma consciente, crítica, autônoma e participativa”; “O compromisso da escola para com o cidadão matonense se dá a partir das relações sociais, vista como um centro dinâmico, por estar inserida na sociedade, onde ocorre a construção do conhecimento, do saber, da busca pela unidade entre ensinar e aprender”; “Tem-se, assim, como pressuposto fundamental, possibilitar ao cidadão as condições de compreensão e interpretação de seu mundo e de seu momento histórico vivido, bem como sua participação na sociedade, atuando na cultura, na política e nos meios de produção”; “É através da interação com o projeto a ser conhecido que o sujeito constrói representações que irão funcionar como explicações e orientá-lo por uma lógica interna. As ideias equivocadas serão construídas e transformadas ao longo de todo esse desenvolvimento escolar”; “A escola busca propiciar condições para exercer cidadania, não apenas como o direito legal, mas como participação efetiva na sociedade. Na busca de uma sociedade ética, solidária, que busca igualdade social e valoriza o ser, acima do ter, que através de ações pedagógicas realiza uma educação de qualidade e combate o uso de drogas, da discriminação racial, promovendo a paz, o respeito e a solidariedade. Entretanto faz-se necessário uma constante atualização teórica e metodológica, para que se possa formar o ser humano em sua plenitude”; “Deseja-se que, através da ação educativa, os alunos possam construir e reconstruir seus conhecimentos, transformando sua realidade social e familiar. Tornando-se sujeitos capazes de pensar, de contestar e de expressar suas idéias de maneira clara” (ETEC – Plano Plurianual de Gestão, 2011-2015, p. 6-7).

III – O Centro Paula Souza: a irradiação da educação profissionalizante

Os desafios impostos à educação profissional têm sua origem na nova dinâmica verificada no mundo do trabalho e nas relações sociais dela decorrentes. Percebe-se que a educação, que por muito tempo desconheceu as transformações ocorridas no mundo do trabalho, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX, despertou para a importância de se adequar às novas exigências da sociedade mundial, principalmente, em tempos atuais, onde é perceptível a influência das inovações

¹⁷ O Plano Plurianual de Gestão (PPG) orienta toda a ação administrativa e pedagógica da Escola por um período. Este Plano tem uma vigência de cinco anos, com replanejamento, no mínimo, anual. O PPG apresenta a proposta de trabalho da ETEC. Conta, como eixo norteador, com o Projeto Político Pedagógico (PPP), no qual são explicitados os valores, as crenças e os princípios pedagógicos da escola. A concepção coletiva dos projetos a serem desenvolvidos parte, necessariamente, do PPP, dos objetivos e metas estabelecidos por meio da análise dos contextos interno e externo, da reflexão sobre o instituído e da escola almejada pela comunidade (PPG – Sylvio de Mattos Carvalho, p. 01).

tecnológicas e as necessidades do desenvolvimento de competências e habilidades para o atual modo de produção de bens e/ou serviços (RAMOS, 2005).

Tendo como referência as escolas oficinas do Brasil Colônia, o presidente Getúlio Vargas, transforma este modelo de ensino profissionalizante em escolas industriais para qualificar a mão-de-obra em virtude do processo de industrialização do país.

Do acelerado crescimento industrial fez-se necessário criar um Centro de Educação profissional voltado à formação de tecnólogos e que acompanhasse o desenvolvimento industrial paulista oferecendo principalmente, ao jovem, oportunidades para ingressar no mercado de trabalho, suprimindo assim as necessidades das empresas.

Aos 06 de outubro de 1.969 o governador de São Paulo, Roberto Costa de Abreu Sodré, assina o Decreto-Lei criando o Centro Estadual de Educação Tecnológica de São Paulo (CEET) para articular e desenvolver a formação profissional nas áreas de construção civil com três cursos: movimento de terra e pavimentação; construção de obras hidráulicas e construção de edifícios; mecânica (desenhista projetista e oficinas).

A nova instituição que cuidaria bem de perto da educação e da qualificação dos profissionais tecnólogos, homenageou o professor, engenheiro e político Antonio Francisco Paula Souza¹⁸. Ele tinha como objetivo instituir no país um ensino profissionalizante e que não ficasse apenas nas discussões acadêmicas.

Em 1.973, a instituição recebe o nome de Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS). Em 1.980 o Centro Paula Souza incorpora o ensino técnico com seis escolas técnicas que já faziam parte de um convênio firmado entre o governo federal, estadual e municipal. Em 1.988 o Centro Paula Souza cria duas escolas: A Escola Técnica São Paulo (ETESP) e, em Taquaritinga, a ETEC Dr. Adail Nunes da Silva (CEETEPS, 2009).

Com o Decreto 2.208/97¹⁹ que separava o Ensino Médio do Ensino Técnico, o Centro Paula Souza aumentou suas vagas e criou os cursos modulares divididos em três categorias: primeiro – atender aos alunos que cursavam o ensino

¹⁸ Paula Souza (1843-1917) trouxe da Suíça e da Alemanha, onde se formou engenheiro, a paixão pelo ensino tecnológico, que ajudou a implantar no Brasil. Em 11 de maio de 1892, criou o Instituto Politécnico da USP, que dirigiu por 24 anos. Ele atuou diretamente no desenvolvimento da infraestrutura do País, tendo projetado e construído estradas de ferro e se dedicado à política (CEETEPS, 2009, p.18).

¹⁹ O Decreto nº 2.208/97 determina três níveis de formação à educação profissionalizante: I – básico: destinado à qualificação de trabalhos, independentemente de escolarização; II – técnico: destinado a proporcionar habilitação profissional a alunos matriculados ou egressos do ensino médio; III – tecnológico – corresponde a cursos de nível superior na área tecnológica.

médio nas ETECs; segundo – atender aos alunos que cursavam o ensino médio fora das ETECs; terceiro – atender aos alunos egressos do ensino médio. Muda assim o perfil dos candidatos às ETECs.²⁰

Dada a demanda, o Centro Paula Souza até o ano de 2011 (Figura 8) está presente em 155 municípios paulistas, sendo 198 ETECS, aproximadamente, 200 mil alunos distribuídos em 98 cursos nos setores industrial, agropecuário e de serviços. Destes alunos, cerca de 50% fazem ensino médio e técnico ao mesmo tempo; há 49 FATECS com 50 mil alunos matriculados nos 55 cursos, (CEETEPS, 2009). A Figura 08 ilustra o prédio atual do Centro Paula Souza localizado na Praça Coronel Fernando Prestes, 74 (metrô Tiradentes), São Paulo capital.



Figura 08: Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

As escolas ETECS Centro Paula Souza estão localizadas em 12 regiões administrativas formadas por cidades limítrofes, como mostra a Figura 09.

A Escola Sylvio de Mattos Carvalho está situada na Região Administrativa Central que corresponde às cidades de Araraquara, Ibitinga, Matão, Porto Ferreira, Santa Rita do Passa Quatro, São Carlos e Taquaritinga. A finalidade destas regiões além de localizar as escolas, é agrupar para melhor integrar na organização, no planejamento e na execução de interesse comum.

²⁰ “Segundo uma pesquisa de 1998, uma avaliação do ensino técnico, referente ao primeiro semestre do novo sistema, revela que 48% dos ingressantes nos cursos técnicos têm mais de 20 anos de idade e 53% trabalham. Em 1995, quase metade dos ingressantes tinha apenas 14 anos de idade e 36% trabalhavam. Isso significa que o Centro Paula Souza tornou-se uma opção de formação também para adultos e trabalhadores, mostrando a mudança do perfil sócio-econômico dos alunos do Ensino Técnico” – Laudemir Otávio Mendes. *Políticas Públicas e a Pedagogia das Competências na Educação Profissional: a trajetória do ensino profissionalizante de nível técnico no Brasil e no Estado de São Paulo*, p. 139.



Figura 09 – Região administrativa do Centro Paula Souza

“O Centro Paula Souza tem facilitado o acesso ao ensino profissionalizante público aos que buscam, junto com ele, vencer e contribuir para uma sociedade melhor” (Diretora – Laura Laganá, CEETEPS, 2009).

O Centro Paula Souza está vinculado à Secretaria de Desenvolvimento do Estado de São Paulo que tem como objetivo tornar forte o desenvolvimento sustentável do Estado, estimulando as empresas e os empreendedores, na possibilidade de unir a tecnologia aos produtos da região e fortalecer as condições para atração de investimentos no Estado.

O Centro Paula Souza tem buscado firmar convênio com empresas, sindicatos, prefeituras, secretarias do estado e outras organizações para levar à educação profissionalizante aos municípios, em caráter emergencial, onde não existem Escolas ETECs atendendo à demanda profissional local.

Esta parceria de classes descentralizada com cursos técnicos sob a orientação de uma ETEC é para qualificar a mão-de-obra emergente em cada município de pequeno porte. A ideia é melhorar o desempenho profissional nas regiões administrativas que não têm a oportunidade de manter uma escola técnica.

Com essas parcerias, o CEETEPS busca atender às necessidades profissionais de cada região, ou seja, de acordo com o desenvolvimento local e regional, busca-se criar cursos que venham favorecer o mercado de trabalho emergente, buscando supri-lo de acordo com a formação das questões socioeconômicas.

O Centro Paula Souza tem buscado colocar no mercado de trabalho tanto profissionais de nível superior (FATECs) quanto de nível técnico (ETECs) qualificados para tal, dispondo de currículos que respondam ao desenvolvimento tecnológico e econômico, buscando a adequação frente ao desenvolvimento local (serviços) (CEETEPS, 2009).

O “Grupo de Formulação e Análises Curriculares” do Centro Paula Souza ao organizar os currículos tem buscado um perfil profissional que preencha os quesitos do mercado de trabalho no país ou local, buscando a crítica e a análise do aluno para resolver problemas e estabelecendo a democracia. Segundo Soely Faria Martins, diretora deste departamento:

A elaboração dos planos de cursos é executada levando-se em consideração os objetivos:

- promover adequação do perfil dos alunos às práticas de recrutamento correntes no mercado de trabalho;
- Valorizar componentes curriculares relacionados ao desenvolvimento de competências comportamentais;
- possibilitar aos alunos, ainda durante seu processo de formação, a vivência de situações que se concretizem na perspectiva dos futuros empregadores;
- utilizar metodologia que propicie o desenvolvimento da capacidade para resolver problemas novos, comunicar idéias, tomar decisões, ter iniciativa, ser criativo, ter autonomia intelectual e representar as regras de convivência democrática;
- desenvolver a educação profissional integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia e conduzir ao permanente desenvolvimento de atividades para a vida produtiva;
- possibilitar o atendimento das necessidades dos trabalhadores na construção de seus itinerários individuais, com vistas a níveis mais elevados de competências profissionais;
- desenvolver as competências profissionais do técnico, por intermédio da ação conjunta de profissionais do mundo do trabalho e profissionais da educação;
- possibilitar a avaliação, o reconhecimento e a certificação adquiridos na educação profissional, inclusive no trabalho, para fins de prosseguimento e conclusão de estudos.²¹

²¹ DEMAI, Fernanda Mello. **Livro das Competências**, 2008, p. 6.

IV – A Rede Institucional da Escola “Sylvio de Mattos Carvalho”: gestão e administração

Após termos conhecido grande parte da infraestrutura do Centro Paula Souza, este tópico apresenta a organização da escola técnica que estamos estudando; ela pertence à região administrativa central do Centro Paula Souza, formada pelas seguintes cidades: Araraquara, Ibitinga, Porto Ferreira, Santa Rita do Passa Quatro, São Carlos, Taquaritinga e Matão.

As escolas ETECs possuem um “Regimento Comum”²² que rege toda questão administrativa e funcional de cada instituição de acordo com o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS)²³.

As ETECs formam uma rede de escolas que visa unidade de princípios pedagógicos e administrativos definidos pelo CEETEPS, que procura respeitar a identidade de cada instituição de acordo com as demandas locais e regionais. Toda ação organizacional é mantida pelo CEETEPS que visa valorizar os princípios e a finalidades de cada ETEC local e regional através do diálogo e consenso entre as cidades que formam cada região administrativa.

De acordo com o regimento, as ETECs têm por finalidade capacitar os alunos à cidadania oferecendo-lhes meios à inserção no mercado de trabalho; desenvolver aptidões para uma vida comunitária local ou regional, dando-lhes todos os subsídios necessários à profissão em que estão sendo formados, sendo capazes de exercê-la com êxito.

As escolas podem oferecer também cursos e programas presenciais ou à distância, para melhor atender ao desenvolvimento industrial e à prestação de serviços, incluindo o ensino médio e qualquer curso de acordo com o interesse da sociedade.

Cada escola tem sua identidade, mas isto não significa sua total independência no que faz. Ela deve prestar contas de todo o andamento de sua gestão e cumprimento das diretrizes pedagógicas que devem passar pela aprovação do Centro Paula Souza e dos órgãos competentes do sistema de ensino.

As ETECs são administradas da seguinte forma: Conselho de Escola, Plano Plurianual e Administração da Unidade Escolar.

²² O Regimento Comum encontra-se no endereço eletrônico do Centro Paula Souza com a deliberação do CEETEPS número 2, de 30 de janeiro de 2006, publicado do DOE: <http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/Ete/Regim_Escolar.html>. Acesso em: 06 outubro, 2011.

²³ Todo o item IV foi construído com base no próprio Regimento Comum das ETECs, pelas observações realizadas na Escola e pelas conversas com professores e funcionários.

Conselho de Escola

O **Conselho de Escola** é deliberativo tendo como função aprovar e apreciar documentos, relatórios, criação de novos cursos e reunir-se uma vez cada semestre ou quando for convocado pela direção. É formado pela comunidade escolar e extra-escolar.

I - pela comunidade escolar:

- a) Diretor, presidente nato;
- b) um dos coordenadores de área;
- c) um dos professores;
- d) um dos servidores técnico-administrativos;
- e) um dos pais de alunos;
- f) um dos alunos.

II - pela comunidade extra-escolar:

- a) representante de órgão de classe;
- b) representante dos empresários, vinculado a um dos cursos;
- c) aluno egresso atuante em sua área de formação técnica;
- d) representante do poder público municipal;
- e) representante de organizações não-governamentais;
- f) representante de entidades assistenciais;
- g) representante de demais segmentos de interesse da escola.

Plano Plurianual

É responsabilidade de Plano Plurianual apresentar metas, planos de cursos e projetos de acordo com as diretrizes do Centro Paula Souza.

Analisando o Plano Plurianual de 2011 a 2015²⁴ da ETEC – Sylvio de Mattos Carvalho, a escola tem por objetivo fazer de seus alunos cidadãos consciente de seus direitos e deveres, bem como a participação na sociedade, na cultura, na política e nos meios de produção e fazer da ação pedagógica um local para se viver de forma consciente, autônoma e participativa de acordo com a Lei de Diretrizes 9394/96.

A escola busca firmar, a partir das relações sociais, o compromisso de ensinar e aprender com os seus alunos tendo em vista os valores de uma escola pública, dinâmica, de qualidade e democrática.

“...A escola busca propiciar condições para exercer cidadania, não apenas como o direito legal, mas como participação efetiva na sociedade. Na busca de uma sociedade ética, solidária, que busca igualdade social e valoriza o ser, acima do ter, que através de ações pedagógicas realiza uma educação de qualidade e combate o uso de drogas, da discriminação racial, promovendo a paz, o respeito e a solidariedade. Entretanto faz-se necessário uma constante atualização teórica e metodológica, para que se possa formar o ser humano em sua plenitude... A escola busca a

²⁴ Centro Paula Souza: Plano Plurianual de Gestão 2011 a 2015 da ETEC: Sylvio de Mattos Carvalho.

valorização dos profissionais da educação, observando as determinações da Secretaria de Estado da Educação, orientando aos profissionais quanto ao aperfeiçoamento profissional permanente e valorizando a prática pedagógica dos profissionais envolvidos no processo ensino aprendizagem, pois a formação de cidadãos capazes de participar da vida socioeconômica, política e cultural do país estão atrelados a diversos fatores, entre eles formação do professor, condições de trabalho e remuneração”. (Plano Plurianual de Gestão 2011 a 2015, p. 7).

De acordo com a LBD 9394/96 a escola busca formar alunos conscientes no meio em que vivem, de forma crítica e participativa buscando seu desenvolvimento, seu preparo à cidadania, sua qualificação e inserção no mercado de trabalho, sendo capaz de resolver problemas, trabalhar em grupo, de coordenar e acima de tudo saber lidar com as novas tecnologias e desafios no mercado de trabalho.

Administração da Unidade Escolar

A Administração da Unidade Escolar é formada pela:

- ***direção*** responsável de administrar a Escola sob a orientação do Diretor. Segundo o “Regimento Comum” das ETECs a direção deve garantir uma gestão democrática, coordenar as propostas pedagógicas, organizar atividades de planejamentos, gerenciar recursos, acompanhar a execução do Plano Plurianual de Gestão e Plano Escolar, assegurar o cumprimento da legislação e diretrizes, expedir diplomas e outros documentos, zelar pela manutenção e pelo patrimônio. A Direção Acadêmica “Sylvio de Mattos Carvalho” conta com três secretárias e o Diretor, três na Diretoria de Serviço e mais quatro no Setor de Protocolo e apoio.

O cargo de Diretor é de confiança dentro do Centro Paula Souza. Os candidatos a este cargo podem ou não ser integrante do Centro, mas passam por uma seleção. Se considerados qualificados mediante a análise de currículo, provas escritas e entrevistas assumem o cargo com um mandato de quatro anos.

- ***Núcleo de Gestão de Relações Institucionais*** cuida dos contatos com representantes dos empresários e dos trabalhadores; incentiva à pesquisa científica, como TCC e outros; coordena projetos; gerencia os recursos gerados; cuida de eventos de natureza científica e tecnológica e gerencia os serviços prestados à comunidade.

- *Núcleo de Gestão Pedagógica e Acadêmica* responsável pelo suporte acadêmico e didático-pedagógico de ensino e aprendizagem.

Este Núcleo é responsável em planejar e coordenar atividades educacionais; pela documentação escolar; com a Direção coordenar e implantar projetos pedagógicos; promover formação permanente ao corpo docente.

O Núcleo está organizado da seguinte forma:

a) Coordenador de Área²⁵ que supervisiona a execução do plano de ensino, as atividades dos docentes em relação às diretrizes didático-pedagógicas e administrativas. Esta coordenação é exercida por um professor para cada Habilitação Técnica profissional e Ensino Médio. A ETEC Matão conta com seis coordenadores de áreas, sendo um responsável pelo Núcleo e um para cada curso, sendo eles: Técnico em Enfermagem, Ensino Médio, Técnico em Informática, Técnico em Mecânica, Técnico Mecatrônica e Eletrônica.

De acordo com o documento Deliberação de Coordenação de Área (CEETEPS 004, de 16/05/2007 - DOE 18-05-2007, Seção I, Pág.49) artigo 1: *o coordenador de área controla e avalia as atividades pedagógicas e administrativas vinculada ao projeto pedagógico de cada habilitação profissional ou curso e ao projeto político-pedagógico da unidade de ensino.*

²⁵ **Artigo 3º** - O coordenador de área deve exercer, no âmbito de sua atuação, funções pedagógico-acadêmicas, gerenciais e institucionais, consubstanciadas nas seguintes atribuições:

1 - Participar da elaboração do Plano Escolar e do Plano Plurianual; **2** - Coordenar o planejamento do trabalho docente, assegurando a articulação entre os planos dos diversos componentes; **3** - Propor medidas que visem a melhoria do processo ensino- aprendizagem; **4** - Participar da programação das atividades de recuperação contínua e paralela e de progressão parcial, orientando e acompanhando sua execução; **5** - Coordenar as atividades vinculadas do estágio supervisionado; **6** - Supervisionar as atividades realizadas nos ambientes didáticos da escola; **7** - Propor e coordenar o desenvolvimento de capacitações para professores e auxiliares de instrução; **8** - Gerenciar a atuação dos auxiliares de instrução; **9** - Manifestar-se sobre projetos propostos pelos docentes, acompanhando-os e avaliando-os; **10** - Manifestar-se, quando convocado, sobre pedidos de aproveitamento de estudos, bem como sobre matéria prevista na Deliberação CEE-11-96; **11** - Participar das atividades destinadas a propor e/ou promover cursos extra curriculares, palestras e visitas técnicas; **12** - Verificar periodicamente os diários das classes, visando-se, garantindo que a prática docente cumpre o planejado ou está justificada sua alteração; **13** - Avaliar o desempenho dos docentes e auxiliares de instrução sob sua coordenação; **14** - Integrar os Conselhos de Classe e o de Escola se for o caso, atuando no sentido do aperfeiçoamento pedagógico dos colegiados; **15** - Buscar a integração entre os docentes, prestando orientações aos novos professores; **16** - Participar da gestão das atividades de extensão de serviços a comunidade; **17** - Assessorar a Direção em suas decisões sobre matrícula e transferência, agrupamento de alunos, organização de horários de aulas e calendário escolar; **18** - Zelar pelo cumprimento de normas de higiene e de segurança, pelo respeito aos direitos humanos, pela preservação do meio ambiente; **19** - responsabilizar-se pelo Núcleo de Gestão Pedagógica e Acadêmica. DOE 18-05-2007, Seção I, Pág.49 - **Deliberação Ceeteps 004, de 16-5-2007.**

b) Conselho de Classe é colegiado e tem por finalidade avaliar o desempenho dos alunos; indicar medidas pedagógicas, decidir aprovação ou não dos alunos e transferências para outras unidades de ensino.

O conselho reúne-se regularmente e é constituído pelo Diretor, pelo responsável do Núcleo de Gestão Pedagógica e Acadêmica, pelos coordenadores de Área, pelos professores e pelo responsável da Secretaria Acadêmica (Regimento Comum, artigos 29 e 30).

c) Secretaria Acadêmica é o órgão responsável pela escrituração escolar, pela expedição e registro de documentos escolares, pelo fornecimento de informações e dados para planejamento e controle dos processos e resultados do ensino e da aprendizagem.

- *Núcleo de Gestão Administrativa* que cuida da administração de pessoal, recursos físicos, financeiros e materiais, compras, almoxarifado, limpeza, patrimônio, segurança, zeladoria, manutenção das instalações, equipamentos e outras pertinentes.

A escola “Sylvio Mattos Carvalho”, possui 01 biblioteca, 01 videoteca, 01 sala de coordenação, 01 quadra poliesportiva sem cobertura, 13 salas de aula, 01 sala dos professores e 01 secretaria.

A Unidade Escolar contava com 69 professores, 21 funcionários em 2011, ano em que esta pesquisa foi realizada. A idade dos professores varia de 21 a 54 anos. A contratação de professores é feita por meio de um processo seletivo e ou concurso público. As aulas estão focadas nos cursos técnicos em prática e teoria, com uso de apostilas organizadas pelos professores sob a orientação da Coordenadoria de Ensino Técnico (CETEC).

Corpo Docente

Os professores têm por direito participar: da elaboração da proposta pedagógica, do planejamento inicial da escola, atividades voltadas à pesquisa, de cursos de capacitação, concorrerem em eleições para representantes de conselho, ser atendidos em diferentes horários de trabalho, ter asseguradas condições de trabalho na Unidade Escolar e ser ouvido em suas reclamações e pedidos.

Tem por dever: cumprir o plano de trabalho, zelar pela aprendizagem do aluno, cumprir os dias letivos, preparar as aulas e material didático de apoio; comparecer às solenidades; estabelecer um clima favorável à ação educativa etc.

O corpo docente é constituído por 69 professores e 39 nove deles possuem algum tipo de Especialização Lato Sensu, Stricto Sensu, Mestrado, Doutorado, etc. A contratação dos professores é feita por meio do processo seletivo e ou concurso público. No curso técnico quase sempre o mesmo professor leciona disciplinas diferentes, pois os componentes curriculares são separados por grupos de disciplinas.

As aulas são ministradas da seguinte forma: os professores elaboram no início do semestre um Plano de Trabalho Docente. Há professores que usam livros didáticos (ensino médio), outros que seguem apostilas (ensino técnico). As aulas do ensino técnico são ministradas na teoria e na prática.

Estrutura Curricular

O Decreto 2.208/97 acentua claramente a separação entre Educação Geral e Educação Profissional e no Artigo 8º prevê a estruturação curricular deste ensino na forma de módulos, na expectativa de garantir o reconhecimento profissional no mercado de trabalho e adequar situação pessoal, necessidades, capacidades, conhecimentos e experiências a carreiras personalizadas, além de evitar redundâncias nos conteúdos.

Para isso, a modularização dever ser autônoma e responder às exigências do mercado de trabalho, ou seja, atender aos objetivos das empresas na capacitação do novo técnico que será lançado no mercado.

Os cursos são organizados por áreas profissionais, por exemplo: Técnico em Mecânica, Eletrônica e Mecatrônica e os estágios são realizados em locais que tenham condições de oferecer aos alunos experiências profissionais. Todo estágio é supervisionado e corresponde a atividade curricular.

A carga horária depende de cada curso e pode ser desenvolvido em etapa superior aos demais componentes curriculares. Cada ETEC é responsável pela supervisão, execução ou dispensa do estágio.

V – Os Cursos

A escola ETEC “Sylvio de Mattos Carvalho” ministra o Ensino Médio tanto no período da manhã quanto no da tarde e o Ensino Técnico nos períodos: manhã, tarde, noite e sábado de manhã.

Ensino Médio: conhecido como 2º grau ou colegial recebendo a mudança de nome a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB nº. 9394 de 20/12/96. Este Ensino tem duração de 3 anos, com duração de 1.000 horas e 200 dias letivos. É ministrado, exclusivamente, no período da manhã.

De acordo com a Lei da LDB, artigo 35, o Ensino Médio deve aprimorar o educando como pessoa humana incluindo a formação ética, autonomia intelectual e pensamento crítico, entre outros.

Ensino Técnico: Os cursos técnicos estão organizados em quatro módulos, com a duração de um semestre, recebendo o diploma por módulos cursados. Para fazer os cursos técnicos o aluno não precisa terminar o ensino médio, basta ter concluído ou estar na 2ª ou 3ª série. Os módulos cursados darão ao aluno, em sua maioria, uma qualificação profissional com direito a um certificado parcial.

O currículo é composto da seguinte forma: formação profissional e técnica, cidadania organizacional, tecnologia e meio ambiente, linguagem, trabalho e tecnologia, gestão e qualidade, informática e trabalho de conclusão de Curso. A escola ministra, hoje, seis cursos técnicos: eletrônica, mecatrônica, mecânica, técnico em enfermagem, informática e administração (ETEC – Matão, 2011).

Em 1997 tiveram início os cursos de Habilitação Profissional Plena de Técnico em Processamento de Dados e Habilitação Profissional Plena de Técnicos em Eletromecânica, ambas organizadas curricularmente em 03 módulos (semestres).

O curso de Técnico em Eletromecânica foi extinto no ano de 2000. Já o Técnico em Processamento de Dados gradativamente foi sendo substituído a partir de 1999 pelo Técnico em Informática oferecido até os dias atuais.

A habilitação de Técnico em Eletrotécnica que até 1999 era oferecida em 04 anos (juntamente com o Ensino Médio) no ano de 2000 passou a ser ministrada em 03 módulos semestrais, e posteriormente, extinta no primeiro semestre de 2005.

As habilitações de Técnico em Mecânica e Técnico em Eletrônica, pioneiros na história da escola, em 2010, a partir de uma reformulação em sua estrutura, passaram a ser oferecidos em 04 módulos, ou seja, com dois anos de duração para sua conclusão.

Na área da Saúde, a habilitação do Técnico em Enfermagem, oferecida inicialmente como Habilitação Profissional Parcial de Auxiliar de Enfermagem, iniciou suas atividades no ano de 1997, no formato de curso modular (03 semestres). Em 1998, no entanto, tal curso é oferecido em apenas 02 módulos com o perfil de Qualificação Profissional de Auxiliar de Enfermagem até o 1º semestre de 2002. No semestre seguinte é incorporado o 3º Módulo e subsequentemente o 4º Módulo, conferindo-lhe a partir de então, a habilitação reconhecida por Técnico em Enfermagem, até os dias atuais.

Na área da indústria, hoje denominado de Eixo Tecnológico – Controle e Processos Industriais iniciaram-se em 2004 o curso Técnico em Mecatrônica, com grade curricular de 03 módulos, mas que, a exemplo das habilitações de Mecânica e Eletrônica, também teve sua grade curricular reconfigurada em 04 semestres.

Com o passar do tempo a escola começou oferecer os cursos de Técnico em Administração Empresarial, modalidade semipresencial, ora denominado Telecurso Tec a partir de 2010 e, recentemente, estreando a sua primeira turma, o Técnico em Informática para Internet.

A presença do Ensino Médio fortalece o Ensino Técnico, pois vários alunos cursam ambas as modalidades de ensino, assegurando uma formação propedêutica vislumbrando o ensino superior, mas também a formação profissionalizante.

Para esta pesquisa foi escolhido três cursos técnicos do eixo tecnológico: controle e processos industriais (mecânica, mecatrônica e eletrônica), que vêm ao encontro da demanda profissional no setor industrial do município de Matão.

A seguir falarei sobre este eixo e depois sobre cada um dos cursos selecionados.

Eixo Tecnológico – controle e processos Industriais

No que se refere às Organizações Curriculares, as mesmas são alteradas, constantemente, em atendimento à demanda do mercado de trabalho.

As Habilitações Técnicas desta Unidade, relativas ao Eixo Tecnológico "Controle e Processos Industriais" (Eletrônica, Mecânica e Mecatrônica), foram alteradas a partir do 1º Semestre de 2010, com duração de 2 anos (4 Módulos).

Analisando os Planos dos Cursos da área industrial no período de 2010 a 2012, percebe-se que ao final de cada módulo que são quatro, o aluno recebe um certificado parcial, o que pode facilitar sua inserção no mercado de trabalho. Concluído

todos os módulos o aluno recebe o diploma de técnico, esta metodologia é aplicada a todos os cursos oferecidos, podendo obter o registro definitivo de profissionais no Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA).

Além do currículo oferecido, os alunos recebem formação em Cidadania Organizacional, Tecnologia e Meio-Ambiente, Trabalho e Tecnologia, Gestão e Qualidade, Banco de Dados ou Informática e Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) inserido nos cursos desde 2005, com temas de relevância profissional em suas áreas (CEETEPS, 2009).

O Perfil do Técnico na Área da Indústria

A seção a seguir, traz as competências desenvolvidas pelo Centro Paula Souza para os cursos pesquisados (mecânica, eletrônica e mecatrônica). Estas propostas são trabalhadas na formação de todas as ETCs. Em seguida, será retratado o perfil desejado para o técnico de cada curso.

Curso Técnico em Eletrônica

Competências propostas para o Técnico em Eletrônica do Livro das Competências Profissionais do Centro Paula Souza, 2009 atualizadas em 2010.

- 1 – Aplicar normas técnicas de qualidade, saúde, segurança no trabalho e técnicas de controle de qualidade no processo industrial;
- 2 – Aplicar normas técnicas e especificações de catálogos, manuais e tabelas em projetos, em processos de fabricação, na instalação de máquinas e de equipamentos e na manutenção industrial;
- 3 – Aplicar métodos, processos e logística na produção, instalação e manutenção;
- 4 – Elaborar projetos, *layout*, diagramas e esquemas, correlacionando-os com as normas técnicas e com os princípios científicos e tecnológicos;
- 5 – Desenvolver projetos de manutenção de instalação e de sistemas industriais, caracterizado e determinando aplicações de materiais, acessórios, dispositivos, instrumentos, equipamentos e máquinas;
- 6 – Projetar melhorias nos sistemas convencionais de produção, instalação e manutenção, propondo incorporação de novas tecnologias;
- 7 – Coordenar atividades de utilização e conservação de energia, propondo a racionalização de uso e de fontes alternativas.

Habilidade Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Eletrônica

O curso de Técnico em Eletrônica está estruturado em quatro módulos de acordo com a Lei federal n.9394/96, aprovado pela portaria CETEC n. 38, de 30/10/2009.

No primeiro módulo o aluno é considerado montador e instalador de sistemas eletroeletrônicos; no segundo como operador e reparador de circuitos eletrônicos; no terceiro como auxiliar técnico em eletrônica e, no quarto módulo recebe a habilitação profissional de nível médio de técnico em eletrônica, com um total de 400 horas ou 500 horas-aulas por módulo.

Com este curso o profissional é capaz de planejar serviços de instalações, operação e manutenção de sistemas eletroeletrônicos por meio da interpretação de ordens de serviços, de desenhos, de esquemas, de diagramas e de cronogramas de projetos. Instala equipamentos, aparelhos e dispositivos eletrônicos, ajustando parâmetros elétricos e lógicos, realizando testes e corrigindo falhas. Realiza treinamento operacional, manutenções preditiva, preventiva e corretiva de sistemas eletrônicos. Organiza o local de trabalho e trabalha segundo normas técnicas de segurança, higiene, qualidade e proteção ao meio ambiente (Etec – Matão, 2011).

Curso Técnico em Mecânica

Competências propostas para o Técnico em Mecânica do Livro das Competências Profissionais do Centro Paula Souza, 2009 atualizadas em 2010.

- 1 – Aplicar normas técnicas e especificações de catálogos, manuais e tabelas em projetos;
- 2 – Elaborar planilha de custo de fabricação e de manutenção de máquinas e equipamentos, considerando a relação custo e benefício;
- 3 – Projetar produto, ferramentas, máquinas e equipamentos, utilizando técnicas de desenho e de representação gráfica com seus fundamentos matemáticos e geográficos;
- 4 – Elaborar projetos, leiautes, diagramas e esquemas correlacionando-os com as normas técnicas e com os princípios científicos e tecnológicos;
- 5 – Desenvolver projetos de manutenção de instalações e de sistemas industriais caracterizando e determinando aplicações de materiais, acessórios, dispositivos, instrumentos, equipamentos e máquinas;
- 6 – Projetar melhorias nos sistemas convencionais de produção, instalação e manutenção propondo incorporação de novas tecnologias;

- 7 – Desenvolve processos de fabricação e montagem de conjuntos mecânicos;
- 8 – Elabora documentação, realiza compras e vendas técnicas e cumpre normas de procedimentos de segurança no trabalho e preservação ambiental.

Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Mecânica

O curso de Técnico em Mecânica está estruturado em quatro módulos de acordo com a Lei federal n.9394/96, aprovado pela portaria CETEC n. 38, de 30/10/2009.

No primeiro módulo, o aluno é considerado assistente de processos industriais; no segundo, assistente de usinagem; no terceiro, auxiliar técnico em mecânica e, no quarto módulo recebe a habilitação profissional de nível médio de técnico em mecânica, com um total de 1600 horas ou 2000 horas-aulas

Suas habilitações incluem a elaboração de projetos mecânicos e sistemas automatizados, tendo capacidade de realizar compras e vendas técnicas, fazer manutenção preventiva (Etec – Matão, 2011).

Curso Técnico em Mecatrônica

Competências propostas para o Técnico em Mecatrônica do Livro das Competências Profissionais do Centro Paula Souza, 2009 atualizadas em 2010.

- 1 – Aplicar normas técnicas e especificações de catálogos, manuais e tabelas em projetos, em processos de fabricação, na instalação de máquinas e de equipamentos e na manutenção industrial;
- 2 – Avaliar as características e propriedades dos materiais, insumos e elementos de máquinas, correlacionando-as com seus fundamentos matemáticos, físicos e químicos para a aplicação nos processos de controle de qualidade.
- 3 – Gerenciar e supervisionar sistemas de automação;
- 4 – Projetar melhorias nos sistemas convencionais de produção, instalação e manutenção, propondo incorporação de novas tecnologias de automação;
- 5 – Projetar dispositivo de ferramentas, máquinas e equipamentos, utilizando técnicas de desenho e de representação gráfica com seus fundamentos matemáticos e geográficos;
- 6 – Aplicar normas técnicas de saúde e de segurança no trabalho e propor soluções ergonômicas de segurança no trabalho;
- 7 – Aplicar normas técnicas no controle de qualidade no processo industrial;

- 8 – Aplicar métodos de qualidade referentes aos processos, insumos e produtos;
- 9 – Coordenar e desenvolver equipes de trabalho que atuam na instalação, na produção e na manutenção, aplicando métodos e técnicas de gestão administração e de pessoas;
- 10 – Aplicar técnicas de gestão ambiental.

Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Mecatrônica

O curso de Técnico em Mecatrônica está estruturado em quatro módulos de acordo com a Lei federal n.9394/96, aprovado pela portaria CETEC n. 38, de 30/10/2009.

No primeiro módulo o aluno é considerado auxiliar técnico em Mecatrônica; no segundo como assistente técnico em Mecatrônica; no terceiro instalador e reparadora de equipamentos mecânicos; e no quarto módulo recebe a habilitação profissional de nível médio de Técnico em Mecatrônica com um total de 400 horas cada ou 500 horas-aula por módulo.

Com a nova habilitação, o técnico pode atuar no projeto, na execução e na instalação de máquina e equipamento automatizados e sistemas robotizados. Coordena equipes e oferece treinamentos operacionais, além de operar equipamentos que utiliza softwares e linguagens de programação adequada (Etec – Matão, 2011).

Corpo Docente

Conforme já apresentamos, o município de Matão tem sua economia basicamente nas atividades na produção de implementos agrícolas, sendo Baldan Implementos Agrícolas, Marchesan Implementos Agrícolas e Máquinas Agrícolas Tatu S/A, Bambozzi, Panegossi, dentre outras que se destacam neste setor. No setor citrícola as empresas de maior porte estão: Citrusuco Paulista S/A, Coimbra Frutresp e Cambuy MC Industrial Ltda.

Com esta realidade o mercado de trabalho no município é vasto e emergente a cada ano, o que leva muitos jovens a buscar uma profissão dentro destas áreas, encontrando na Etec a capacitação técnica exigida nas empresas. A procura dos cursos oferecidos neste setor, principalmente, na produção de implementos agrícolas é muito grande, tendo uma variedade no período de ano a ano de acordo com as vagas oferecidas pela escola. Para isto tomamos como referencial os dois semestres dos anos de 2010 e 2011 e o primeiro semestre de 2012, frente às vagas oferecidas pela Escola Sylvio de Mattos Carvalho.

No período diurno todas as vagas oferecidas são preenchidas, mas a procura é maior no período noturno. Devido as variedades de curso para curso, a procura por eles é muito grande e o número de inscritos é bem maior ao número de vagas oferecidas. Isso comprova a necessidade de formar técnicos não somente para Matão, mas para região, uma vez que esta escola atende alguns alunos dos municípios de Dobrada, Santa Ernestina e do Distrito São Lourenço do Turvo.

O “Relatório de Mapeamento” dos vestibulinhos das Escolas Técnicas apresentado pelo Centro Paulo Souza traz dois resultados diferentes e interessantes dentro do eixo tecnológico: controle e processos industriais, que é o nosso estudo, foram inscritos 34.512 para 8.928 vagas, o que representa uma demanda de 3,87%, ou seja, dentro deste eixo, têm-se 4 candidatos disputando uma vaga. Deste montante ingressaram 1.550 em eletrônica, 1.680 em mecânica e 1.085 em mecatrônica distribuídos nos três períodos (manhã, tarde e noite); outro resultado é quantidade de inscritos de 162.024 para 48.114 vagas, uma demanda 3,37% para todos ETECs em seus cursos.

A Região Administrativa Central das ETECs composta pelas cidades de Araraquara, Ibitinga, Matão, Porto Ferreira, Santa Rita do Passa Quatro, São Carlos e Taquaritinga ofereceu 2185 vagas no ensino técnico incluindo o Ensino à Distância tendo uma demanda de 2, 36% para cada vaga em relação à 5365 inscritos no vestibulinho do 2º semestre de 2011.

Podemos concluir que ainda há muito o que se fazer para atender à procura dos cursos profissionalizantes, já que as vagas oferecidas pelas ETECs não chegam a 50% dos inscritos a cada semestre. Isso pode ser notado na própria Escola “Sylvio de Mattos Carvalho” como demonstram os dados das Tabelas 10,11 e 12²⁶ de acordo com os resultados dos vestibulinhos nos cursos de eixo tecnológico: controle e processos industriais.

²⁶ <www.vestibulinhoetec.com.br/demanda/demanda.asp?ano=2012&sem=1>. Acesso em: 10 janeiro 2012.

Tabela 10 – Processo Seletivo: Vestibulinho 2010/2011

| Curso | 1 semestre | Período | Inscritos | Vagas | Demanda |
|-------------|------------|---------|-----------|-------|---------|
| Eletrônica | 2011 | Noite | 84 | 40 | 2,10 |
| | 2010 | Noite | 123 | 40 | 3,08 |
| Mecânica | 2011 | Manhã | 52 | 40 | 1,30 |
| | 2010 | Manhã | 50 | 40 | 1,25 |
| Mecânica | 2011 | Noite | 131 | 40 | 3,28 |
| | 2010 | Noite | 199 | 40 | 4,98 |
| Mecatrônica | 2011 | Noite | 149 | 40 | 3,73 |
| | 2010 | Noite | 176 | 40 | 4,40 |
| Mecatrônica | 2011 | Tarde | 75 | 40 | 1,88 |
| | 2010 | Tarde | 37 | 40 | 0,98 |

Tabela 11 – Processo Seletivo: Vestibulinho 2010/2011

| Curso | 2 semestre | Período | Inscritos | Vagas | Demanda |
|-------------|------------|---------|-----------|-------|---------|
| Eletrônica | 2011 | Noite | 106 | 40 | 2,65 |
| | 2010 | Noite | 86 | 40 | 2,15 |
| Mecânica | 2011 | Manhã | 48 | 40 | 1,20 |
| | 2010 | Manhã | 45 | 40 | 1,13 |
| Mecânica | 2011 | | | | |
| | 2010 | Noite | 124 | 40 | 3,10 |
| Mecatrônica | 2011 | | | | |
| | 2010 | Noite | 146 | 40 | 3,65 |
| Mecatrônica | 2011 | Tarde | 39 | 40 | 0,98 |
| | 2010 | Tarde | 43 | 40 | 1,08 |

Tabela 12 – Processo Seletivo: Vestibulinho 2012

| Curso | 1 semestre | Período | Inscritos | Vagas | Demanda |
|-----------------------------|------------|---------|-----------|-------|---------|
| Mecânica | 2012 | Noite | 97 | 40 | 2,43 |
| | | | | | |
| Mecatrônica | 2012 | Noite | 116 | 40 | 2,90 |
| | | | | | |
| Automação Industrial (novo) | 2012 | Noite | 106 | 40 | 2,65 |
| | | | | | |

Realizamos também uma pesquisa no “Prontuário dos alunos e na Ata de Resultado Final” da escola em busca dos alunos concluintes nos respectivos cursos de Mecânica, Eletrônica e Mecatrônica, tanto no primeiro quanto no segundo semestre de 2010. Fizemos a trajetória desde a matrícula à conclusão do último módulo de cada

habilidade. A escola teve neste ano: 33 técnicos em Eletrônica no primeiro semestre e 33 no segundo; 40 técnicos em Mecânica no primeiro semestre e 36 no segundo; 35 técnicos em Mecatrônica no primeiro semestre e 35 no segundo o que representa os dados da Tabela abaixo:

Tabela 13: Alunos concluintes do primeiro e segundo semestre de 2010.

| Ano 2010 - 1º semestre | | Ano 2010 - 1º semestre | | Ano 2010 - 1º semestre | |
|---------------------------|----|---------------------------|----|-------------------------|----|
| Eletrônica - 3º Módulo A1 | | Eletrônica - 3º Módulo A2 | | Mecânica - 3º Módulo C1 | |
| Alunos Matriculados | 13 | Alunos Matriculados | 35 | Alunos Matriculados | 18 |
| Alunos desistentes | 4 | Alunos desistentes | 7 | Alunos desistentes | 6 |
| Alunos frequentes | 9 | Alunos frequentes | 28 | Alunos frequentes | 12 |
| Alunos aprovados | 9 | Alunos aprovados | 24 | Alunos aprovados | 6 |
| Alunos reclassificados | 0 | Alunos não concluintes | 4 | Alunos retidos | 6 |

| Ano 2010 - 1º semestre | | Ano 2010 - 1º semestre | | Ano 2010 - 1º semestre | |
|-------------------------|----|----------------------------|----|----------------------------|----|
| Mecânica - 3º Módulo C2 | | Mecatrônica - 3º Módulo D1 | | Mecatrônica - 3º Módulo D2 | |
| Alunos Matriculados | 35 | Alunos Matriculados | 18 | Alunos Matriculados | 34 |
| Alunos desistentes | 1 | Alunos remanejados | 2 | Alunos desistentes | 4 |
| Alunos frequentes | 34 | Alunos frequentes | 16 | Alunos frequentes | 30 |
| Alunos aprovados | 34 | Alunos aprovados | 8 | Alunos aprovados | 27 |
| Alunos reclassificados | 0 | Alunos retidos | 8 | Alunos retidos | 3 |

| Ano 2010 - 2º semestre | | Ano 2010 - 2º semestre | | Ano 2010 - 2º semestre | |
|---------------------------|----|-------------------------|----|-------------------------|----|
| Eletrônica - 3º Módulo A2 | | Mecânica - 3º Módulo C1 | | Mecânica - 3º Módulo C2 | |
| Alunos Matriculados | 30 | Alunos Matriculados | 21 | Alunos Matriculados | 40 |
| Alunos desistentes | 3 | Alunos desistentes | 7 | Alunos desistentes | 3 |
| Alunos frequentes | 27 | Alunos frequentes | 14 | Alunos frequentes | 37 |
| Alunos aprovados | 24 | Alunos concluintes | 9 | Alunos concluintes | 27 |
| Alunos retidos | 3 | Alunos não concluintes | 5 | Alunos não concluintes | 10 |

| Ano 2010 - 2º semestre | | Ano 2010 - 2º semestre | |
|-----------------------------------|----|-----------------------------------|----|
| Mecatrônica - 3º Módulo D1 | | Mecatrônica - 3º Módulo D2 | |
| Alunos Matriculados | 24 | Alunos Matriculados | 31 |
| Alunos desistentes | 4 | Alunos remanejados | 2 |
| Alunos frequentes | 20 | Alunos frequentes | 29 |
| Alunos concluintes | 10 | Alunos concluintes | 25 |
| Alunos não concluintes | 10 | Alunos não concluintes | 4 |

Neste ano de 2012, a escola “Sylvio de Mattos Carvalho” está com 1.263 alunos distribuídos em todos os cursos por ela oferecidos, incluindo o ensino médio. São 467 alunos no período da manhã distribuídos em 13 salas, sendo 06 turmas no ensino médio, 03 em Mecânica, 01 de informática e 02 de informática para Internet. No período da tarde a escola conta com 11 classes e 328 alunos, sendo 01 turma no ensino médio, 03 em Mecatrônica, 04 em informática para Internet e 04 de enfermagem. No período noturno são 14 salas e 468 alunos, sendo 03 turmas em Eletrônica, 03 em Mecânica, 03 em Mecatrônica, 02 em Informática para Internet, 02 em Enfermagem e 01 turma em Automação Industrial (curso novo) e 02 turmas de Administração que funcionam aos sábados, com o caráter semipresencial. A Tabela 14 mostra esta relação, incluindo também a quantidade de laboratórios para cada curso e diferença mínima de 57 alunos em relação ao ano de 2011.

Tabela 14: Número de alunos para o ano de 2012

| | Curso | Turma | Alunos | Laboratórios |
|--------|---------------------------|-------|--------|--------------|
| Manhã | Ensino Médio | 06 | 218 | 01 |
| | Mecânica | 03 | 60 | 07 |
| | Informática | 01 | 32 | 08 |
| | Informática p/ Internet | 02 | 62 | |
| Tarde | Ensino Médio | 01 | 36 | |
| | Mecatrônica | 03 | 60 | 10 |
| | Informática p/ Internet | 04 | 141 | |
| | Técnico em Enfermagem | 04 | 95 | 01 |
| Noite | Eletrônica | 03 | 79 | 06 |
| | Mecânica | 03 | 107 | |
| | Mecatrônica | 03 | 105 | |
| | Informática p/ Internet | 02 | 77 | |
| | Técnico de Enfermagem | 02 | 50 | |
| | Automação Industrial | 01 | 40 | 06 |
| Sábado | Curso | Turma | Alunos | |
| | Administração Empresarial | 02 | 52 | |
| 2012 | Total de alunos | | 1.263 | |
| 2011 | Total de alunos | | 1.206 | |

De acordo com o Regimento Comum das ETECs artigo 95 o aluno tem o direito de participar de todas as atividades escolares quando convidados pela Direção, a participar na elaboração de normas disciplinares; ser informado dos planos de trabalho do módulo a cursar; ser respeitado e valorizado; recorrer dos resultados de avaliação; apresentar ao Diretor assuntos de sua vida escolar e muitos outros.

É dever do aluno cumprir as normas e os regulamentos da escola; respeitar os colegas; indenizar qualquer material de propriedade do CEETEPS quando danificado; comparecer assiduamente às aulas.

VI – A presença da educação profissionalizante no município: uma resposta às necessidades do mercado?

A década de 80 é marcada pela expansão do neoliberalismo no mundo, pensamento assumido pelo capitalismo na ânsia de conquistar as mentes do mundo inteiro, defendendo a idéia de que a não participação do estado na economia e a total liberdade de comercio garantiria o crescimento econômico e desenvolvimento social de um país.

No meio desta transformação, com o surgimento das indústrias, a economia matonense vê-se a necessidade e exigência de capacitar seus operários.

A ETEC Matão nasce em 1986 com esta missão: formar a mão-de-obra para as empresas locais, principalmente no setor metalúrgico. A priori o desejo de capacitar os filhos dos operários, a classe pobre/média, mas o contexto social tanto no mundo quando na cidade, exige não só qualificar e sim capacitar o novo operário.

De um lado, a conquista pela escola que durava mais de 30 anos, de outro, a perspectiva de formar esses novos operários. A educação profissionalizante na cidade de Matão como no Brasil todo precisa percorrer paralelamente dois caminhos: a formação profissional é um instrumento essencial na capacitação de mão-de-obra de modo a atender às novas transformações tecnológicas trazidas pelo neoliberalismo, o que suscita a competição empresarial; outro caminho era elevar o número de empregos no mercado. Para isso, era necessário a ETEC Matão adaptar-se às exigências do sistema, formando seus alunos de acordo com as tendências e exigências das indústrias matonenses, o que perdura até os dias atuais.

As políticas públicas determinam que o técnico e o ensino profissionalizante tendem a adaptar-se, mesmo que de forma lenta e gradual, à exigência do próprio mercado de trabalho. A globalização e o neoliberalismo ditam as transformações no setor econômico e conseqüentemente, os setores tais como indústria, tecnologia, comunicação sofrem rápidas mudanças irreversíveis.

As transformações econômicas e políticas afetam também o ensino profissionalizante que visa responder a estas exigências, implantando, de acordo o Ministério da Educação, novas competências na formação do técnico. Tais exigências ditadas pelo mercado podem prejudicar a formação integral do aluno.

A educação profissionalizante tem-se esforçado em acompanhar o ritmo do sistema capitalista, traçando estratégias que amenizem a competitividade assídua do mercado, que sempre compactuará com as exigências da globalização. Esforço nem sempre bem sucedido.

Com isso percebemos que a educação profissionalizante não pode ser sozinha a responsável pelo crescimento e pelo emprego no Brasil, principalmente no município de Matão. Como já exposto anteriormente, ela é um instrumento indispensável para a formação de mão-de-obra, para a capacitação e qualificação, favorecendo assim o interesse aos sujeitos pela formação técnica profissional, transmitindo, ainda que com críticas, o possível em termos de conhecimento.

(...) a ilusão de que a reestruturação produtiva resultaria de fato na ampliação da demanda de educação básica e profissional pra todos, e desnudado o seu caráter crescentemente excludente, resta à indagação: o que dizer aos trabalhadores? Reforçar, pura e simplesmente, a tese oficial de que a escolarização complementada por alguma formação profissional confere a empregabilidade, é no mínimo, má fé. Por outro lado, afirmar que não adianta lutar por mais e melhor educação, é, mais do que matar a esperança, eliminar um espaço importante de construção de um projeto, contra-hegemônico (KUENZER, 2005, p. 69).

Há, no entanto, um preço a ser pago, o de ser a formação um passaporte para a empregabilidade, sem a gestação de um projeto humano emancipador.

Diante das políticas públicas do sistema educacional brasileiro, é preciso tomar cuidado quando tomamos a educação profissionalizante como provedora de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, na construção de uma sociedade que faça concretizar capital e trabalho, por ser um ensino que não tem um estilo próprio, enquanto educação integral, pois sua história é regida pelas transformações do mercado de trabalho, o que pode tornar deficitária a formação do sujeito.

São as prescrições do setor produtivo que passam a definir as necessidades de aprendizagem no campo profissional. Isto acontece com o ensino profissionalizante, e não é diferente na escola ETEC “Sylvio de Mattos Carvalho” que, em função das últimas políticas educacionais, substituiu o ensino fundamentado em conhecimentos organizados por disciplinas por um currículo estruturado a partir das competências demandadas pelo mercado de trabalho e organizado em módulos, pois buscar suprir os interesses do mercado local, ou seja, cursos são criados a partir das exigências dos empresários.

O perfil de uma escola profissionalizante acaba sendo definido pelas necessidades do mercado, ou seja, o que se prioriza no ensino-aprendizagem é a simulação de experiências vividas no mundo do trabalho sem a inserção, de outras dimensões essenciais ao desenvolvimento do ser humano.

Como já afirmado, Matão é uma cidade industrial, destacando-se, principalmente no setor de implementos agrícolas, com as empresas: Baldan Máquinas e Implementos Agrícolas instalada numa área de 256 mil m², sendo 65 mil m² de área construída. Seus produtos estão presentes em 74 países distribuídos em todos os continentes; a empresa Marchesan Implementos e Máquinas Agrícolas, atende tanto o mercado interno quanto o externo atendendo 50 países. Ela está instalada numa área de 805 mil m², dos quais 220mil m² de área coberta.

Neste contexto, cresce a demanda de mão-de-obra neste setor a cada ano, ampliando a vocação no trabalho de máquinas agrícolas e exigindo a formação de novos operários. A escola ETEC tem contribuído para esta formação desde 1986 em conjunto com os empresários matonenses que exigem dela esta resposta.

A presença da educação profissionalizante no município é um desafio a ser melhor desvendado, contribuição pretendida por este trabalho. Se a escola é uma formadora de mão-de-obra importante ao desenvolvimento local, há, em contrapartida, a necessidade de serem bem esclarecidos os ônus e bônus de um ensino cujo movimento é ditado pelo mercado.

Capítulo III

Sistema de avaliação institucional e lugares dos egressos no mercado de trabalho de Matão

Introdução

O presente capítulo compreende duas seções. Na primeira apresentam-se os resultados da pesquisa realizada pelo Centro Paula Souza nas ETECs pelos métodos Sistema de Avaliação Institucional (SAI) e também Sistema de Acompanhamento Institucional de Egressos (SAIE), que avaliam a inserção de todos os seus egressos no mercado de trabalho e o resultado do SAI realizado na Escola ETEC em estudo.

Na segunda seção apresentam-se os resultados da pesquisa de campo realizada, tanto com relação ao ensino profissionalizante quanto à trajetória de cada egresso, a entrevista de um professor e cinco empresários sobre o papel da Escola em questão.

A pesquisa foi desenvolvida com alunos egressos a partir de questionamentos que emergiram sobre suas trajetórias: escolares, profissionais, familiar, o valor da formação e do certificado técnico e o resultado do papel da escola ETEC em suas vidas. Quanto ao professor e aos empresários, as entrevistas foram abertas à respeito da vida pessoal, empresarial e da parceria da Escola frente aos alunos. Tratou-se também nesta entrevista sobre a atuação do professor na escola técnica.

I – A metodologia geral de avaliação do Centro Paula Souza

Sistema de Avaliação Institucional (SAI): as escolas em questão

Com o objetivo de favorecer o desenvolvimento sustentável, o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), tem atualizado constantemente sua equipe, plano de carreira e currículos escolares, o que permite avaliar a evolução funcional dos cursos e da equipe docente. Preocupado com as mudanças nos setores produtivos, o CEETEPS, desde 1.997 vem desenvolvendo o Sistema de Avaliação Institucional (SAI), em suas unidades, tendo como ponto de referência os resultados e impactos de cada unidade no local e região que está inserida. A coleta de informação é feita entre os professores, os alunos, os funcionários, os pais,

os ex-alunos, o diretor e representantes das comunidades que avaliam o desempenho do ensino. Assim, busca melhorar os conteúdos, o planejamento pedagógico e a qualidade do ensino profissionalizante que vem desenvolvendo há 40 anos (CEETEPS, 2009).

O SAI procura avaliar de forma censitária os processos de funcionamento, resultados e impactos na realidade em que cada ETEC está inserida como instrumento contínuo na qualidade de ensino e como está atendendo à comunidade local.

Segundo a diretoria superintendente do Centro Paula Souza, o SAI é um instrumento de aperfeiçoamento contínuo, na medida em que aponta necessidades e identifica fatores favoráveis, estimulando a adoção de estratégias coletiva e criativa, regionais e personalizadas, para o atendimento das realidades de produção e do mercado de trabalho, sempre em constante evolução. Os relatórios obtidos com o SAI 2009 esclarecem não apenas os processos de funcionamento de cada unidade, mas também o impacto na comunidade onde ela se insere e a colocação dos ex-alunos no mercado.

Dentre outros, destacamos os seguintes objetivos gerais do SAI: “Promover a reflexão em cada ETEC e no Centro Paula Souza a partir do desempenho real apurado, para aproximar esse desempenho do ideal, em busca da melhoria da qualidade”; “Promover a avaliação interna (auto-avaliação) e externa (avaliação participativa)”; “Estimular estratégias coletivas e criativas, regionais e personalizadas, para atendimento de realidades cambiantes da produção e do mercado de trabalho, pela exploração das próprias potencialidades”; “Prestar contas dos serviços prestados à sociedade” (SAI, 2009).

Os objetivos do SAI relatam a constante busca do Centro Paula Souza para com suas escolas e a capacitação dos seus alunos despertando uma consciência crítica, para saber quando mudar ou o que favorecer no crescimento e na inserção desses alunos no mercado de trabalho. O SAI é uma estratégia de manter a qualidade de ensino e como atrair mais estudantes para o sistema que há 40 anos procura desenvolver um ensino profissionalizante capaz de satisfazer a comunidade local.

O SAI traz em sua metodologia indicadores que são produtos de mensuração e análise para cada escola do Centro Paula Souza:

- a. **processo:** conjunto de ações e respectivos desempenhos desenvolvidos para a formação profissional dos alunos, e condições de infra-estrutura, que representam a eficiência da escola através dos indicadores: desempenho pedagógico, higiene e segurança, gestão, infra-estrutura, desempenho profissional, índices de assiduidade, dentro de um ideal em que 100% dos entrevistados avaliam como muito bom ou bom o conjunto

de ações desenvolvidas na unidade escolar, devendo subsidiar a elaboração de um plano de ação na busca de mudanças para o cumprimento da missão da escola, com a melhor qualidade possível.

b. **produto:** indica a produtividade ou eficiência da escola, a inserção dos técnicos no mercado de trabalho e utilização dos conhecimentos adquiridos e integração da escola na comunidade, e são uma consequência das ações desenvolvidas pela comunidade escolar, com evidências de resultados não desejados ou pontos críticos. Seus indicadores poderiam ser chamados de taxas de sucesso escolar, e compreendem o desempenho escolar (relação candidato/vaga, índice perda/produtividade, taxa concluinte/curso), situação de egressos (trabalho na área de formação, dificuldades no emprego e desempenho profissional) e relação escola-sociedade (parcerias, cursos, convênios, eventos, projetos próprios, serviços para a comunidade, projetos institucionais, avaliação da comunidade escolar), dentro de um ideal de 100% de produtividade (por exemplo, não haver perda de alunos nos períodos escolares e nos cursos, a escola ter procura acima da média das escolas da instituição, ex-alunos estarem trabalhando na área ou utilizando os conhecimentos adquiridos durante o curso, e que a escola esteja integrada na comunidade na qual está inserida).

c. **benefício:** avalia a satisfação, o atendimento às expectativas da comunidade escolar, incluindo egressos, em relação às ações e resultados produzidos pela escola, representa a percepção ou extensões de como a qualidade do processo e do produto integram a escola à sociedade. O ideal é representado pelo universo constituído por 100% dos pesquisados estarem satisfeitos e com suas expectativas atendidas em relação ao curso e à escola, envolvendo os indicadores: grau de satisfação (alunos, professores, funcionários, pais), expectativas atendidas (alunos, egressos, pais) e avaliação dos cursos, por alunos e egressos (MACHADO, 2007).

Com esses indicadores citados acima, cada escola ETEC pode identificar suas fragilidades, seus acertos e seus erros, definir metas e elaborar seu Plano de Escola para o próximo ano, uma vez que o Relatório SAI anual é entregue aos Diretores das unidades escolares no mês de janeiro do ano seguinte.

No ano de 2009 o SAI / ETEC avaliou 144.938 alunos matriculados, sendo 110.963 entrevistados, 5.926 professores, 2.487 funcionários, 7.253 egressos, 7.110 pais e 164 diretores atingindo em relação ao ideal de 100%, o valor de 77,8% no total, nos indicadores *Processo 81%*, *Produto 72,9%* e *Benefício 79%* que avaliam o quesito DESEMPENHO das ETECs de todo Centro Paula Souza, que por sinal é muito bom.²⁷

Em relação ao quesito “SATISFAÇÃO”, observa que mesmo as ETECs atingindo a média dentro do ideal desejado pelo Centro Paula Souza é preciso buscar

²⁷ <<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/sai/Síntese%20da%20Avaliação%20Institucional%20-%20SAI%20-%20Etec%202009.pdf>>. Acesso em: 11 novembro 2011.

melhoria ao “público alvo” constituído pelos alunos, pois em 2009 atingiu 71% do ideal em questão de SATISFAÇÃO, um percentual acima da média, mas que requer ainda mais atenção, pois em percentual 71% dos alunos entrevistados estão satisfeitos com as escolas, enquanto que 90% dos funcionários, 84% dos professores e 81% dos pais garantem um percentual maior de SATISFAÇÃO.

Sistema de Acompanhamento Institucional de Egressos (SAIE): os ex-alunos em questão

O Centro Paula Souza além de desenvolver o Sistema de Avaliação Institucional (SAI) desde 1.997, preocupando-se com a qualidade do ensino nas ETECs e FATECs do centro, tem-se preocupado com a inserção dos egressos de suas escolas e das suas faculdades. Por isso, desde 1.996 vem acompanhando estes egressos com o “Sistema de Acompanhamento Institucional dos Egressos (SAIE) que visa saber se os técnicos e tecnólogos estão trabalhando, quais as dificuldades profissionais e quais as melhorias pessoais e profissionais. O objetivo é perceber se o egresso após a conclusão do curso está tendo boa atuação no mercado de trabalho (SAIE, 2009).

A Assessoria de Avaliação Institucional do SAIE alterou em 2.000 o método de pesquisa em diversas fases realizadas semestralmente, um ano após a formatura. A metodologia passa por 11 fases que seguem nesta ordem: Cadastro junto às ETECs; Pesquisa com concluintes; Digitação dos dados; Pesquisa com Egressos após um ano do cadastro; Controle da amostra; Reenvio da pesquisa; Montagem do banco de dados; Elaboração de tabelas; Tabelas comparativas através dos dados pesquisados; Publicação e por fim, inclusão dos dados no SAI (Centro Paula Souza, cursos técnicos 2008).

De acordo com o relatório dos cursos técnicos de 2.008 dos egressos, o objetivo do SAIE é acompanhar a trajetória profissional e os conhecimentos adquiridos nos cursos do Centro Paula Souza, após um ano da conclusão do curso.

As pesquisas feitas pelo SAIE encontrados no site do Centro Paulo Souza apresentam duas turmas de formandos, uma em 2.006 e a outra em 2.007. Os relatórios das pesquisas datam os anos de 2.008 para primeira e 2.009 para a segunda, a seguir:

Tabela 15 – Formandos de 2006/2007

| Ano dos formandos | Alunos Concluintes | Alunos Localizados | Questões Respondidas | Amostra |
|--------------------------|---------------------------|---------------------------|-----------------------------|----------------|
| 2006 | 29.560 | 28.725 | 6.914 | 24,2% |
| 2007 | 32.507 | 31.399 | 7.253 | 23,1% |

Com o SAIE o Centro Paula Souza mantém contado e acompanha a inserção dos seus formandos no mercado de trabalho. Mesmo com uma amostragem pequena frente aos alunos encontrados e às questões respondidas, o monitoramento é fundamental para avaliar o desempenho formativo das ETECs num desejo de melhorar o que se ensina.

O relatório “Egressos em números”, publicado, recentemente, pela Área de Avaliação Institucional (AAI) do Centro Paula Souza, revela que 85,8% dos técnicos formados pelas Escolas Técnicas (ETECs) estaduais em 2006 e 87,7% em 2007 possuem vínculo formal de trabalho, ou seja, estão trabalhando.

Na Tabela 16 podemos observar que em todos os setores, a maioria dos egressos tem carteira assinada – o maior percentual é em *Controle e Processos Industriais* (81,6%), categoria de nossa pesquisa, o que não difere dos dados na Tabela 17. A proporção de *servidores públicos* é relevante em alguns deles, como no Curso de Infraestrutura (18%) e Ambiente Saúde e Segurança (17,5%). Os eixos com maior quantidade de autônomos e microempresários são os de Infraestrutura e de Produção Cultural e Design, ambos com cerca de 14%.

Tabela 16 – Empregabilidade dos Egressos 2008

| Eixo tecnológico | Cursos pesquisados 2006 | Carteira assinada | Autônomo regular | Microempresário | Servidor público | Total |
|----------------------------------|--|-------------------|------------------|-----------------|------------------|-------|
| Produção Industrial | | 76,3% | 4,1% | 2,1% | 12,4% | 94,9% |
| Produção Alimentícia | | 78,4% | 1,8% | 2,7% | 7,2% | 90,1% |
| Ambiente, Saúde e Segurança | | 67,2% | 4% | 1,2% | 17,5% | 89,9% |
| Controle e Processos Industriais | Automação Industrial, Automação Predial, Eletroeletrônica, Eletromecânica, Eletrônica, Eletrotécnica, Informática Industrial, Laboratorista Industrial, Manutenção Automotiva, Mecânica, Mecânica – Projetos, Mecatrônica, Metalurgia, Química | 81,6% | 2,8% | 1,5% | 3,9% | 89,8% |
| Recursos Naturais | | 74,6% | 4,4% | 2,2% | 6,7% | 87,9% |
| Gestão e Negócios | | 68,1% | 2,9% | 2,2% | 10,5% | 83,7% |
| Infraestrutura | | 49,8% | 7,5% | 7,2% | 18% | 82,5% |
| Informação e Comunicação | | 61% | 3,8% | 2,4% | 12,2% | 79,4% |
| Hospitalidade e Lazer | | 55,7% | 9,2% | 2,7% | 10,3% | 77,9% |
| Produção Cultural e Design | | 46,2% | 6,5% | 7,5% | 9,7% | 69,9% |
| | | 69,4% | 3,9% | 2,4% | 10,1% | |

Comparando os dados das Tabelas 16 e 17 observamos que no ano de 2007 surgem novas categorias de trabalho entre os egressos, por exemplo: *o trabalhador sem carteira assinada, o autônomo eventual, o micro-empresário e o meeiro*. A diferença de um ano para o outro é pequena, mas mostra uma ampliação de categorias a mais do ano de 2007 para 2006.

Tabela 17 – Vínculo empregatício: comparação entre as turmas 2006 e 2007

| | | |
|--|------|------|
| Carteira assinada | 2006 | 64,9 |
| | 2007 | 69,4 |
| Sem carteira assinada | 2006 | |
| | 2007 | 10,9 |
| Autônomo regular | 2006 | 3,9 |
| | 2007 | 3,9 |
| Autônomo eventual | 2006 | |
| | 2007 | 1,7 |
| Micro-empresário | 2006 | |
| | 2007 | 2,7 |
| Funcionário Público | 2006 | 10,7 |
| | 2007 | 11,7 |
| Meeiro | 2006 | |
| | 2007 | 0,2 |
| 87,7%/2007 e 85,8%/2006 dos egressos trabalhadores têm vínculo formal de trabalho | | |

A Tabela 18 apresenta os cursos que mais empregam de acordo com o relatório do SAIE de 2008, sendo os cursos na área de produção industrial com o índice de empregabilidade no setor de 90,7%, em segundo lugar os cursos da área de infraestrutura com 82,70%, e a área de controle e processos industriais segue com 81,2% ocupando o terceiro lugar no índice de empregabilidade.

Almério Melquíades de Araújo, coordenador de Ensino Técnico do Centro Paula Souza revela que os cursos oferecidos nessas áreas estão em regiões onde esses processos de produção são dominantes (Centro Paula Souza, cursos técnicos 2008 – índice de empregabilidade).

Na ETEC pesquisada o que predomina é a área de controle e processos industriais, por estar numa cidade (Matão) totalmente industrial. Podemos dizer que, esta área está em primeiro lugar e a demanda de mercado determina os cursos técnicos a serem escolhidos pelos alunos.

Tabela 18 – Índice de Empregabilidade

| | Áreas | Cursos Pesquisados | Empregabilidade* |
|-----|----------------------------------|--|------------------|
| 1º | Produção Industrial | Açúcar e Álcool, Análise e Produção de Açúcar e Álcool, Calçados, Curtimento, Tecelagem | 90,7% |
| 2º | Infraestrutura | Agrimensura, Desenho de Construção Civil, Edificações, Hidrologia, Saneamento, Transporte Metropolitano e sobre Trilhos, Transporte sobre Pneus e Trânsito Urbano | 82,5% |
| 3º | Controle e Processos Industriais | Automação Industrial, Automação Predial, Eletroeletrônica, Eletromecânica, Eletrônica, Eletrotécnica, Informática Industrial, Laboratorista Industrial, Manutenção Automotiva, Mecânica, Mecânica – Projetos, Mecatrônica, Metalurgia, Química | 81,2% |
| 4º | Gestão e Negócios | Administração, Administração Rural, Comércio, Logística, Marketing, Secretariado, Seguros | 77,3% |
| 5º | Recursos Naturais | Agricultura, Agroecologia, Agropecuária, Florestas, Mineração | 76,6% |
| 6º | Hospitalidade e Lazer | Agenciamento de Viagem, Hospedagem, Museu | 75,5% |
| 7º | Informação e Comunicação | Informática, Telecomunicações | 74,9% |
| 8º | Produção Alimentícia | Agroindústria, Alimentos, Produção Agropecuária – Sistema Alternância | 74% |
| 9º | Ambiente, Saúde e Segurança | Bioquímica, Enfermagem, Farmácia, Gestão Ambiental, Meio Ambiente, Nutrição e Dietética, Prótese Dentária, Segurança do Trabalho | 72,7% |
| 10º | Produção Cultural e Design | Comunicação Visual, Design de Interiores, Design de Móveis | 72,5% |

A pesquisa feita pelo SAIE realizadas com todos os egressos das ETCs Centro Paula Souza, representados na Tabela 18, mostra a inserção dos alunos egressos no mercado de trabalho, diante a formação recebida pelas escolas e o esforço da cada aluno, utilizando-se da criatividade para sobreviver no mercado de trabalho.

Contudo, não basta somente formar o aluno, é necessário acompanhá-lo, porque que nem todos os egressos conquistam o emprego almejado ou atuam na formação recebida pela ETEC.

Sistema de Avaliação Institucional (SAI) na ETEC de Matão: A escola investigada em questão

O objetivo do SAI é acompanhar o desenvolvimento das ETECs e FATECs, frente a dimensões que metodologicamente são assim conhecidas:

- *Processo*: o desempenho da ETEC avaliada.
- *Produto*: refere-se à produtividade da escola e à inserção dos alunos egressos no mercado de trabalho.
- *Benefício*: Avalia a satisfação do trabalho desenvolvido pela escola, frente aos professores, funcionários, alunos, pais e egressos.

De acordo com o relatório do site da ETEC – “Sylvio de Mattos Carvalho” de Matão, apresentamos o resultado do SAI realizado com data final de janeiro de 2010, com alunos concluintes de 2008. Esta avaliação contou com 1.155 alunos matriculado, 809 pesquisados, 55 professores, 08 funcionários, 34 egressos, 01 diretor, porém, os pais não foram pesquisados.

Portanto, no quesito *desempenho* a ETEC obteve o seguinte resultado a partir das pessoas entrevistadas: *Processo* 76,1%; *Produto* 62,0% e *Benefício* 74,4% com uma média de 70,8% do total de 100%.

O resultado da pesquisa do SAI mostra que a escola vem mantendo a média de satisfação desde 2005 com 72%, finalizando em 2009 com um percentual de 71%. É notório que mesmo na média, a dimensão *Produto* que diz respeito à produtividade da escola, precisa ser mais aperfeiçoado, ou seja, melhorado.

O SAI aplicado também aos funcionários resultou num percentual de 95%, os professores com 80% e os alunos com 65% no quesito *satisfação*. Todos os entrevistados foram importantes nesta pesquisa, principalmente os alunos que são fundamentais para o bom desempenho desse quesito. Conclui-se, então, que a satisfação dos alunos é baixa comparada com a dos funcionários que é bem mais elevada. Mas, essa baixa satisfação dos alunos não desqualifica os procedimentos que vêm sendo adotados, porém, revela a necessidade de melhorias neste quesito, porque este resultado demonstra a questão da formação do aluno.

Com os Sistemas de Avaliação SAIE e SAI, o Centro Paulo Souza, tende qualificar todo o sistema de ensino técnico presente há mais de quarenta anos no Estado de São Paulo, a partir de cada ETEC é possível obter os pontos positivos e negativos a serem melhorados para formação dos seus alunos. A partir dos resultados, cada escola pode melhorar nos quesitos de menor pontuação.

A ETEC Matão vem ao longo dos seus 25 anos, desempenhando o seu papel na formação da mão-de-obra do município. A Escola é destaque na cidade por capacitar técnicos e preencher a vocação profissional; a demanda do mercado de trabalho é grande, o que não significa emprego para todos, pois como vimos, a economia está distribuída nos seguintes setores: comércio, agropecuária, serviços e outros, principalmente na indústria.

Diante do SAI apresentado, vemos que a escola tem um índice de satisfação e desempenho muito bom no cumprimento de sua missão, sendo um instrumento de ascensão individual e social no município. Mesmo com alguns déficits o ensino profissionalizante oferecido pela ETEC Matão tem um benefício público de relevância social.

A segunda parte deste capítulo propõe-se levar em conta representações dos segmentos envolvidos em relação à escola investigada, em uma tentativa de analisar contrapontos ou confirmações dos resultados institucionais elencados. Neste sentido, pode-se constatar a existência de crítica por partes dos alunos em relação aos laboratórios e à excessiva lotação da classe. Por outro lado, as entrevistas com os empresários estão confirmando a importância da escola para o desenvolvimento local. Há dados que mostram a frequente contratação dos egressos após o período experimental do seu trabalho como aprendizes.

II – Análise das entrevistas com empresários, docentes e alunos egressos

Empresários

O ensino profissionalizante em situação articulada e estruturada em sua realidade local denota um processo preocupante, pois diante das entrevistas, nos deparamos com os prós e os contras que merecem maior atenção dos pedagogos envolvidos no magistério deste ensino.

Existe uma aceitação e um desenvolvimento bem “intencionado” do ensino profissionalizante no Município de Matão, tantos os empresários quanto os docentes e os egressos fizeram boas inferências relativas à pedagogia da Escola, avaliação, parceria com os empregadores, estrutura curricular, investimentos.

A seguir, fiz um recorte das entrevistas tanto dos empresários quanto dos docentes e alunos egressos para uma compreensão do tema deste trabalho, respectivamente.

Com os empresários apresentamos duas perguntas e alguns depoimentos, a seguir:

1 – Como estão saindo os egressos da escola técnica de Matão? Qualificados ou não? A escola prepara, de fato, para o mercado de trabalho?

2 – Do ponto de vista empresarial qual a importância da ETEC na formação dos egressos? Há contatos, relação entre empresa e escola?

Frente às entrevistas, ficou claro que os empresários conhecem a Escola ETEC “Sylvio de Mattos Carvalho” e acompanham o seu desempenho, apostam na formação dada pela instituição, falam da necessidade de receber a mão-de-obra qualificada por ela e o quanto eles valorizam o empregado formado pela instituição.

Apresentamos, neste sentido, dois depoimentos dos encarregados do Recurso Humano (RH) de duas empresas:

“Nosso trabalho de formação das pessoas começa a partir das nossas necessidades e aí fomos atrás de fazer parcerias com várias instituições de ensino com uma meta de tentar conseguir 20% de desconto de cada faculdade, tentamos convênio com o IMMES, ANHANGUERA, UNIP, UNIARA, COC, INPG. Hoje temos alguns contratos já validados e outros ainda estão a caminho,

Fizemos uma parceria com a Fundação Shunji Nishimura de Tecnologia, de Pompéia-SP, onde somos a primeira empresa da nossa região a firmar contrato de estágio com alunos do curso de graduação em Tecnologia em Mecanização em Agricultura de Precisão, 1º do Brasil. Nossas máquinas exigem alta tecnologia e o RH mais uma vez dá sua contribuição em parceria com a engenharia, pós-venda para a formação das pessoas.

Estamos implantando o sistema Lean Manufacturing (sistema Toyota de produção), que adequamos a nossa realidade Baldan com o nome de SBM (Sistema Baldan de Manufatura), onde todos os trabalhadores foram treinados através de workshops e conscientização, onde já usamos alguns pilares como Kaikaku (alteração radical na célula de manufatura), programa 5 s (organização e limpeza), TRF (troca rápida de ferramenta).

Temos as cotas dos jovens aprendizes do ensino profissionalizante, de modo especial da ETEC local, que são divididos conforme a necessidade de cada setor como: Usinagem, Manutenção, Corte e Dobra, Informática, Administrativo, onde os alunos não só preenchem a nossa cota atendendo à lei vigente, mas temos a oportunidade de formar profissionais. Hoje, na Baldan, a maioria dos alunos são filhos de funcionários, e quanto é gratificante ver o brilho no olhar do pai vendo seu filho ser formado na empresa em que ele trabalha. Cada jovem tem um monitor, que orienta e, em dado momento, os alunos têm a oportunidade de ter seu primeiro contato com as nossas máquinas, enfim, na área em que ele estiver sendo formado.

Podemos destacar treinamentos que são realizados por funcionários da própria empresa como Controle de medidas, leitura e interpretação de desenho, comunicação, formação de liderança, dentre outros. Quando os funcionários são treinados e se sentem motivados e principalmente desempenham melhor as suas funções. O profissional que ensina também aprende e como o instrutor está dentro da empresa fica mais fácil tirar dúvidas.

Implantamos os cargos e salários, que é uma ferramenta para diminuirmos as desigualdades salariais, bem como incentivar o comprometimento, crescimento pessoal e profissional, remunerando adequadamente com base no público interno e no mercado os nossos profissionais. Para preencher nossas vagas, realizamos primeiramente buscas dentro da empresa e, se não tiver, aí sim, vamos buscar no mercado, como forma de incentivar a busca pelo crescimento profissional, já temos funcionários vindos da fundição que hoje trabalham no jurídico, RH, e outros que estão na engenharia, MKT, e assim por diante”.

Funcionário do setor de Recursos Humanos (RH) – Baldan

“A Marchesan prioriza a formação de seus colaboradores, e considera de grande importância o papel da escola técnica em nossa cidade. Portanto temos números expressivos de aprendizes que são encaminhados a algumas áreas correlatas, das quais vão conhecendo os setores, peças e máquinas até chegarem ao seu princípio de formação.

Temos colaboradores que estão efetuando agora o curso técnico e outros que já se formaram. Aproximadamente, contamos com um efetivo de cento e quarenta e três (143) funcionários, dentre os quais: Técnico em Mecânica, Mecatrônica, Eletroeletrônica, Eletrônica e Informática.

Quando não há o aproveitamento desses egressos, é devido à não existência de vagas em nosso quadro ou devido a setores que exijam experiência. A Marchesan também promove treinamentos/cursos internos para melhor capacitar seus colaboradores”.

RH – Marchesan

O desenvolvimento industrial de Matão é forte em implementos agrícolas, com isso, a maioria das empresas buscam na própria cidade seus funcionários e preferem os residentes do município, tendo em vista à formação dada pela ETEC “Sylvio de Mattos Carvalho”.

A ETEC tem grande influência na cidade, por lançar no mercado, em todos os semestres, novos técnicos nas áreas de mecânica, mecatrônica e eletrônica, funções importantes ao desenvolvimento industrial. A escola é fundamental, mas o interessante é que os empresários vão qualificando os novos profissionais de acordo com a necessidade da própria empresa, contudo, eles preferem técnicos formados pela instituição como veremos com as respostas dos empresários a partir das questões que escolhemos para melhor definir nosso trabalho, assim sendo:

*1 – Como estão saindo os egressos da escola técnica de Matão? Qualificados ou não?
A escola prepara-o de fato para o mercado de trabalho?*

BAMBOZZI EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS

Encontramos algumas dificuldades com estagiários, principalmente, na área de eletrônica, a respeito de soldas. Percebemos que a escola não está preocupada em ensinar para o aluno a soldar com estanho, com ferro de solda e às vezes o aluno demora um pouco ou nem aprende, nem consegue soldar. Mandamos por escrito para a escola algo que eles pudessem fazer para melhorar, pois a escola deveria preocupar-se mais com a prática, ou seja, ter um equilíbrio entre prática e teoria, pois as duas andam juntas, e na hora do dia a dia a prática é mais importante para a empresa.

BALDAN IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS

O trabalho de equipe é muito positivo. Esse grupo atual de aprendiz que está conosco, desempenha um papel satisfatoriamente, os meninos mostram-se bem desempenhados. Foram ensinadas diversas tarefas diferentes das funções deles. Exerceram e desenvolveram o papel do trabalho em equipe muito bem. No início tiveram um pouco de dificuldade na parte de laboratório de componentes. Agora no final, a dedicação deles demonstrou interesse em estar continuando com a gente. Houve evolução muito grande. Na parte teórica, algumas coisinhas também precisam ser melhoradas não sei se é falta deles aplicarem no dia a dia... ou estarem lendo mais.

PANEGOSI INDÚSTRIA MECÂNICA

O egresso vem qualificado teoricamente, porque vem com uma base teórica da escola da ETEC. O curso técnico de mecânica, que é o que a gente costuma pegar, os alunos vêm prontos para adaptar-se à empresa. Eles vêm com a base, a exigência de grade escolar, o que a gente acaba aproveitando em relação à qualidade. Ai fica muito mais fácil moldar esses garotos. A escola já faz um ótimo papel na formação dos alunos em termos de responsabilidade, disciplina e depois implanta a grade escolar em relação ao curso que me faz acessar devido à qualidade.

IRMÃOS PANEGOSI

Esses alunos trazem alguns vícios “teóricos” e a gente ajuda a corrigir sempre pensando em ISO, em NR10, em todas essas coisas eles aprendem muito na escola e vêm colocar em prática aqui na empresa. O fato de serem da cidade nos dará retorno que a gente precisa, ou seja, é da nossa terra. São pessoas capacitadas e que vêm ao encontro dos nossos objetivos e nossos anseios, o que melhora o desempenho da nossa empresa.

De acordo com esses empresários, o que falta aos alunos é uma melhor qualificação prática, pois perde-se muito tempo na empresa ensinando aos alunos egressos coisas práticas que eles já deveriam ter aprendido na escola. Embora, como vimos anteriormente, muitos dos proprietários destas empresas preferem moldar seus novos funcionários, desde que venham com uma boa bagagem do curso técnico.

Uma dimensão interessante, ainda que informal, baseia-se numa parceria entre empresa e escola, na formação dos alunos. De um lado, os patrões exigem o curso técnico como quesito principal para adquirir o emprego, de outro lado, a bagagem trazida pelo egresso é moldada conforme às exigências da própria empresa. No entanto, o que poderia partir da escola era a estrutura laboratorial mais intensa, ou seja, aulas práticas conforme as necessidades das indústrias.

Há muito o que se fazer ainda. Mas ser formado pela Escola ETEC é ter grande prestígio na hora de conquistar um emprego. Percebe-se nas entrevistas concedidas pelos empresários que a ETEC é um orgulho para eles, mesmo com essas dificuldades de laboratório (prática), mas ter um egresso da escola é sinônimo de sucesso, pois segundo esses empresários, a bagagem teórica trazida pelos alunos da escola técnica é muito boa.

Muitos dos egressos, trazem na hora de conseguir o emprego garra e determinação, o que entusiasma o patrão.

2 – Do ponto de vista empresarial qual a importância da ETEC na formação dos egressos? Há relação entre empresa e escola?

BAMBOZZI EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS

Hoje 99% dos funcionários da empresa são decorrentes de estágios. A empresa tem uma preocupação com isso até quando a gente vai procurar um novo funcionário, a primeira ideia é o estagiário, porque a gente vai treinar ele especificamente na área do nosso serviço. Por isso é importante o estagiário.

A importância dos cursos técnicos na escola ETEC hoje na cidade de Matão é considerada pela questão de treinamento desses alunos. Contudo, acho importantíssima a ação da escola. Ultimamente não temos mais contato com a escola, mas sempre tivemos uma boa relação.

BALDAN IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS

Em relação à escola tenho muito pouco contato sinceramente, nem conheço a escola na verdade. É difícil estar avaliando a escola em si. Avalio pelas informações que eles trazem até mim.

PANEGOSI INDÚSTRIA MECÂNICA

Então, eu achei que piorou a relação que nós tínhamos anteriormente. Em relação à ETEC eu não sei se foi uma coordenação estadual de 2004/05 pra cá também dificultou e muito ou é problema na cidade aqui de Matão. A partir do momento que mudou a direção da escola aqui na cidade não houve mais contato, aproximação, me parece que hoje as vagas são mais concorridas, então, passa-se uma impressão que quem passa no pré-vestibular são os qualificados para o mercado de trabalho, mas não é assim. Pelo menos em relação a nós não houve mais um contato, uma aproximação, um intercâmbio que nós tínhamos na época.

EMPRESA IRMÃOS PANEGOSI

A gente tem notado que esse pessoal vem a caráter, vem treinado, mas falta alguma que aos poucos vai aprendendo no dia a dia da empresa. Os alunos da ETEC são bem-vindos em nossa empresa, pois ela está cumprindo um grande papel hoje e a grande ênfase está na mão-de-obra qualificada, a escola vem cumprindo muito bem seu papel.

Por exemplo, conceitos de segurança do trabalho eles aplicam bastante lá, a disciplina a questão de IPI, por exemplo, a parte de equipamentos pro trabalho, eles já vem treinado pra aquilo lá. O pessoal mais antigo tem resistência pra usar, eles já estão meio direcionados para aquilo. Já os egressos já chegam com os equipamentos corretos, fazem a limpeza da máquina, porque têm que fazer limpeza eles já tem toda instrução.

O que agente observa também é a facilidade de trabalhar em grupo desse pessoal. Não é um profissional individualista. Então, a escola os prepara nessa parte também humana, saber compartilhar, saber trabalhar em equipe é fazer por mérito e não por passar a perna em ninguém então dá para observar essa questão comportamental.

A escola ETEC Matão nasceu do desejo dos empresários em formar seus funcionários, o que faz dela ainda hoje essencial às empresas matonenses. Como vimos nas entrevistas muitos deles não têm contato direito com a escola, mas eles dão sugestões quanto à formação dos alunos. A escola não acata muito as sugestões, devido ao conteúdo programático que já vem pronto pelo Centro Paula Souza, o que torna difícil mudar frente a necessidade local, mas mesmo assim, segundo o professor entrevistado é possível fazer algumas adequações locais.

Sem dúvidas, a qualificação dada pela ETEC é imprescindível aos empresários que desejam um trabalhador que traga conteúdo novo, facilitando a capacitação de patrão e funcionário.

Os empresários reclamam pelo pouco contato entre eles e a escola, pois para eles, a escola deveria acompanhar os alunos estagiários pessoalmente na empresa e mesmo com o conteúdo programático oferecido, comungar das necessidades singulares

de cada empresa. Mas isso não acontece. Existe um grande interesse que se divide em dois lados: de um, a escola em inserir seus egressos no mercado, do outro, um técnico mais qualificado, principalmente no que refere à prática.

De acordo com os depoimentos, percebemos o desejo que os empresários têm em ter esse contado mais pessoal com a escola, pois eles valorizam o papel da instituição e necessitam dos novos técnicos, mas desejam uma co-participação no que refere às necessidades básicas das empresas, pois os egressos aparecem com vários déficits em relação à prática.

O Corpo Docente: a defesa da formação integral

O roteiro de pesquisa para o corpo docente, conforme apresentado no anexo I, tratava mais de questões abertas referentes à metodologia, tempo de magistério, a representatividade da escola para cidade. Procurei deixá-los fazer uso da oralidade embora elencassem várias perguntas para dar um pequeno direcionamento na conversa.

Os desafios e perspectivas da educação profissionalizante são muitos: ser versátil, estar preparada para o tempo em que se insere, saciar as necessidades do desenvolvimento local, ajustar-se a cada momento às mudanças de currículos que podem mudar de semestre a semestre, o que dificulta o trabalho dos docentes, até mesmo como aplicar currículos novos com os antigos.

Isso faz da pedagogia das competências²⁸ exigidas pela educação profissionalizante, ser muito bonita, mas difícil de ser trabalhada e atingir bons resultados, o que acaba prejudicando a formação humano-afetiva dos alunos, condição importante como vimos aos empresários na hora de escolher seu funcionário.

Nos depoimentos a seguir, percebemos dois pólos: de um lado, o papel da ETEC Matão em seu empenho de dar ao aluno condições básicas para ser um bom profissional, o que confronta com a opinião dos empresários ao dizer que os egressos, vêm com algumas lacunas básicas para começar o trabalho, talvez seja, como relatam os docentes, pela grande maioria dos alunos serem novos e ainda não terem grande entusiasmo pela profissão.

²⁸ A pedagogia das competências desdenha a importância de se formar com capacidades de inovação, criatividade, espírito empreendedor e adaptação à mudança, oriundo de uma cultura geral, humanística e científica (Mendes, 2005).

De outro lado, é deixar o paradigma de que a educação profissionalizante é uma formação inferior, dando aos alunos apenas a técnica. Os docentes defendem que a formação da escola técnica procura contemplar uma formação integral do aluno, capacitando-o não somente para o mercado de trabalho, mas também para vida.

Existe um grande esforço dos docentes em fazer os alunos apaixonar-se pelo curso em que estão inseridos. Para eles, não basta apenas estar no curso, é preciso despertar interesse pela vida profissional que o espera após o curso. Conclui os docentes:

Nessa unidade eu leciono há 11 anos. É muito gratificante trabalhar com o ensino profissionalizante. Você forma um profissional e sabe que com isso você está determinando a vida futura dele. A colocação profissional, o seu meio de sustento, você está dando uma ferramenta para ele manter sua família no futuro e alçar vôos mais longes. Leciono nos curso de mecânica, mecatrônica e eletrônica (professor 1)

A grande dificuldade que encontro quanto aos alunos é à baixa motivação, pela faixa etária que o aluno se encontra e outra razão é ele não visualizar, deslumbrar um futuro profissional concreto. Quanto à infraestrutura da escola é muito boa. Ela permite transmitir ao aluno os principais conceitos que nós precisamos a partir da parte teórica e pode-se dizer que regionalmente é uma das escolas mais bem equipadas. Quanto ao plano de ensino a meu ver é um tanto e quanto burocrático. Não é muito criativo, ele já vem de certa forma pronto, imposta pela Organização central que é o Centro de Paula Souza. Mas é uma unidade em si bastante flexível que permite que isso seja adaptado as condições regionais e locais. Então, isso nos dá uma boa margem de trabalho (professor 1)

Bom, primeiramente, o que precisa acontecer com o ensino profissionalizante para ser um fator de desenvolvimento, é preciso implantar uma cultura que muitos vêem um curso técnico como algo, um curso que vai levar o aluno a uma formação socialmente inferior, um operário, alguém desse tipo e não alguém que tenha uma qualificação e que tenha um conhecimento. Pode falar-se também na motivação do aluno, ele não adquire motivação em função da sua idade, ele demora um pouco para obter essa motivação para os estudos. Isso se deve partir dos pais, em casa e na sociedade de motivar o aluno a adquirir conhecimento. Nós vivemos numa sociedade em que ele se espelha em artistas, jogadores de futebol, enfim, pessoas poucas que abrigam sucesso grandioso ou de forma rápida numa idade tenra. Isso é extremamente prejudicial.

O que o curso ETEC trouxe de bom para Matão foi basicamente um curso tecnológico, muito embora, isso não seja formalizado. A escola forma um pólo tecnológico agregando profissionais, conhecimentos, equipamentos de forma a servir não só aos alunos, mas as empresas também, a sociedade de uma forma geral.

O curso veio para Matão, porque esta escola possui algumas características regionais peculiares. Na região, embora seja uma cidade pequena, ela possui a maior renda per capita superando cidades grandes como São Carlos e Araraquara. Matão possui indústrias muito elevadas, montante superior à média das cidades na região. É uma cidade com características industriais, embora ainda comporte uma industrialização maior, mas existe uma tradição, uma tendência de industrialização na cidade e ela serve como influência para as cidades circunvizinhas tanto é que pode se dizer que 30% dos alunos vêm de cidades vizinhas (professor 1)

Para o ensino profissionalizante deslançar, segundo os depoimentos, falta um suporte maior do Centro Paula Souza em formação os professores quanto à compreensão da pedagogia das competências, principalmente em lidar com as mudanças de currículos a cada momento, o que prejudica a compreensão da nova teoria e a prática desta pedagogia. Onde está a falha? Aí está a contribuição, ainda que modesta, buscada por esta pesquisa os desafios e perspectivas do ensino profissionalizante tendo como objeto a escola ETEC “Sylvio de Mattos Carvalho” Matão, uma cidade que desponta por ter um desenvolvimento industrial muito significativo.

Segundo MENDES (2005) milhares de jovens são lançados anualmente no mercado de trabalho pela educação profissionalizante, com dificuldade de inserção na vida ativa, devido à difícil assimilação em todas as competências exigidas para cada curso. Contudo, não existe outra modalidade de ensino que se aproxima da realidade economia e que se preocupa desenvolver o eixo educação-economia, o que nos leva a aceitar os instrumentos operatórios oferecidos por esta modalidade de ensino.

Contudo, existe o esforço da escola em preparar o aluno para o mercado, querer torná-lo polivalente, mas a dificuldade está em saber concretamente que tipo de sujeito, quais competências e habilidades são importantes para o mercado e mais, nem todos os alunos têm o devido interesse sobre o que estuda. A busca pelo equilíbrio é fundamental, aí a importância do formado saber conquistar seu espaço dentro do mercado de trabalho.

Os Alunos Egressos

O questionário para os egressos, apresentado no anexo II foi direcionado por três pontos: a questão familiar, social/econômica e a vida escolar. Entre os vários questionamentos, apresentamos cinco questões que vêm ao encontro deste trabalho;

foram pesquisados sete alunos egressos com um formulário contendo 40 questões, por isso a seleção de apenas cinco para conhecermos este universo da vida escolar e vida no mercado de trabalho. São elas:

- 1 – Como foi a linguagem de seus professores? Erudita/termos técnicos? Atendeu às suas expectativas?
- 2 – Como obteve conhecimento da existência dos cursos técnicos da ETEC?
- 3 – Qual foi a contribuição do curso para a sua vida profissional? Em que realmente o curso veio ajudar?
- 4 – O que o motivou a realizar um curso técnico?
- 5 – Quanto à infra-estrutura da escola, prédio, equipamentos, atendeu às expectativas?

Ficou evidente, diante dos depoimentos apresentados, que esses egressos têm uma grande gratidão pela ETEC “Sylvio de Mattos Carvalho”, o sucesso de estarem trabalhando é todo dos cursos que eles fizeram, mesmo apontando alguns aspectos negativos, esses egressos valorizam muito o papel da escola em suas vidas e no desenvolvimento industrial da cidade, assim como afirmam os empresários e professores.

1 – Como foi a linguagem de seus professores? Erudita/termos técnicos? Atendeu às suas expectativas?

| | |
|-----------|---|
| Egresso 1 | Os professores usam termos técnicos. Muitos se preocupavam que todo mundo aprendesse. Quem não aprendeu foi porque não quis. O perfil deles era o que queríamos. |
| Egresso 2 | Bom, eram vários professores que davam aula de diferentes matérias, uns eram técnicos. Cada um ensinava de um jeito, mesmo a linguagem sendo difícil eles explicavam várias vezes. |
| Egresso 3 | Havia professores e professores. A maioria deles era formada em nível superior, engenharia. Quanto ao nível do palavreado era bem variado de um para outro, às vezes nem sempre quem falava mais bonitinho a gente aprendia mais, infelizmente, não dá para aprender não pela dificuldade, mas sim pelo conteúdo da matéria, pela forma que eles falavam. Podiam saber muito pra eles, mas para passar eles não sabiam e muita vez dava a impressão que não queriam, mas a gente buscava saber e assim a vida ia tocando. Mas foi realmente interessante a forma que cada um se expôs com seu perfil, seu caráter, seu conhecimento, sua prática ou falta de prática. |

| | |
|-----------|---|
| Egresso 4 | A linguagem era técnica porque eles vinham de grandes empresas. Uns já tinham trabalhado em empresa e até fora de Matão. Um era proprietário de uma empresa que se chamava Cadiolli Implementos Agrícolas, então eram experiências que eles tinham dentro das empresas deles, da vida deles e passavam também de acordo com o conteúdo da matéria. Eles sabiam o que falavam, pois vivenciavam tudo aquilo: fundição, ferramentaria, maquinário, resultados de um trabalho, então, a gente entendia. Eu particularmente entendia muito bem. |
| Egresso 5 | Era uma linguagem muito fácil, porque a maioria deles já estava na empresas, trabalhava literalmente. A comunicação foi bem simples mesmo, a maioria das pessoas ali eram professores experientes novos, professores mais velhos, de várias áreas que tinham essa comunicação muito simples. |
| Egresso 6 | Eu peguei uma época, um tempo na escola técnica muito boa com relação aos professores, porque todos na época que estudei eram professores que vinham das indústrias, ou seja, trabalhavam na indústria e à noite eles davam aula na ETEC isso foi muito bom porque a pessoa que trabalhava na área tinha um conhecimento muito melhor, tendo uma facilidade melhor de passar a teoria, então, eu não questiono nenhum professor que eu tive eu sei que hoje muitos já saíram inclusive na época que eu estudei na ETEC. O professor não precisava ter graduação para dar aula lá. A pessoa que fosse experiente numa determinada área e existisse uma matéria daquela, ele poderia ir lá se candidatar e dar aula naquilo. Então ele ia dar aula como se fosse aula prática não ia usar termos difíceis, coisas que a gente nunca ia ver, então eles falavam aquilo do dia a dia que ele trabalhava. |
| Egresso 7 | Era uma linguagem simples. Particularmente eu esperava mais. Era o que tinha, mas foi satisfatório. A linguagem não era muito técnica. |

Quanto à linguagem utilizada pelos professores, os entrevistados afirmaram que havia professores e professores, sendo que os mesmos dominavam o conteúdo ministrado e que a linguagem utilizada por eles variava, ou seja, técnica e erudita. No entanto, o que mais predominava era a ordem técnica.

Por outro lado, os entrevistados afirmaram que as suas expectativas foram atendidas, principalmente na questão de entender o conteúdo ministrado com a linguagem utilizada pelos professores.

2 – Como obteve conhecimento da existência dos cursos técnicos da ETEC?

| | |
|-----------|--|
| Egresso 1 | Soube dos cursos através da divulgação nas empresas pela própria escola. |
| Egresso 2 | Tinha feito ensino médio lá e já sabia. |
| Egresso 3 | Por panfleto. |
| Egresso 4 | Existe uma equipe da ETEC que divulga os cursos na 8ª série das escolas, foi ai que eu soube da existência dos cursos. |
| Egresso 5 | Pelos comerciais feitos na emissora de rádio local. |
| Egresso 6 | Através de outros amigos, inclusive na empresa onde trabalho. No curso do supletivo outros colegas também comentavam muito da ETEC que iam terminar o supletivo para começar o ensino profissionalizante. E eu segui a mesma tendência, terminando o supletivo eu já iniciei na ETEC e lá fiquei por um bom tempo. |
| Egresso 7 | Por panfleto e pela rádio. |

Em relação ao conhecimento da existência dos cursos da ETEC, os alunos egressos disseram que tiveram conhecimento dos cursos através da divulgação realizada pela rádio, por panfleto nas escolas de ensino médio e nas empresas de Matão pela própria escola. Outros já afirmaram que quando cursaram o ensino médio já comentavam entre eles sobre os cursos oferecidos pela ETEC.

Percebemos que o conhecimento dos cursos da escola concretizou em dois sentidos a divulgação realizada nas empresas e no meio estudantil de preferência entre aqueles que cursavam o ensino médio.

3 – O que o motivou a realizar um curso técnico?

| | |
|-----------|--|
| Egresso 1 | Fui estudar na ETEC porque trabalho nesta empresa há 20 anos e na época a ETEC dava esses cursos pra gente ficar mais preparado. Optei pela escola técnica porque não podia sair pra fora pra estudar. |
| Egresso 2 | Eu quis fazer curso em eletrônica, porque havia feito o curso técnico de aviônica e precisava de um curso técnico nessa área. |

| | |
|-----------|---|
| Egresso 3 | Na verdade eu não tinha nenhum motivo para fazer um curso técnico. Não tive nenhum tipo de conhecimento sobre a área. Eu fiz porque quis experimentar pra ver o que era e acabei gostando da área e fui ficando. |
| Egresso 4 | Desde pequeno gosto de desenhar e uma vez vi um projeto de mecânica, me encantei com o projeto mecânico e decidi fazer o curso de técnico em mecânica. |
| Egresso 5 | A oportunidade, pois terminei o colegial precisava continuar os estudos. Prestei e gostei do curso, gostei do tema do curso... Na cidade tem essa facilidade e não podia fazer faculdade e o técnico me dava condições de estar entrando nas empresas de maneira profissional. Trabalhava com mecânica, fiz mecatrônica. |
| Egresso 6 | Aqui em Matão na época só havia a ETEC. Nós não tínhamos outra escola profissionalizante. Pra fazer faculdade eu não tinha condições financeiras. Então, foi por isso que optei pela ETEC, porque só tinha ela aqui em Matão. |
| Egresso 7 | Eu trabalhava na Bambozzi na área de eletrônica, sempre gostei dessa área, então, quando abriu esse curso, resolvi ingressar na ETEC. |

Diante da motivação, percebemos que a mesma aconteceu de forma diferente como atestam os entrevistados sobre a referida questão. A motivação para realizar um curso na ETEC perpassa por vários motivos como: em não ter motivação alguma, mas o desejo de experimentar o curso, dar continuidade aos estudos, tendo em vista o término do ensino médio, devido ao trabalho e também por não ter condições de sair para estudar fora da cidade, outro fator condicionante foi não ter condições de cursar uma faculdade, e por fim, porque já tinha feito um curso técnico, mas precisava complementar os seus estudos na área de eletrônica, mecânica ou até mesmo mecatrônica.

Os entrevistados deixam claro que a motivação deu-se, em virtude de algum fator importante na vida de cada um. Diante disso, cada um acolheu a motivação para frequentar o curso técnico.

4 – Qual foi a contribuição do curso para a sua vida profissional? Em que realmente o curso veio ajudar?

| | |
|-----------|--|
| Egresso 1 | O curso me ajudou tanto que, quando terminei, fui promovido e 6 meses depois cheguei no teto máximo, passando a ser chamado de técnico. Já fui chamado para trabalhar em outras empresas pra ganhar igual ou até mais, mas prefiro ficar aqui. A escola técnica me ajudou a ser o que sou hoje. |
| Egresso 2 | Sim, com certeza aprendi muita coisa, apesar de lidar com mais de 20 homens em sala de aula, aprendi muitas coisas boas. Neste novo emprego vou ser auxiliar técnica, devido o curso que me favoreceu muito. |
| Egresso 3 | Total. O curso foi muito importante e hoje o que sei, aprendi na área que eu trabalho, que é eletromecânica, mas o curso deu-me base, a teoria associada à prática, a teoria realmente leva a gente ao patamar de um conhecimento bom e ele te dá uma segurança em relação ao dia a dia, porque a primeira coisa que se passa pela cabeça quando você vai se formar no curso técnico é o que vem agora, o que vou ter que enfrentar e se estou pronto pra isso . E aí tem que se jogar um pouco com a sorte e com a coragem, mas o curso te dá base teórica. Já serve, então, é assim. |
| Egresso 4 | Além de ter feito muitos amigos lá na escola, o conhecimento que eu tive, pude desempenhar dentro dessa empresa que eu trabalhei: a Bambozzi, aqui cresci profissionalmente e pelo fato de ter o título de técnico mecânico foi o que me ajudou também a entrar na empresa de aviação e lá eu também pude crescer, ser respeitado. A escola técnica me ajudou muito. |
| Egresso 5 | O curso contribuiu de mais pra minha vida profissional. Hoje não tenho nem como explicar tudo isso, porque eu entrei na EMBRAER assim que terminei o curso, eu entrei lá pelo curso em si. E com o curso técnico eu consegui dentro da EMBRAER passar pra técnico e depois no meu caminho ficou muito mais fácil alcançar o cargo de engenheiro. Então eu sou muito grato ao curso técnico, valeu demais, trabalho na área de mecatrônica, trabalho com robôs. Enfim, tudo que aprendi lá valeu demais mesmo na vida profissional tanto de crescimento e as vezes é difícil achar um técnico de mecatrônica hoje no mercado. |
| Egresso 6 | Bom, na minha profissão ajudou, porque tive muito conhecimento de áreas lá que eu já tava trabalhando nelas, mas já tinha conhecimento que eu passei a ter depois que eu comecei a estudar na ETEC. |
| Egresso 7 | Foi o que começou minha vida profissional praticamente. Eu queria fazer engenharia depois desse curso, mas não tinha condições de fazer porque só tinha fora e até chegar a faculdade na cidade. |

Para os entrevistados o curso veio ao encontro de suas expectativas. Todos afirmam que o curso foi um passo importante dado em suas vidas, devido a auto-realização de cada um deles. Também um dos entrevistados afirma que diante da sua expectativa em relação ao curso tornou-se um colaborador dos professores no desenvolvimento do conteúdo programático, bem como divulgador e incentivador, isto é, um formador de opinião em relação aos cursos oferecidos pela escola ETEC de Matão.

Há que ressaltar, que os entrevistados afirmam que o curso colaborou no progresso de sua caminhada profissional nas empresas em que atuam. O curso passa ser um passaporte na conquista do novo emprego e que depende muito do seu desempenho também, pois os empresários exigem o curso técnico.

5 – Quanto à infra-estrutura da escola, prédio, equipamentos, atendeu às expectativas?

| | |
|-----------|--|
| Egresso 1 | Por ser a primeira turma não tinha material adequado. Parte instrumental faltou muito, a parte teórica era ótima. A parte ferramental e o laboratório tava faltando muita coisa. Hoje investiu-se muito, na minha época não tinha os equipamentos pra gente, era tudo muito teórico. Os tornos eram antigos. |
| Egresso 2 | Quanto à infra-estrutura da escola pra mim pecou muito em relação ao laboratório faltava algumas coisas. Tínhamos que dividir as ferramentas do laboratório. Deveria ser mais amplo com mais material, pois perde-se tempo ter que ficar esperando um terminar para usar os instrumentos. |
| Egresso 3 | Bom, não dá pra dizer que foi 100%, porque a cada período que estudei lá a gestão mudava e os recursos chegavam e foi melhorando. Não dá para reconhecer o que tinha na escola. Quando eu cheguei no primeiro curso em 91 com o último curso em 2005 porque já havia uma série de máquinas lá e alguns comandos que a gente não tinha naquela época. Estudava muito em livros, mas a gente não tinha o rádio. Só tinha o conhecimento teórico Hoje que a escola está bem estruturada. É uma das melhores, a ETEC Sylvio de Mattos Carvalho, da região, é uma escola muito boa, ma quando eu comecei era difícil, faltava recursos, mas a força de vontade superava tudo isso. Eu gostei muito. |

| | |
|-----------|--|
| Egresso 4 | <p>Na parte de maquinário quando eu entrei na escola não estava muito bom. Tinha 2 ou 3 tornos lá na área de oficina que funcionava legal porque naquele tempo o governo não mandava muito recurso pra escola, não se interessava muito. Depois que mudou o governador, eu não me lembro quem era naquele tempo, aí começaram investir mais nas ETEC e a escola ganhou. Eu não me recordo o projeto que a ETEC participou, pois a entidade que ganhasse, receberia um valor em dinheiro e vários maquinários novos, então, a ETEC ganhou naquele ano de 99 esse maquinário, só que eu já estava saindo em 2000 e não pude desfrutar muito bem dessas coisas. A infra-estrutura, sala de aula, as carteiras eram boas, tinha ventilador, tinha tudo certinho. A escola mudou bastante, mudou pra melhor hoje.</p> |
| Egresso 5 | <p>Primeiro, no curso de mecatrônica tivemos dificuldades em organizar a sala, a gente criou o layout dessa sala e com isso perdemos um tempo, mas valeu. A escola talvez não tivesse dinheiro para instrumentos mais novos. As empresas às vezes doavam algumas coisas na parte de motor e laboratório, coisas que a gente não tinha no dia a dia, mas acho que tudo é desenvolvimento, pois era o primeiro curso. Valeu à pena.</p> |
| Egresso 6 | <p>A gente tinha certa dificuldade com alguns laboratórios, mas durante o tempo que eu estava lá estudando muito equipamento novo chegou durante os cursos que eu ia fazendo. Eu vi, eu presenciei a chegada de muitos equipamentos novos, equipamentos de procedência de marcas que a gente conhece e quando, eu saí de lá da ETEC já estava com laboratórios muito bem montados e bem divididos, estavam passando por reforma e muitos equipamentos novos tinham chegado na escola, inclusive a oficina mecânica que era parte de torno que estava bem defasada, máquinas muito antigas passaram por várias reformas.</p> |
| Egresso 7 | <p>Por ser o começo, todo mundo batalhava para melhorar, praticamente a gente ajudou a montar a escola, principalmente a parte de laboratório que não existia. Faltava muito equipamento, por isso, dentro do possível foi satisfatório.</p> |

Sobre essa questão, os entrevistados abordam o assunto de maneira diferente, tendo em visto o período que cada um frequentou algum curso na referida escola.

Todos afirmam que em alguns momentos houve dificuldade, ou seja, dividiu o espaço e equipamentos dos laboratórios com outros alunos. Por outro lado, com o passar do tempo a escola foi sendo equipada e promoveu reformas nos equipamentos com maior necessidade de utilização.

Somente um dos entrevistados demonstrou certa empolgação pela escola, afirmando que houve um atendimento em 100%. Tudo isso aconteceu como afirma o entrevistado devido a frequência de vários cursos que ele fez em épocas diferentes. Outros relataram que sentiram dificuldade na questão do uso do laboratório, mas deixaram ao longo das entrevistas transparecer que, com o passar dos anos, as coisas foram adequando-se de acordo com as necessidades apresentadas.

Considerações Finais

Ao ser estudado no capítulo I deste trabalho o resgate histórico da educação geral e profissionalizante no Brasil da colônia até os dias atuais percebe-se que as transformações nos sistemas educacionais sempre expressaram projetos políticos e disputa de poder. Dá a entender que essas reformas educativas como parte de uma reforma social, ou seja, está muito entrelaçada a uma determinada ordem social. O “jogo de interesses” permeia a história e faz-se presente também no século XXI. Conforme a sociedade cresce, os parâmetros da educação vêm sendo modificados também e isso pode ser percebido no estudo do resgate histórico que foi feito no início deste trabalho.

Mesmo com a Lei 9.394/96 e o Decreto 2.208/97 o ensino profissionalizante ficou cicatrizado com a mesma ideologia desde o Brasil colônia, monárquico e os primeiros anos da República como ofício das classes menos desfavorecidas, desamparados, desvalidos da sorte, entre outras denominações.

No resgate histórico, a educação intelectual parecia estar voltada aos ricos e a manual aos filhos dos operários. Mas ainda neste século XXI esta atitude se perdura. Na ETEC em estudo constatou-se que a maioria dos alunos são filhos de operários pertencentes a uma classe social baixa e média. Para alguns deles o que deveria ser uma educação específica passa a ser “um prêmio de consolação” por não conseguirem cursar uma faculdade, formar-se na profissão que tanto almejava devido ao nível econômico da família.

Um dos pontos críticos discutidos e observados durante o estudo dessa pesquisa foi essa dualidade estrutural entre educação geral, mais intelectualizada e a educação profissional, alvo de muitos preconceitos, criando fronteiras difíceis de serem superadas. As tentativas feitas através de leis e decretos não tiveram resultados satisfatórios como já vimos. Provavelmente, essa dualidade continuará existindo se não mudar a mentalidade da própria sociedade. As leis existem e são reformuladas de acordo com a mentalidade política de nossos governantes. A realidade é outra, a sociedade muda e as necessidades são outras. Não temos ainda uma escola de qualidade para todos e única como defende Gramsci. Isso leva a educação a continuar permeada por desigualdades sociais. É preciso ficar atentos as mudanças que ocorrem na educação. Que a sociedade compreenda que a escola é uma instituição social onde todos têm o direito de aprender com qualidade, seja o filho do pobre ou do rico. É preciso mudanças de formas coerentes, condizentes com a realidade que vivemos.

Diante das políticas públicas do sistema educacional brasileiro, é preciso tomar cuidado quando tomamos a educação profissionalizante como provedora de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, na construção de uma sociedade que faça concretizar capital e trabalho. Sem qualquer avaliação crítica trata-se de um ensino que não tem um estilo próprio e autônomo, enquanto educação integral, pois sua formação dá-se pelas transformações do mercado de trabalho, o que torna deficitária a formação do sujeito.

A educação profissionalizante procura atender às exigências dos setores produtivos frente à competitividade que o mercado exige. Esta forma de adaptar-se ao sistema capitalista gera uma grande discussão sobre o ensino profissionalizante, que deveria estar voltado à formação integral do aluno, à formação humana e não apenas à demanda do mercado. Ter como princípio o indivíduo, seus valores e sua identidade, a partir daí, construir uma educação que interesse aos trabalhadores.

A questão trabalho e educação no mundo capitalista é problemática. Muitas vezes recebe-se uma educação fragmentada e o formando torna-se um mero executor de tarefas, o que não reverte em qualificação na formação integral, se considerarmos uma educação focada apenas no trabalho. A educação deve preparar todo cidadão para vida, levando-o à reflexão, ação, participação nos acontecimentos sociais, capacitá-lo para enfrentar e resolver problemas, desenvolver o espírito do trabalho em equipe, saber administrar e ser ágil naquilo que faz.

A educação profissionalizante vem satisfazendo todas às exigências de um mercado de trabalho que se modifica a cada instante, exigindo do aluno capacidade técnica e habilidades.

Por ser autônoma, a formação geral do aluno fica deficitária, pois os cursos mudam semestralmente de conteúdo e a formação dispõe de um tempo curto de dois anos no máximo, como vimos no segundo capítulo. A Pedagogia de competência que é exigida torna-se extensa e exaustiva e a formação humanitária e social acaba não sendo atingida, pois o ensino profissionalizante acaba não oferecendo espaço para essa gama de valores.

O segundo capítulo sobre A Escola “Sylvio de Mattos Carvalho”: educação profissionalizante inserida na cidade de Matão, comprovou que este tipo de educação é indispensável para o desenvolvimento industrial do município. Constatou-se um anseio e investimento dos empresários a cada semestre na espera de um novo técnico no setor, ou seja, a escola técnica tornou-se necessidade das empresas do município.

O que se constatou também é que mesmo com as propostas trazidas pela Lei 9.394/96 e o Decreto 2.208/97, a escola técnica não está preparada para oferecer uma educação profissionalizante como complemento da educação básica, pois faltam nos egressos conhecimentos básicos, como leitura, entendimento de texto, princípios fundamentais de cidadania, envolvimento às questões sociais, oratória, organização, liderança, conhecimentos gerais aos alunos, ou seja, eles possuem a técnica, mas não possui uma boa alfabetização.

Sabe-se que a educação básica é essencial a todo indivíduo para prosseguir seus estudos. Se a escola técnica não está apta para complementar a educação básica e se os egressos chegam lá com deficiências de habilidades é porque o alicerce da educação básica está falhando. É preciso, então, rever os conteúdos e capacitar melhor os alunos do ensino fundamental e médio. Faz-se necessário criar nossa própria política educacional com liberdade e administrá-la com nossos recursos já que somos um país rico e independente. Deixamos de ser colônia, mas ainda estamos amarrados economicamente e isso reflete na educação, pois as regras são ditadas por aqueles que investem no sistema educacional.

Formar um trabalhador que tenha espírito empreendedor, que seja inovador e que se adapte às mudanças do mundo capitalista, que saiba processar informações, desenvolver várias formas de raciocínio e que, perante os novos problemas e indagações, consiga criar novos saberes e questões, como exige a pedagogia das competências dos cursos técnicos, requer formá-lo não só para o mercado de trabalho, mas para o exercício da cidadania, priorizando outros saberes, o que não acontece na formação técnica e nem no ensino fundamental e médio. Por isso, a educação profissionalizante não pode sozinha, ser a responsável por uma sociedade mais humana, ou seja, uma sociedade nova.

Agora, a demanda emergencial do mercado de trabalho e a não coerência de que tipo de competência se quer, vem desfavorecer a construção deste aluno, pois a estrutura formativa do ensino profissionalizante acaba não sendo atingida pelo pouco tempo que se tem para trabalhar com o aluno, o conteúdo engessado, modelado e pronto acaba bloqueando a “liberdade” no ensinar dos professores, impossibilitando a transmissão de outros saberes aos alunos.

Contudo, é preciso pensar em uma educação profissionalizante que contemple as necessidades do aluno como um todo, dando a ele um ensino que

possibilite situações de aprendizagem variadas e significativas no contexto social em que vive.

Diante deste quadro, representações feitas à escola são variáveis entre empresários, docentes e alunos.

Os empresários referem-se à Escola como provedora de uma qualificação imprescindível à dinâmica dos empregos, por consequência, ao desenvolvimento da cidade. Lamentam a descontinuidade dos contatos da Escola com as empresas, afirmando que o interesse maior da Escola é com a inserção do formando no mercado de trabalho, não havendo a preocupação de um acompanhamento contínuo do seu desempenho. Percebe-se, neste aspecto uma demanda maior das empresas por uma participação continuada do que por parte da Escola.

Os professores criticam lacunas na formação integral dos alunos sugerindo que a tônica excessiva no mercado gera fragmentações difíceis de serem supridas, criticam ao burocratismo dos planos de ensino, sugerindo um alargamento de suas fronteiras.

Para os alunos, há significativa valorização do papel da Escola em suas vidas, chegando a aparecer certa identificação, por parte deles entre a Escola e a abertura encontrada na caminhada da vida.

As questões que nortearam esta dissertação não foram respondidas sem controvérsias. De fato, as prescrições do setor produtivo ditam as necessidades de aprendizagem no campo profissional. A substituição do ensino fundamental em conhecimentos organizados por disciplinas por currículo estruturado a partir das competências demandas pelo mercado de trabalho e organizado em módulos tem, efetivamente consequências que são bloquear, de certa forma a ressignificação da formação humana.

Constatou-se igualmente que nem sempre os professores investem na diversidade de conhecimentos, de forma crítica e continuada, ficando de certa forma, aprisionados ao que vem fixado nos módulos.

Tais razões não são suficientes para negar a importância da educação profissionalizante e do Centro Paula Souza para as perspectivas de desenvolvimento de Matão. Não se pode simplesmente incorporar a crítica ferrenha de parte significativa da bibliografia que acaba por desqualificar a educação a educação profissionalizante pelas amarras impostas pela racionalidade do mercado.

Em nossa avaliação, o círculo não pode ser fechado tão abruptamente. A educação profissionalizante pode ser, desde que acompanhada cuidadosamente, em seus limites e perspectivas, um fato de inclusão social e de estímulo ao desenvolvimento. Afirmação que não deve ser tomada como posição acrítica do investigador que conclui esta dissertação consciente das controvérsias e da necessidade do aprofundamento exigido pelo tema.

REFERÊNCIAS

A COMARCA. **Matão, edição de 13 de maio de 2011.** Ano 87 – n. 4.573. Diretor: Paulo Sérgio Gabriel.

_____. **Matão, edição de 21 de fevereiro de 1987.** Ano 63 – n. 3.319. Diretores: Habib Gabriel e Paulo Sérgio Gabriel.

_____. **Matão, edição de 07 de junho de 1986.** Ano 62 – n. 3.283. Diretores: Habib Gabriel e Paulo Sérgio Gabriel.

ANTONIOSI, Luciana. **Marketing Político de uma gestão participativa: um estudo de caso da prefeitura municipal de Matão/SP.** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente Centro Universitário de Araraquara – UNIARA, 2005.

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto – Conselho Nacional de Educação** - Câmara de Educação Básica – Assunto: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional e de Nível Técnico – Brasília –1998/99.

_____. **Decreto no. 2.208, de 17 de abril de 1997.** Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Educação Profissional: Legislação básica. 2. ed. Brasília, DF: PROEP, 1998.

_____. Ministério da Educação. BRASIL. **Ministério do Trabalho. Reforma do ensino técnico.** Brasília, 1996. BRASIL. Ministério do Trabalho. **Questões críticas da educação brasileira.** Brasília, 1995.

BRYAN, Newton Antonio Paciulli. **Educação e Processo de trabalho: contribuição ao estudo da formação de trabalho no Brasil.** (Dissertação de Mestrado em Educação: Filosofia e História da Educação). Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP, 1983.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social. Uma crônica sobre o salário.** Petrópolis: Vozes, 1998.

CENTRO DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA (CEETEPS) 40 anos. Assessoria de Comunicação (org). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2009.

CENTRO PAULA SOUZA, **Livros das Competências profissionais, n. 2, 2008.**

COMBLIN, José. **O neoliberalismo: ideologia dominante na virada do século.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª. ed., 1999.

CORDÃO, Francisco Aparecido. In: B. Téc. SENAC, Rio de Janeiro, v.32, nº 1, jan/abr, 2006.

CORDÃO, Francisco Aparecido. A Educação profissional no Brasil. In: PARDAL, Luís. **Ensino Médio e Ensino Técnico no Brasil e em Portugal: raízes históricas e panorama atual**. PUC/SP (org) Campinas: Autores Associados, 2005, p. 43-110.

CUNHA, Luiz Antônio. **As agências financeiras internacionais e a reforma brasileira do Ensino Técnico: a crítica da crítica**. In: ZIBAS, Dagmar et alli. O Ensino Médio e a reforma da educação básica. Brasília: Plano Editora, 2002.

_____. **Ensino Médio e Ensino Técnico na América Latina: Brasil, Argentina e Chile**. In: YANNOULAS, Silvia C. (org.). Atuais Tendências na Educação Profissional. Brasília: FLACSO, 2000.

_____. **O ensino industrial-manufatureiro no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, v.14, p. 89-107, maio/ago. 2000.

DELUIZ, Neise. **A Globalização econômica e os desafios da educação profissional**. Boletim Técnico SENAC, Rio de Janeiro, v. 30, n.3, p. 73-74, set/dez. 2004. Edição Especial.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Trad. Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos. 4ª. ed. 1955, p. 25-56.

FERRETI, Celso João. **Formação profissional e reforma do ensino técnico no Brasil: Anos 90**. In: Educação & Sociedade, ano XVII, n. 59, agosto/1997.

FONSECA, Celso Suckow. **História do Ensino Industrial no Brasil**. Rio de Janeiro: Escola Técnica, v.1, 1961.

FRANÇA, Sebastião Fontineli. **Uma visão sobre a educação brasileira**. In: <www.upis.br/posgraduacao/revista.../educacao_brasileira.pdf>. Acesso em: 05 janeiro 2012.

FREITAG, Bárbara. **Educação, estado e sociedade**. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FRIGOTTO, Gaudênio. **Educação e a Crise do Capitalismo Real**. 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **A produtividade da escola improdutiva**. São Paulo: Cortez, 1984.

GENTILI, Pablo. **Educar para o desemprego: a desintegração da promessa integradora**. In: FRIGOTTO, Gaudênio (Org.). Educação e Crise do Trabalho. Perspectivas de final de século. 6ª. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a organização da Cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

GRAMSCI, Antonio. **Caderno 12**. Apresentação Paolo Nosela. São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, 1989.

HIRATA, Helena. **“Da polarização das qualificações ao modelo de competência”**. In: Ferretti, Celso J. e outros. *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 1994, pp. 124-138.

JESUS, ANTONIO TAVARES DE. **Educação e hegemonia no pensamento de Antonio Gramsci**. São Paulo-Campinas: Cortez-Unicamp, 1989. 132p.

KUENZER, Acácia Zeneida. *Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola*. In: FRIGOTTO, Gaudênio (Org). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. 7ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Ensino Médio – Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. 2º ed., São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *A reforma do ensino técnico no Brasil e suas conseqüências*. In: FERRETTI, Celso J; JR, João dos Reis Silva; Oliveira, Maria Rita N. S. (org.), **Trabalho, Formação e Currículo: para onde vai à escola?** São Paulo: Xamã, 1999, p. 121-139.

_____. **Ensino médio e profissional: as políticas do Estado neoliberal**. São Paulo: Cortez, 1997 (Questões da nossa época, vol. 63).

LDB – Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 20/12/1996. São Paulo: Editora do Brasil S/A, 1996.

LEITE, Azor Silveira. *Uma história para Matão*. Matão: 1ª ed., 1992.

LEITE, Márcia de Paula, **Trabalho em movimento: Reestruturação produtiva e sindicatos no Brasil**. Campinas: Papirus, 1997.

LEONI, Ana Paula Ballista Borges. **As dificuldades da prática da educação ambiental no ensino fundamental de ciclo II: um estudo de caso na escola estadual Dorival de Carvalho de Matão – SP**. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente Centro Universitário de Araraquara – UNIARA – SP, 2008.

MACHADO, Maria Teresa Garbin. **Uma análise histórica do ensino profissional: do ensino artesanal à implantação do currículo por competências numa unidade de rede de ensino técnico Estadual Paulista**. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto – SP, 2007.

MALUF, Sahid. **Teoria Geral do Estado**. 22ª edição revisada e atualizada. São Paulo: Saraiva, 1993.

MANFREDI, Silvia Maria. **Educação Profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Trabalho, qualificação e competência profissional: das dimensões conceituais e políticas**. Educação e Sociedade, v.19, n.64, p.13-49, 1998.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**, cap. V – Processo de trabalho e processo de produzir mais valia. Vol. 1, livro I. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1994.

MELLO, Guiomar Namó de. **Magistério de 1º. Grau – Da competência técnica ao compromisso político**. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1982.

MENDES, Laudemir Otávio. **Políticas Públicas e a Pedagogia das Competências na Educação Profissional: a trajetória do ensino profissionalizante de nível técnico no Brasil e no Estado de São Paulo**. (Tese de Doutorado). Políticas Públicas e Educação da Universidade Estadual de Campinas – SP, 2005.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica). **Educação Profissional Técnica de nível médio integrada ao ensino médio**. MOURA, Dante Henrique, GARCIA, Sandra Regina de Oliveira, RAMOS, Marise Nogueira (org). Texto Base. Brasília, 2007.

MORAES, C. S. V. Notas históricas sobre origens do ensino técnico no estado de São Paulo. In: MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; ALVES, Júlia Falivene (org.). **Escolas profissionais públicas do Estado de São Paulo: uma história em imagens. Contribuição para a pesquisa do ensino técnico em São Paulo: inventário de fontes documentais**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2002, p. 47-50.

_____. Instrução “popular” e ensino profissional: uma perspectiva histórica. In: VIDAL, D.G.; HILSDORT, M.L.S. (Org). **Tópicos em história da Educação**. São Paulo: Edusp, 2001, p.169-204.

PAIVA, José Maria. **Educação jesuíta no Brasil Colonial**. In: LOPES, Eliane M. Teixeira; RIBEIRO, Maria Luisa Santos. História da Educação Brasileira. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.

PEIXOTO, Patrícia Ebani. **Do PLANFOR ao PNQ: uma análise comparativa sobre os planos de qualificação no Brasil**. (Mestrado em Política Social) Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, 2008.

RAMOS, Marise Nogueira. **Possibilidade e desafios na organização do currículo integrado**. In: FRIGOTTO Gaudênio; CIAVATTA, Maria (orgs). Ensino médio integrado: concepções e contradições. São Paulo: Cortez, 2005, p. 106-127.

_____. **O projeto unitário de Ensino Médio sob os princípios do trabalho, da Ciência e da Cultura**. In: FRIGOTT, Gaudênio; CIAVATTA, Maria (orgs). Ensino médio: ciência, cultura e trabalho. Brasília: MEC/SEMTEC, 2004.

REGO, Beatriz Gomes de Paiva Bordeaux. **Escola e trabalho: qualificação para o trabalho.** (Dissertação de Mestrado em Educação: Filosofia e História da Educação). Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP, 1983.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1939/1973)**, 29ª. ed., Petrópolis, 2005.

SECRETARIA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL (SEFOR). Ministério do Trabalho (MTB). **Sistema público de emprego e educação profissional: implementação de um política integrada.** Brasília, 1996.

SERAPHIM, Carla Regina Ulian Manzato. **Abordagem dos Resíduos de Serviços de Saúde (RSS) na Formação Profissional dos Auxiliares em Enfermagem de Araraquara – SP** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente Centro Universitário de Araraquara – UNIARA – SP, 2010.

STFANINI, Deborah Maria. **As relações entre educação e trabalho nas trajetórias de alunos de uma escola técnica: uma análise a partir de Bourdie.** (Dissertação de Mestrado em Educação) Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: UFSCar, 2008, 184f.

TUMOLO, P.S. **O trabalho na forma social do capital e o trabalho como princípio educativo: uma articulação possível?** Campinas: Educação e Sociedade, n. 90. vol. 26, 2005.

Webliografia

A constituição de 1937 artigos 129.

<www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm>. Acesso em: 05 janeiro 2012.

Avaliação da Instituição:

<<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/sai/Síntese%20da%20Avaliação%20Institucional%20-%20SAI%20-%20Etec%202009.pdf>>. Acesso em: 11 novembro 2011.

Biblioteca digital da UNICAMP:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br>>. Acesso em: maio/junho/outubro/2011.

Breve história econômica de Matão (secretarias – desenvolvimento econômico e da fazenda):

<www.matao.sp.gov.br>. Acesso em: 08 abril 2011.

Constituição:

<<http://www.infoescola.com/direito/constituicao-de-1988>>. Acesso em: 01 fevereiro 2012.

Demanda de alunos para o vestibulinho:

<<http://www.vestibulinhoetec.com.br/demanda/demanda.asp?ano=2012&sem=1>>. Acesso em: 10 janeiro 2012.

Educação no Brasil: a História das rupturas:
<www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb14.htm>. Acesso em: 18 janeiro 2012.

Educação Profissional e Tecnológica: das escolas de aprendizes artífices aos institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia:
<https://portal.fucapi.br/.../imagens/.../001_ed016_educacao%20profis>. Acesso em: 18 janeiro 2012.

Egressos cursos técnicos 2008:
<<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/sai/relatorio-de%20egressos-cursos-tecnicos-2008.pdf>>. Acesso em: 10 janeiro 2012.

Escolas Técnicas – Cursos, Projetos e Técnicos:
<www.etecmatao.com.br>. Acesso em: 02 março 2011.

Estatística Municipal:
<<http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/calendario.shtm>>. Acesso em: 08 junho 2011.

Fundação Sistema Estadual Análise de Dados (SEADE) – Perfil Municipal:
<www.seade.gov.br/produtos/perfil>. Acesso em: 10 maio 2011.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – Cidades:
<<http://ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 10 maio 2011.

Localização das ETECs por região administrativa. Disponível em:
<www.centropaulasouza.sp.gov.br/ete/escolas>. Acesso em: 02 fevereiro 2011.

Município de Matão – Cidades, Empresas, Cidadão, Secretarias:
<www.matao.sp.gov.br>. Acesso em: 11 fevereiro 2011.

Perfil do Centro Paula Souza:
<<http://www.cpsctec.com.br>>. Acessado em: junho/outubro e novembro de 2011.

Plano Setorial dos Serviços Públicos de abastecimento de água e de esgotamento sanitário do município de Matão – SP (PLAMAE):
<<http://189.50.224.66:180/prefeitura/minuta.pdf>>. Acesso em: 27 dezembro 2011.

Quadros anexos à resolução CNE/CEB 4/99:
<www.pedagogiaemfoco.pro.br/lres4_99.htm>. Acesso em: 10 janeiro 2012.

RAMOS, Denise de Amorim. **Análises e preposições: A relação trabalho/escola na proposta educacional de Juscelino Kubitschek.** In:
<<http://revistas.facecla.com.br/index.php/reped/article/view/320>>. Acesso em: 28 abril 2011.

Regimento comum das escolas técnicas estaduais do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza:

<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/ETe/Regim_Comum_DEZ_06.doc>. Acesso em: 06 outubro, 2011.

Relatório de Avaliação dos Egressos:

<<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/sai/Síntese%20da%20Situação%20Profissional%20de%20Egressos%20SAIE%20%20Etec%202009.pdf>>. Acesso em: 13 fevereiro 2012.

Relatório de Avaliação SAI da ETEC de Matão:

<http://www.etecmatao.com.br/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=34&Itemid=62?>. Acesso em: 13 fevereiro 2012.

Relatório de Empregabilidade dos Egressos de 2008:

<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/Principal/2009/mai_20.htm>. Acesso em: 13 fevereiro 2012.

<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/Principal/2009/mar_30.html>. Acesso em: 13 fevereiro 2012.

Relatórios do SAI e SAEI 2009:

<<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/sai/SAI.html>>. Acesso em: 13 fevereiro 2012.

Sistema de Avaliação Institucional:

<<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/sai/Síntese%20da%20Avaliação%20Institucional%20-%20SAI%20-%20Etec%202009.pdf>>. Acesso em: novembro/Dezembro 2011 – Janeiro de 2012.

Anexo 01

Roteiro com Professor

- 01 – Qual o seu nome, estado civil e data de nascimento?
- 02 – Qual a cidade que você nasceu? Por que veio para Matão? Que bairro você mora?
- 03 – Qual a sua formação acadêmica? Em que ano se formou?
- 04 – Possui alguma titulação? Especialização (qual); mestrado (ano); Doutorado (ano); Outros.
- 05 – Há quanto tempo leciona no ensino profissionalizante? E na ETEC Sylvio Mattos de Carvalho? Qual curso?
- 06 – Leciona em outras instituições? Quais?
- 07 – Quais as disciplinas ministradas por você no ensino técnico?
- 08 – Quais os recursos didático-pedagógicos e metodologia de ensino utilizada para ministrar as disciplinas?
- 09 – Quais as facilidades e dificuldades encontradas para ministrar as disciplinas quanto a: alunos, infra-estrutura, da escola e plano de ensino?
- 10 – Quais são as possibilidades do ensino na vida dos alunos, depois de ter terminado o curso?
- 11 – Fale sobre aspectos positivos e negativos no ensino profissionalizante.
- 12 – O que precisa acontecer com o ensino profissionalizante para ser um fator de desenvolvimento? O que ele trouxe pra Matão? Por que veio?
- 13 – Quanto à formação integral do aluno? O curso preocupa com as dimensões trabalho, ciência e ciência?
- 14 – Qual a diferença entre ensino profissionalizante e outros?
- 15 – O que poderia melhorar no ensino profissionalizante?
- 16 – Qual o objetivo geral deste ensino? Poderia ser diferente? Por quê? O curso qualifica ou capacita?

Anexo 02

Roteiro de Perguntas com os Egressos

- 01 – Qual sua data de nascimento?
- 02 – Onde você nasceu? A sua família é de Matão?
- 03 – Você sempre morou em Matão? Qual o motivo da mudança de cidade?
- 04 – Em que bairro você mora?
- 05 – Quantos moram na sua casa e quantos trabalham? Qual a escolaridade deles?
- 06 – Você é casado (a)? Solteiro (a)?
- 07 – Você cursou o ensino infantil?
- 08 – Você começou a cursar a primeira série em idade regular?
- 09 – Você sabia ler ou escrever antes de ingressar na escola? Com quem aprendeu?
- 10 – Onde estudou o ensino fundamental? E o ensino médio?
- 11 – Você mudou de escola? Por quê?
- 12 – Em que período estudou?
- 13 – O que o motivou a realizar um curso técnico?
- 14 – Qual motivo que o estimulou a optar pelos cursos técnicos da ETEC – Sylvio de Mattos Carvalho?
- 15 – Como obteve conhecimento da existência dos cursos técnicos da escola?
- 16 – Foi o seu primeiro curso técnico? Que ano se formou? Se não, qual outro curso feito por você? E qual a instituição?
- 17 – Como você se relacionava com seus colegas? E com os professores?
- 18 – Quais eram suas notas mais freqüentes? Houve reprovação no curso?
- 19 – Seu percurso escolar foi marcado por dificuldades econômicas? E como é sua vida econômica hoje?
- 20 – Exercia atividade profissional no momento em que ingressou no curso? Fale um pouco sobre sua trajetória profissional.
- 22 – Começou a trabalhar com quantos anos? Como conseguiu o emprego?
- 23 – O trabalho atrapalha os estudos? É possível conciliá-los com o curso? Por quê?
- 24 – Você está trabalhando hoje? Em que tipo de organização exerce sua atividade profissional? Terceiro setor, empresa própria, privada, pública ou outros.
- 25 – Após o ingresso no curso, foi ampliada sua capacidade de conhecimento humano/profissional? Comente.

- 26 – Qual o curso escolhido por você? Por quê?
- 27 – O curso colaborou com o seu conhecimento cultural? Houve melhoria em sua capacidade de pensar de forma crítica?
- 28 – Qual foi a contribuição do curso para a sua vida profissional?
- 29 – Com o ingresso no curso técnico foi ampliada sua capacidade: de relacionamento; de trabalho em equipe; de comunicação e de organização? Comente.
- 30 – Quais as matérias em que você se saía melhor?
- 31 – Qual a camada social que seus colegas de turma pertenciam?
- 32 – O que curso lhe proporcionou mais chances de conseguir um trabalho?
- 33 – Após o término do curso, sente-se mais ciente do seu papel na sociedade em relação aos valores sociais? Por quê?
- 34 – Após a conclusão do curso você continuou estudando? Que curso fez e por quê?
- 35 – Como foi a linguagem de seus professores? Erudito/termos técnicos? Atendeu às suas expectativas? Comente um pouco.
- 36 – A infraestrutura da escola atendeu às suas expectativas? Se não, por quê?
- 37 – Você tem mantido algum contato com a ETEC Matão? Por quê?
- 38 – Em termos gerais, qual o conceito que você atribui ao curso que concluiu? Você aconselharia outras pessoas a fazerem o curso?
- 39 – Em sua opinião, quais seriam as dificuldades relativas ao curso técnico realizado?
- 40 – Existe alguma observação, algum comentário que você gostaria de fazer que não foi colocado?